



9

ALABAMA



1867

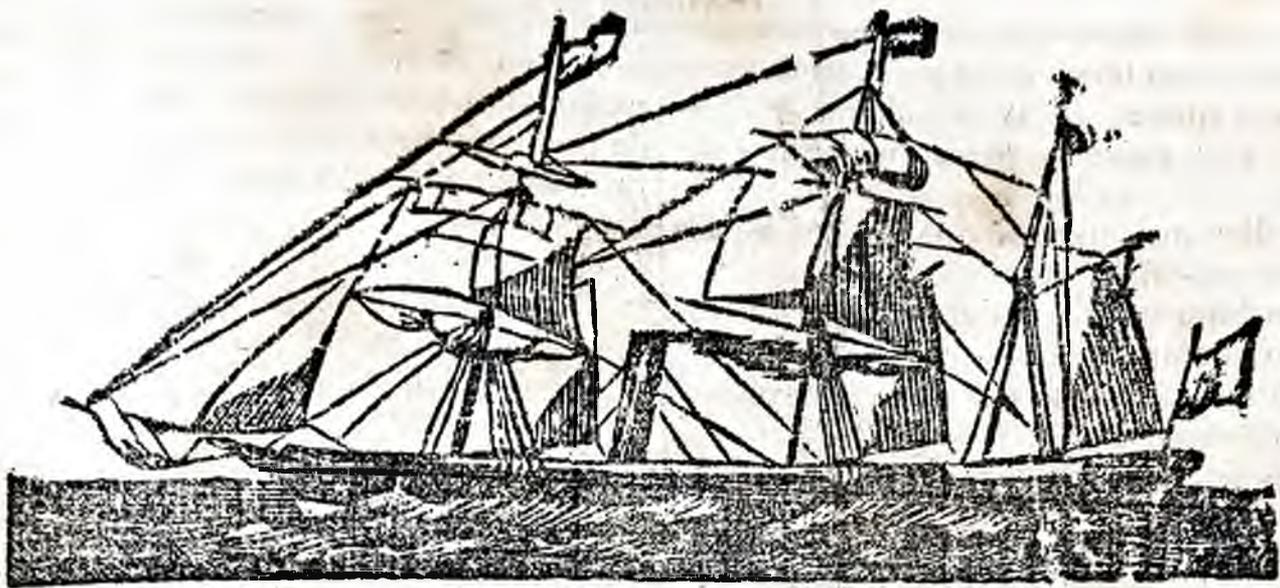
A

1868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a

á rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Serie 36.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE MAIO DE 1868.

N. 356.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
1 de maio de 1868.

Officio ao Exm. e Revm. Sr. arcebispo, pedindo-lhe que por amor á nossa santa religião, e dignidade da egreja, que S. Ex. tão mercidamente preside, mande syndicar si é exacto o boato que grassa—de que ha pouco tempo fôra o consistorio da cathedral desacatado e profanado por uma mulher hallucinada, que alli penetrando commetteu sacrilegamente escandalosos excessos.

Comquanto semelhante facto pareça inerivel de dar-se, S. Ex. reconhece o quanto são faceis de arraigar-se no espirito popular boatos semelhantes e portanto respeitosa-mente espera-se que S. Ex., no santo zelo de sua missão pastoral, se dignará mandar informar ao conego Cyrillo, como hospedado na referida sachristia, si tal caso se deu.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, pedindo-lhe que, a bem da moralidade, sirva-se de fazer acabar com um ajuntamento de capadocios, que ha á noite na fonte do Gravatá.

—Capitão, informaram mal a V. Ex.

—A respeito?

—Do pagamento do soldo da policia.

—O que ha então?

—Não é a nove dias que os miseros guardas estão sem ter o que comer.

—Ea quantos são?

—Ha VINTE DIAS, capitão; desde 10 do corrente, que não recebem vintem; e um já cabiu, na terça feira, extenuado de fome.

—Quem foi o infeliz?

—O velho Xavier.

—Coitadol!

—Passou todo dia em serviço sem comer, e exaurido de fraqueza, cabiu na rua, com tanta infelicidade que partiu uma perna.

—Entretanto para sinecuras, nunca falta dinheiro.

—Oh! prebendado Cyri!

—Sou um servo de V. Ex!

—Disse-me o Manuel que V. mimoseou-me com algumas palavras *marinhas*, dignas do caracter de um sacerdote devasso?

—Querem intrigar-me com V. Ex.

—Não creio que queiram intrigar-me com V.

O que creio é que V. é o conego mais safado e devasso, que tem o cabido de *Latronopolis*.

—Capitão!

—Um conego, que leva bofetadas de uma negra, no meio da rua, de ficar com a cara quebrada e no outro dia se apresenta na procissão de *Corpus-Christi*, parece-me que é safadol!

Um conego, que consente que a negra mais

descarada desta terra, entre pelo *templo maior* a dentro e quebre todas as cadeiras que en-
contra, por ciumes, parece-me que é de-
vasso!

Ora diga-me, quem é que lhe pediu para
assignar gazeta?

Quem é que quer a assignatura de um co-
nego tão immoral e infame como V., que em
logar de honrar a lista dos nossos assignan-
tes, a deshonraria!

—Capitão, são calumnias que me levantam.

—São calumnias que lhe levantam!

Tambem será calumnia V. levar os me-
ninos do côro para defronte da capella-mór
e praticar actos immoraes?

—Que falso!

—Tambem será falso, a Margarida, far-
pella de sua *amisade*, tirar-lhe o anel do de-
do e andar com elle pelas ruas desta cidade,
mostrando a quem queira ver?

—Que mentira!

—Tambem será mentira V. ir sentar-se
com a tal negra de sua paixão, a horas tardias
da noite, no Terreiro?

Tambem será mentira V. dizer dentro do
templo, que ha de ter quantas mulheres qui-
zer, pois é homem como outro qualquer?

Ninguem lhe censura por ter mulher; se lhe
censura pelo facto escandaloso de levar della
bofetadas publicamente!

Ora si para um secular, são feias estas
cousas, que deve ser para um conego?

Quanto V. levantar o habito para mostrar
que não é como se diz—que lhe faça bom
proveito!

—V. Ex. está muito mal informado a meu
respeito!

Eu sou um conego que respeito o templo
do Senhor!

—Hypocrita!

V. respeita o templo do Senhor, como
consente a Margarida la dentro do quarto on-
de veste se.

Responda-me descarado; responda-me des-
honra do clero!

—Ca....pi....tão, per....dão!

Não me bo....te a chro....ni....ca de fo....ra!

—Já treme na minha presença, miseravel!

Retire-se, cousa ruim e emmende-se des-
ta vida devasso e immoral, pois os conegos
devassos tem tambem o inferno em recom-
pensa!

—Capitão, encontrei no *Parahybano* os se-
guintes trechos que achei importantes.

—Leia-os.

—O correspondente de Londres para o
Jornal do Commercio de 11 do corrente dá con-
ta de certos documentos apresentados ao par-

lamento inglez, que muito dizem a nosso res-
peito: são officios do Sr. Matherer, ministro
daquelle governo em Buenos-Ayres, e decla-
rações do Sr. Gould, secretario da mesma le-
gação.

«O Sr. Gould, que como é sabido, esteve
no acampamento de Lopez e no nosso, falla
com pleno conhecimento de causa a seu go-
verno; e os ultimos acontecimentos da guerra
o confirmam.

«Elle assevera o seguinte:

«Que o presidente do Paraguay começou a
campanha á frente de 100,000 homens bem
armados e municiaados;

«Que si a esquadra brasileira se adiantas-
se e se interpozesse no Paço da Patria, os
25,000 homens do commando de Robles
nunca mais voltariam a reunir-se ao exerci-
to de Lopez;

«Que na batalha de 24 de maio a perda
paraguaya montou de 12,000 a 15,000 ho-
mens, e que se continuasse em peleja o exer-
cito alliado, a victoria seria decisiva;

«Que em 2 de setembro, depois do glorioso
feito de Curuzú, si a força alliada fosse avan-
te, a tomada de Curupaity seria infalivel,
tendo por consequencia o ponto final da
guerra;

«Que si logo depois de occupado Tuyu-
Cué, não ficasse parado o nosso exercito por
tanto tempo, Lopez seria forçado á rendição
ou completa derrota;

«Que afinal a falta de energia e de conhe-
cimento concorria para tanta demora na ter-
minação da guerra, pois que Lopez hoje não
tinha mais de 12,000 homens, quasi nús e
enfraquecidos, porque só as diversas pestes
arrancaram-lhe quasi 80,000 soldados.»

.....
—Mas é preciso acrescentar que os gene-
raes brasileiros encontraram sempre um obsta-
culo nos planos *calculados* de Mitre.

Á PEDIDO.

—Capitão, recrutei estes tres cangalhos.

—Que trambolhos são esses?

—São tres irmãos desnaturados, verda-
deira raça de Cains, que ha muito deviam
estar servindo de isca aos tubarões.

—Servem, servem.

—Estes tres cações consentem que um
irmão ande pelas ruas coberto de immundi-
cias, esfarrapado e descalço, esmolando um
bocado para comer e dormindo pelas soleiras
das casas. Si V. Ex. vir o estado do infeliz
corta-lhe o coração!

—Entretanto estas tres pizetas parecem
tres orgulhosos de chapa!

—E de facto são.
 —Como se chamam?
 —Um chama-se por estes assentos que em seu poder encontrei e *li Dio* Preira de Trimentel.
 —E o outro?
 —O outro é o *mestre* Bellas minas Preira de Trimentel.
 —Falta o ultimo.
 —O ultimo é o salabardote Trimentel, ex-capellão das *Contas enfiadas* do Janjão Pereira.
 —Bem.
 —Semelhantes lorpas são superfluidades da natureza e nenhum proveito trazem a sociedade, portanto, V. Ex. deve mandar deital-os ao mar como objectos desnecessarios, pois nem dos males dos seus se condoem.
 —Não são precisas lecções.
 O' muxingueiro!
 —Prompto.
 —Leva esses tres egoistas para o porão, por trinta dias serão os encarregados exclusivos da limpeza da latrina e outros misteres eguaes, depois do que os trará á minha presença para dar-lhes o destino que lhes convem.

—Mais uma do crapuloso vigario de Matatumim.

—Oh! que padre damnado!
 —Tinha de cazar-se uma rapariga e foi confessar-se na vespera com esse *lobo pastor*.
 Não sei que historietas contou-lhe o tal padreco, que sizanias metteu-lhenos ouvidos, que no outro dia desapareceu e quando se teve noticias della, foi que estava amaziada com o vigario!

—Então deixou a Vitalina?
 —Qual! Não ha muitos dias que houve um *perludio* entre ella e a filha do sapateiro.
 —Conte-me isso.
 —Vitalina estava fora do quadro e a filha do sapateiro de dentro; mas Vitalina assentou que era desaforo e veio fazer um berreiro em pleno dia na morada do padre.

Berreiro foi esse, que o padre, vendo a cousa feia, deixou as duas contendoras e foi arranjar-se em casa da Jeronima, em quanto o mar estava revoltado; mas dahi ha tres dias voltou de pazes feitas com Vitalina que retomou seu logar.

—Olhe que na tal classe de gente de capa preta ha coisas que nem para o fogo servem.
 —Este então fez da immoralidade seu brevario e da concupiscencia sua norma de vida.
 —Mas eu vou mandar passar-lhe uma esfrega, que ou elle toma geito ou larga o coiro por uma vez.

—Muxingueiro.
 —Prompto,
 —Sahe por ali a ver se pegas um membro do olho vivo, contra o qual tenho muitas queixas.

Dizem-me que elle acoita-se a sombra de um *pé de limão* e que anda sempre por uma rua onde ha flores sem cheiro.

Esse surripiente é sobrinho de certo *mercador judicial*...

—Basta, capitão, ja sei quem é.
 —Entre outras queixas, recebi uma, de que tendo empalmado uma anagoa em certa casa a fôra offerecer era outra e ali carregou diversos objectos dentro de uma coberta.

—Miséravel gatuno!
 —Outra gentileza que me contam delle é que, munido de uma porção de amostras de chitas se apresentara em uma casa e ali recebera dinheiro para ir buscar 20 covados no escriptorio e até hontem não voltou.

—Deixe estar que vou buscal-o, capitão; mas é que o diabo para nada serve, pois é defeituoso de uma das mãos.

—O defeito de mão não o priva do que tem de levar no lombo.

—Bem, obedeço.

ATENÇÃO.

Em um dos ultimos numeros deste jornal pediu-se pelo inclito S. *Bernardo minimo* ao *Tavares*, que fizesse com que o seu visinho um Sr. *filho do Senna* entregasse o trancelim de ouro, que artificiosamente tomou emprestado a uma pobre Sra. na Conceição da *Bocarinha*; porem este, depois de ter prometido fazer a entrega pedida, para não levar-se a presença do seu honrado chefe a competente queixa, disse que havia de dar muita paulada, em vez de trancelim; e assim parece, pois ja foi ter a porta da mesma aqueçal-a.

TOMEM NOTA.

Pergunta-se aos socios da philarmonica *Mi-nerva*, qual a razão de, nos dias de festa nacional, deitarem a bandeira brasileira arvorada ao lado esquerdo da luzitana.

O chefe de peça.

A CARAPUÇA VAE A QUEM TOCA.

Sr. alferes, deixe a pobre moça. Quer V. S. gozar do objecto que pertence a outro? Para que V. S. é sem sentimento? Difamar, e propagar que tem ingresso, querendo a viva força, sem respeitar amisade, entrar as 11 horas da noite em uma casa, que tem chefe. V. S. gos-

atrás que lhe forem a sua? por certo que não. N. S. que pertence a uma corporação que voa sobre a tranquilidade publica, como quer procurar desordem? deixe de se dar a petisco, cuide em sua familia que não faz tão pouco.

Epaminondas.

—Então, *Francisco*, ias hontem fugindo no vapor *Shamon* para o Rio de Janeiro?

Roubastes teu amo e agora procuravas escapar das garras da policia para ires te estabelecer de sociedade com o *Ferreira*; mas o *Guimarães de Gusmão* te frustrou os planos, meu ladrão!

Quem te olha, meu *barbaçudo* gallego, está vendo que és um ladrão, um falsificador de firmas e um passador de moeda falsa!

Por isso era que tu illudias á uma pobre mulher, na rua Direita do Collegio, dizendo que havias de recompensal-a logo que te *estavalecesses*, porque já tinhas roubado bastante a teu amo, o homem mais *barateiro* do commercio e fazias tenções de fugires, eim?

A policia ja devia ter te trancafiado na casa de correcção, o que esperamos, porque alem do mais levavas moeda falsa para passares nas provincias do sul, maroto de um dardo!

Fica certo que te não perderei mais de vista.

VARIÉDADES.

CONFUSÃO DE PARENTESCO.

Um habitante da Pensylvania, refere o—*Moniteur Universel du Soir*,—quiz atirar-se n'agoa, depois de ter bebido uma boa dose do brandy. Um seu amigo demoveu-o de tão fanesta resclução, e perguntanbo-lhe a causa do seu intento, elle respondeu-lhe assim:

—Casei-me com uma viuva, que tinha uma filha do primeiro matrimonio. Como meu pae vinha muitos mezes ver-me, apaixonou-se de minha enteada, e casou com ella. Deste modo meu pae tornou-se meu genro, e minha enteada minha mãe, porque era a mulher de meu pae.

Pouco tempo depois, minha mulher teve um filho, que ficou sendo cunhado de meu pae, e meu tio, porque elle era irmão de minha madrastra, a mulher de meu pae; minha enteada, f i mãe de um rapaz, que ficou sendo meu irmão e meu neto, porque elle era filho de minha filha, minha mulher era minha avó, porque ella era mãe de minha mãe; eu era o marido de minha mulher e tambem seu neto; e como o marido da avó de qual-

quer pessoa é seu avô, fiquei eu sendo ,vô. de mim mesmo!

—Ora, accrescentou elle, á vista de semelhante posição social. é facil comprehender que um homem não deve ter nenhum apêgo a vida.

UM ROUBO COM DELICADEZA.

Ha infinitos meios de roubar, e a historia que vamos contar descobre mais um.

Certo droguista ajustou com um pintor noviço o retrato de sua mulher pela quantia de 400 francos, paga em tintas e outros objectos necessarios para a pintura.

O pintor deu-se pressa de cobrar o ajustado, levando para casa cavalletes, tellas, palhetas, pinceis, tinta, etc. Deixou porem passar dous mezes sem apresentar o retrato.

O droguista foi procural-o.

—Porque não cumpre a sua palavra, quando é certo que eu cumpri a minha!

—Chame-me aos tribunacs.

—E' o que vou fazer.

No presença do juiz disse o droguista:

—Este senhor deve-me 400 francos e não quer pagar-m'os.

—E' verdade que os devo, mas não me nego a pagal-os.

—Então porque não começa o retrato?

—Porque se tivesse valor para começal-o não teria para acabal-o.

—Como! como!

—Eu lhe digo. A senhora sua mulher tem uma verruga no nariz, e por cousa nenhuma no mundo consentirei em fazer o retrato de uma verruga. O proprio Cicero tinha igual defeito, e por isso não temes nenhum retrato do grande orador. Antes morrer do que retratar uma verruga.

—Nesse caso, perco os meus 400 francos?

—Não, senhor.

—Paga-os?

—Está claro, e do modo que vou dizer-lhe.

O pintor declarou que não era rico, que vivia do seu trabalho, mas que pagaria ao credor levando-lhe todos os dias um franco a sua casa.

O droguista accitou, e d'alli por diante ficou sendo victima do artista. No primeiro dia entrou-lhe o pintor em casa á meia noite, deu um franco e pediu recibo.

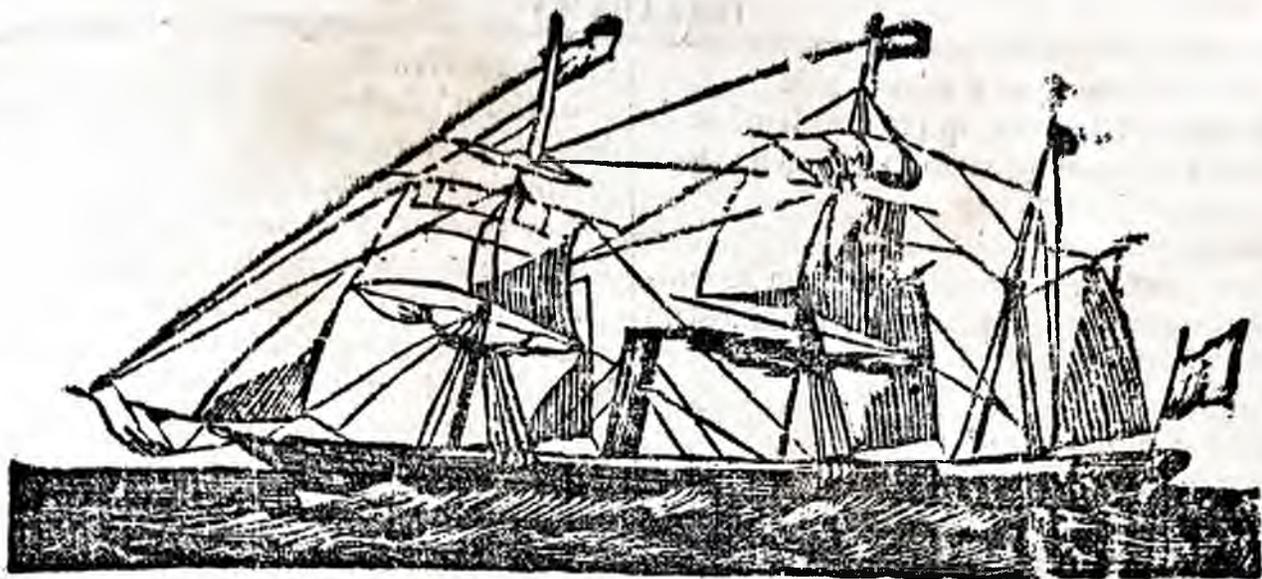
No dia seguinte foi á uma hora da madrugada, quando todos estavam na cama. O devedor exigiu que o droguista se levantasse para receber o dinheiro e passar recibo.

No outro dia apresentou-se ás duas horas da noite, e como o droguista lhe estranhasse a hora indvida, o pintor affiançou-lhe que levava todo o dia a trabalhar, e que de noite tinha de estar até 1 ou 2 horas em casa de um fidalgo que o protegia.

Ao decimo oitavo dia, o droguista, tendo recebido só 17 francos, mandou ao pintor um recibo de toda a divida.

ANNUNCIO.

Roga-se o favor ao Sr. M. V. de P. de vir ao armazem Mercantil, tratar de um negocio que bem sabe, ao contrario será seu nome publicado por extenso.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 44, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

5 DE MAIO DE 1868.

N. 357.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
4 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, participando-lhe que nos informam que um individuo de nome Antonio João de Mello exerce publicamente a profissão medica na freguezia do Monte, levando o arrojo de sua audacia ao ponto de chamar a conciliação as pessoas medicadas por elle, que de prompto não lhe pagam; e como semelhante industria não deve ser continuada a praticar por um charlatão, com grave damno da saude publica, espera-se que S. S. providencie á respeito.

—Ao Illm. Sr. consul portuguez, participando-lhe que ha 8 mezes falleceu na povoação do Para-mirim o portuguez Francisco Pereira de Oliveira, deixando uma filha de oito annos.

Esse portuguez deixou entre outros bens, doze escravos, um sobrado, um alambique, barco, etc.; os quaes um patricio do fallecido e de S. S. quer passar á sua folha por meio de subterfugios e para isso veio a capital e arranjou fraudulentamente uma licença de casamento, dizendo que a menor tinha mais do 12 annos e a não encontrar uma barreira no aústero character do venerando vigario do Monte teria realisado seu intento.

Baldado esse recurso, não desanimou elle e tratou de especular com outros que lhe déssem melhor e mais seguro resultado, e assim *mancomunado* com a mãe da menor, está dispondo dos bens em seu proveito, mandando avalial-os sem audiencia do juiz por um seu tio e chamando-os á sua folha.

Não convindo, entretanto, que continue semelhante extorsão, é de esperar que S. S., á vista do exposto, proceda immediatamente como é de justiça.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, recommendando-lhe a casa n.º 137, 1.º andar, á rua do Julião, cujos moradores, por seu irregular procedimento, tornam-se credores de serios cuidados e vigilancia da policia, mormente pelos alarmas resultantes da incessante jogatina que alli rola.

Espera-se portanto, que S. S. seja sollicito em providenciar.

—A illuminação publica vae cada vez a peor.

—Isso é malhar em ferro frio.

—A semana passada houveram dias em que não se accendiam ruas inteiras.

—A ladeira da Praça foi uma dellas. Na quinta feira eram 8 horas e haviam apenas tres a quatro lampeões accessos.

—E o povo que pague, que va soffrendo essas inclemencias muito caladinho.

—Tudo pega neste mundo!

—Principalmente si é cousa má.

—Si um dia houver quem se lembre de sahir para a rua de quatro pés, acha logo imitadores.

—Menos eu.

—Quer ver mais, quando até na assemblea, se propaga o brinquedo dos meninos no largo do Theatro?

—Chuchal

—Não ria que o caso é serio.

Os meninos, na rampa do theatro, divertem-se em atirar pedras em quem pela distancia não os pode alcançar, alguns deputados fazem da tribuna desabafo de paixões particulares.

—Ora vá cavar minhocas! Eu pensei que era outra cousa.

—Então não tem visto o ardor com que elles vão alli discutir as gazetas que tratam de suas personalidades?

—E V. a me assacalar o juizo com uma cousa que não vale a pena!

—Na verdade, não ha nada melhor do que ganhar oito bodes para tratar de seus interesses.

—Sim Sr., é justo.

—E aproveitar-se da immuniidade em que a lei os colloca, para entreter polemica, com quem é responsavel por qualquer cousa que diga.

—Homem, outro officio, cuide n'outra cousa que é melhor.

—Não sei entender que diabo de muxini-fanada é esta!

—Quanto mais eu, que não sei o que é.

—O Sr. Barbosa d'Oliveira disse que na assemblea provincial que o estado financeiro da provincia era prospero, que não havia crise; entretanto a provincia é uma marralheira que não paga a quem deve.

—São cousas.

—Os pobres soldados de policia andam a cahir de fome pelas ruas, e quando estão com tres soldos a vencer, lá sahe dos thysicos cofres um magro vencimento de dez dias, ficando sempre atrazada.

—Mas o Sr. Barbosa tem rasão, por que os quatrocentos bagos de dez em dez dias para o internato são pontualmente pagos.

—Bem; como em sua casa não se sabe o que se chama privação, não se lembra das colicas que outros passam.

—Teve logar hontem a cerimonia da elevação do pau despertador dos festejos do dia Dous de Julho.

—Foi concorrida?

—Muito.

—E os vivas?

—Foram dados pelo benemerito commandante superior Carvalho

Ao Dia Dous de Julho;

Aos veteranos da independencia;

Ao exercito e armada brasileira;

Aos voluntarios da patria;

E ao povo bahiano.

—Muito bem, muito bem.

—Durante o acto tocaram diversas muzicas e subiram ao ar muitas girandolas de foguetes.

—A ladeira da Misericordia está sem reirem Roque.

—E' o que serve.

—Os rascadores e turbulentos ergueram lá seu predomínio.

—Rara é a noite em que alli não ha uma brusiquilhada.

—Quem quer dar sua porretada, fazer seu beneficio em casa de alguma meretriz, já sabe, escolhe a ladeira da Misericordia.

—Pois si á noite aquillo é um ermo!

—Ainda na sexta-feira, quasi ha mortes na porta de uma tal Manuela; foi uma desordem tremenda entre dois pleiteantes á tal heroina.

—Espere, espere que para o anno temos policia para velar sobre tudo isso.

—Capitão, é curioso o seguinte caso relatado por um periodico de Pariz.

—Sobre?

—Uma carta dirigida á Deus.

—Conte.

—«Em uma dessas estreitas ruas contiguas ao mercado de S. Honorato, no ultimo quarto de uma casa muito velha, vivia uma familia de operarios, que acaba de ser accometida por uma destas desgraças que fazem estremecer.

A esposa, joven ainda, jazia enferma e de cama, e o marido, unico apoio de sua familia, soffreu um terrivel golpe que o privou de caminhar.

N'esta situação, que haviam de fazer?

Como poderiam alimentar-se aquelles infelizes?

Entre os cinco filhos da familia, havia uma menina de olhos azues, mui desembaraçada e que todos os dias recebia lições em uma escola gratuitamente. O dia que mais afflictos estavam, ficava em casa para attender no que pudesse a seus paes enfermos.

A desgraça de seu pai lho causava muita pena, por que trazia em resultado a fome.

Assim pois, a mesma innocencia lhe mostrou um meio de vencer as difficuldades com que lutavam.

Quando estivermos atribulados devemos di-

rigir-nos a Deus, nos diz a professora todos os dias. Pois bem, vou fazel-o; vou escrever-lho uma carta egual a que minha mãe me fez escrever para minha madrinha.

Dito e feito.

Assim que seu pae e sua mãe dormiam o pesado sono da febre, escreveu mal ou bem uma carta cheia de borrores, na qual pedia a Deus saude para os que lhe deram o ser e pão para si e para seus irmãos.

Em seguida sahiu de casa, foi a igreja de S. Roque, e procurou occultamente depositar seu pequeno bilhete em um dos altares.

Uma respeitavel senhora que a observava pegou lhe ligeiramente pelo braço e lhe disse:

—Que fases, menina?

A innocente aterrorisada começou a chorar e como a senhora continuasse a interrogal-a contou-lhe ingenuamente o caso.

Enternecida a boa senhora, consolou a menina e tomando a carta lhe disse:

—Eu me encarrego de fazel-a chegar a seu destino.

E acrescentou: — Escrevestes aqui os signaes de tua casa?

—Não senhora; me disseram que Deus tudo sabe.

—E' verdade, minha filha; porém talvez não saiba quem se encarregar de dar-te a resposta.

Então a menina lhe disse onde moravam seus paes e cheia de alegria voltou a sua pobre habitação.

No dia seguinte, ao levantar-se, encontrou diante da porta um cesto grande cheio de roupa: de viveres e dinheiro, sobre o qual tinha um papel que se liam estas palavras: — Resposta de Deus.

Poucas horas depois se apresentou um medico encarregado de assistir aos dous enfermos. Veja-se pois se a carta da menina havia ou não subido directamente ao céu, ou pelo menos sido recebida por um de seus anjos.

E' pena que na terra não hajam muitos como aquella senhora »

Á PEDIDO.

—V. não é da limpeza?

—Sou, sim Sr.

—Que historia é uma de muletas que ha por lá?

—E' um desconto que se faz no salario dos carroceiros.

—A pretexto de que?

—De faltas.

—Mas os cobres sahem da thesouraria.

—Parece.

—E para quem reverte esse dinheiro?

—Isso é que não sei responder. O que di-

go é que ha quem n'um mez perca 8 e 10 dias, somente por ir um pouco mais tarde ou outra qualquer cousa.

—Essa é boa! Deixe estar que eu heide saber do encarregado o que quer dizer isso.

AOSEXMS. SRS. PRESIDENTE DA PROVINCIA E CONSELHEIRO DIRECTOR DOS ESTUDOS.

E' possivel que na crise pecuniaria por que passa a provincia, esteja um tal José Matheus, porteiro do internato normal, licenciado por doente, quando elle anda diariamente pelas ruas desta cidade e em differentes igrejas assistindo a actos religiosos, e a pobre da provincia a pagar a um substituto o mesmo ordenado que o doente—*bom*—recebe, isto é, em vez de 600\$000 rs. annuaes, pagar rs. 1:200\$?

Espera-se de Ss. Exs. providencias para que não continue um tal abuso.

MOTTE.

O cabeça de Medusa

E' gente, é bicho, é o diabo.

GLOSA.

Supplicando a minha musa

Em quem tenho plena fé,

Que me inspirasse o que é

O cabeça de Medusa

Diz, depois que parafusa

De dois minutos ao cabo;

—Não é gente, pois tem rabo,

P'ra ser bicho é muito feio

Ser o demo quasi creio:

E' gente, é bicho, é o diabo.

—Que tafalaria é uma na Praça do Comercio?

—São as ganhadeiras do Caes Novo, que foram ao mar dar de comer a *mãe d'agoa*.

—Que diabo de patifaria quer dizer isso?

—Toda essa passarlhada é affeita ás superstições oriundas de Africa, e por isso tem como obrigação depositar no mar presentes todos os annos á mãe, d'agoa para serem felizes no negocio, e é esse preceito que acabam de cumprir e voltam.

—E a policia consente semelhante bachtal n'uma praça publica?

—Mas ellas não ficam ahi, dirigem-se para o *pegi* ou casa do santo.

—E aquella que está como possessa, endoudeceu?

—E' o *santo* que *subiu-lhe* a cabeça. E' mulher de Santa Barbara!

—Que desaforo! Ah chicote.

—Não vê a rapazeada como applaude? são apreciadores da orgia.

Aquelle já deu duas canadas de vinho, para a Bemvinda não ficar mal.

—E o resultado daquella rosquilha eu sei em que dá.

—Eu tambem sou do cordão; vou apreciar tudo e volto para lhe dizer.

ANTONIO OLAVO DA FRANÇA GUERRA E O CORRESPONDENTE DO JORNAL DO COMMERCIO.

Nascido e criado nesta provincia, sabem todos aquelles que me conhecem, que a minha vida coa-se no remanso da paz, de modo a ser pouco, ou nada acostumado a explical-a pela imprensa.

Infelizmente nestes tempos de demolição geral o meu character independente tem acer-rado as paixões pequeninas de inimigos gra-tuitos, que não perdem azo de ferirem-me já directamente, ja na pessoa dos que me são mais charos.

No *Jornal do Commercio* o correspondente desta provincia em relação a questão do li-berto—*Modesto*—coseu-se com as trevas do anonymo para invectivar a meu irmão Custodio Ferreira de Oliveira, deixando conhecer pela perfidia do golpe a mão traiçoeira da cobardia.

O fim do correspondente é desmoralisar ao governo actual como complice de um subal-terno venal, a quem não demitte, nem pro-cessa. Mas desgraçadamente, a insidia é de sua natureza de tanta e tamanha torpeza, que seria para desprezar, si o tribunal supremo da opinião publica não merecesse o respeito que lhe deve todo o homem de bem, cuja vi-da pode ser analisada a luz meridiana, em plena praça.

Felizmente o liberto *Modesto* conserva as cicatrizes dos açoutes para desmentirem ca-balmente o correspondente, e provarem que meu irmão cumpriu a sentença inflingida a *Mo-desto*, como testemunharam todas as respecti-vas guardas.

Si o medico que libertou *Modesto* para o ser-viço da armada, ou aquelle a quem cumpria inspeccionar—si elle tinha sido ou não açou-tado, infringiu o seu dever, não cabe a meu ir-mão nem a imputação, nem a responsabili-dade de faltas alheias.

Si o correspondente ainda sente nas faces o pundonor de homem, que tem o merito da coragem de seus actos, repita nos jornaes des-ta cidade o que mandou imprimir na corte (o que é uma cobardia, porque torna-se mais dif-ficil ao offendido chamal-o a responsabelida-de) desafivelando a mascara miseravel do ano-nymo, a menos que não queira que o publico

lhe cuspa na fronte a saliva de calumniador tacaanho e sicario, villão da reputação inequi-voca de um funcionario honrado e zeloso.

Triste gente que inveja ate um simples lo-gor de carcereiro!!—Bahia 29 de abril de 1868.—*Antonio Olavo da França Guerra.*

ANNUNCIOS.

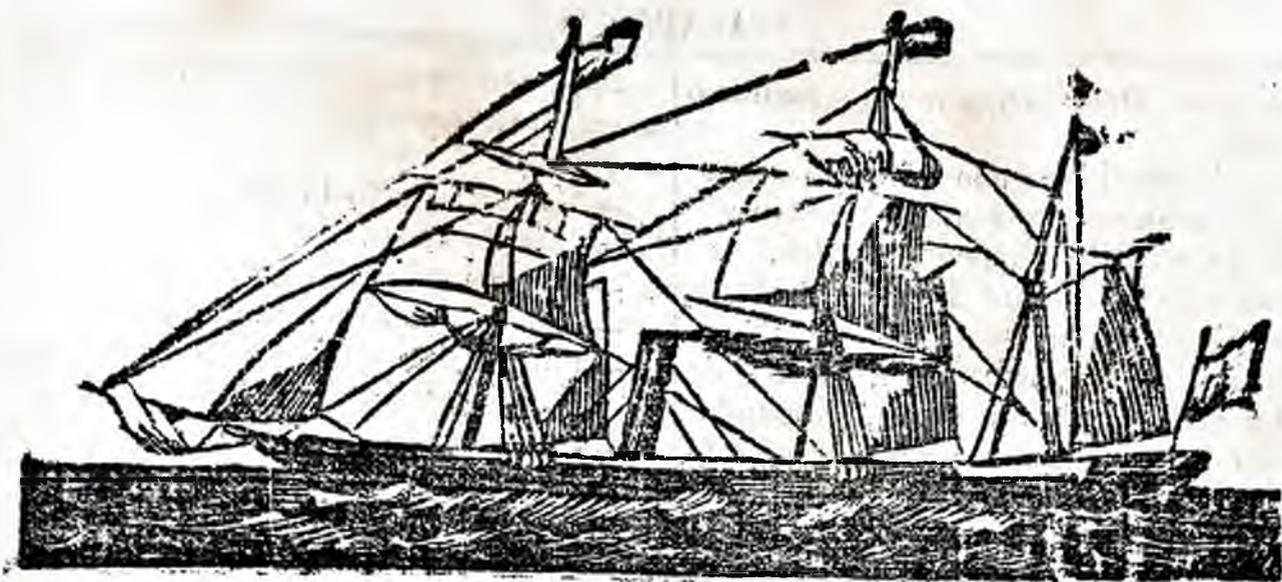
O abaixo assignado, tendo mandado vir de Inglaterra um pequeno vapor de crystal, preparado com luxo e todas as provisões pa-rra viagens de mero recreio, na extensa lagoa creada pelas agoas estagnadas no largo e es-trada da Boa Viagem, desde ja conta com a protecção publica. E tanto mais propondo-se o mesmo abaixo assignado a mandar vir do Alto-Amazonas grande quantidade de filhos de tartaruga, cuja pesca virá a ser para o fu-turo um recreativo e lucrativo entretenimento para os passeantes. *O progressista.*

Pede-se a certa intitulado professora que por *Nossa Senhora de Paris* perca o costume de intrigar e difamar aos concertadores de piano, nas casas em que vae dar lecções; por que os mesmos não se importam com sua boa ou má pericia na profissão que exerce.

Na venda n.º 1, ao Xixi, defronte ao arma-zen 13, vende-se tabocas para diversos fogos a 500 rs. a duzia e para busca-pés a 1\$ rs.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.º 35.

A viuva e filhos do finado Euzebio de Abreu Farias, abaixo assignados, do intimo do co-ração, profundamente agradecem a todas as pessoas que se dignaram assistir a missa do setimo dia, que pelo repouso do mesmo finado celebrou-se na matriz de Santa Anna, no dia 30 de abril. Agradecendo especialmente ao Revm. conego vigario da referida matriz a expontaneidade com que prestou-se gratuita-mente, cedendo de seus direitos parochiaes; e bem assim aos Revms. Srs. padres, Maximia-no Xavier de Santa Anna, Feliciano Candido Rodrigues, Leoncio Izidorio Pereira de Souza; e ao digno Sr. professor André Diogo Vaz Motum, e aos mais professores, que pela mesma forma se prestaram. Os abaixo assig-nados eternamente agradecidos lhes tributam o presente testemunh. Bahia 1.º de maio de 1868.—*D. Francisca Antonia Pereira de Fa-rias, Caetano de Abreu Farias, Francisco de Abreu Farias, Euzebio Virissimo de Abreu Fa-rias, Joaquim de Abreu Farias e D. Maria An-gela da Trindade Farias.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^ª

á rua do Collegio n.º 44, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

7 DE MAIO DE 1868.

N. 358.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
6 de maio de 1868.

Portaria ao Sr. Costa, armador, dizendo-lhe que é um mystiforio forrar os sinos de preto, tendo os mesmos de repicar á entrada e sahida de S. Ex. Beyma; portanto, não sendo compativel que a dôr se case com o riso, fique S. m. avisado para que de outra vez não dê semelhante pichotada.

—Voltamos ao tempo das excommunhões.

—Aki vem V. com lembranças de cacareá; ha hoje quem faça caso de excommunhões?

—Pois o vigario do Rio Pardo, a 8 do passado, acabada a missa conventual, excommungou a João Bispo de tal, porque tendo sido ha mezes eleito juiz do terço, o não tem feito até o presente, *prejudicando assim a elle vigario, na percepção dos respectivos direitos parochiaes!*

—O João Bispo, o que devia fazer, era tomar um taxante em agradecimento a tal excommunhão.

—Em vão o pobre homem defendeu-se, allegando que, não por falta de devoção, mas por atrazo de sua vida, tinha deixado de fazer a festa, foi excommungado, e ao sahir da egreja já ninguem queria approximar-se-lhe.

—Ainda ha quem creia nessas bugiarias!...

—Esse vigario esteve na capital da Bahia quasi um anno, e a camara dava-lhe attestado de frequencia para poder cobrar a congrua, porem agora o presidente da mesma entesou e exigiu que apresentasse a licença com que estava fora da freguezia, e eis que o vigario ameaça tambem de excommungar o presidente da camara!

—Bom; assim pode elle fazer o que quizer, armado com as suas excommunhões.

—O *Liberal* de Minas a quem eserevem, narrando este factio, diz que faz dó ver o medo e susto com que anda o presidente de ser fulminado pelo vigario.

—A coisa não é para menos; ver-se um homem isolado da communhão dos fieis e todos a fugir-lhe por causa de uma mal entendida especulação com a credulidade popular.

—Capitão, quer ouvir uma anedocta?

—Pois não.

—Quem me contou, affiançou-me que fui passada com um dos nossos actuaes deputados, quando estudante.

—Conte lá.

—E' um dialogo entre elle e o lente.

—Nada de commentarios.

«—Diga-me, Sr. F..., perguntava com ar de pouco amigos, um lente de geographia—onde estão as Canarias?

«—No viveiro de minha tia.

«—Valha-me Deus! Diga-mo ao menos o que é Chile?

O discipulo roeu bom meio palmo de unhas, resfolegou ruidosamente e afinal replicou:

«—Ah! Já sei! É o chapéu de papae.

«—Pedaco de selvagem! Faz-me perder a paciencia! Vá se sentar.

O bom do alumno obedeceu, como é de crer e foi se metter n'um canto, julgando-se livre do tormento. mas o professor que não era de graças, dirigiu-se de novo ao discipulo, perguntando-lhe:

«—O que é Havana?

Estacou o pobre rapaz entre soluços e resmungou:

«—Isso são uns charutos que papae fuma.

«—Excellent! Onde está o Rio da Prata?

«—Muito longe de minhas algibeiras, Sr. professor, muito longe!

«—E o diabo?

«—No inferno.

«—Graças a Deus, que ao menos sabe aonde ha de ir parar, respondeu o professor, perdendo de todo a paciencia.

—Si não é algum carapetão que lhe quizeram impingir, o tal Sr. merece bem o logar que occupa hoje.

—Alli ha gente, que tudo que me digam della eu acho pouco.

—Ante o nada da vida, para que tanta ostentação?

Até no lucto, galaás!

As dôres d'alma abafadas pelo estrepitoso ruido do fausto e da grandezza!

—Vaidades mundanas!

—Para que tanta vangloria? Não é assim que se edifica nos preceitos da humildade e charidade.

—O mundo exige essa ufania, esse aparato, esse fausto, e è preciso andar com o mundo.

—Si outro dissesse isso. mas quem deve dar o exemplo de simplicidade e desapego dessas futilidades da vida, que nada são e se esvaem como o fumo.

—Suas palavras fazem-me lembrar aquelle santo prelado, que não augmentava os commodos de sua casa para não converter o pão dos pobres em pedras.

—Falleceu hontem, depois de penosos soffrimentos, o tenente coronel Domingos Mendim Pestana, veterano da Independencia.

Nas nossas passadas luctas politicas representou saliente papel.

—Deus lhe dê o descanso eterno.

—É certo que foi espancado a pau de vassoura um recruta?

—Onde?

—No forte de S. Pedro.

—Não sei disto.

—Pois informaram-me.

—Mas não deram o motivo?

—Porque deu parte de doente para não embarcar para o sul no domingo.

—Si foi por isso é crueldade e despotismo.

—Eu não garanto, contaram-me.

—Onde se pode saber com certeza é no quartel general; vou ate la indagar.

—Pode ser que la mesmo ignorem.

—Diga-me alguma cousa relativa á guerra. Não entrou vapor?

—No dia 5.

—O que adianta?

—Nada, absolutamente.

O inimigo, apezar de morto a fome, ainda não se quiz render, assim como passara as 72 horas de bombardeio, sem que se julgasse azado ferir o ataque decisivo.

—Tudo isso parece uma mystificação!

—Aqui está o que diz o *Diario Fluminense* a respeito:

«DO RIO DA-PRATA E DA GUERRA.»

Ao terminar do mez de fevereiro, aqui entrou, em nosso porto, expresso do theatro da guerra, trazendo a grande nova da passagem de Humaytá e assalto ao Estabelecimento.

Grande enthusiasmo promoveu o governo e provocou a imprensa interessada com essa nova, e o modo porque a recebemos causou estranhese.

A parte official dizia então—que o inimigo estava literalmente encurrulado, e não podia escapar-se, devendo em 15 dias render-se pela fome!

O publico ha de lembrar-se do que então dissemos.

Puzemos nossas reservas e pedimos ao paiz que não confiasse de mais nas noticias.

Em poucos dias depois veio-nos a triste nova do assalto das canoas aos nossos encouraçados, assalto que revelou mais energia e actividade tactica no inimigo do que se presumira, embora a Providencia nos salvasse.

Foi para o governo e os entendidos da guerra aquella tentativa um acto de loucura e estupidez do desespero!

Ainda então nós discordamos dessa opinião

O inimigo ia render-se irremessivelmente; todos o acreditaram; so o nosso espirito doentio o duvidou, estranhando que nas condições expostas de fraqueza do inimigo, se não levasse um ataque geral as suas forças, e so

tivesse commettido o erro militar do assalto ao Estabelecimento, nas condições em que foi dado.

Depois veio nova da excursão á Assumpção, da tomada do Curupaity deserto, do aperto do sitio, e nada de acção! O inimigo escapara de Curupaity, não se sabe como, apezar do estreito sitio e encurralamento!

O bombardeamento prometido a Humaytá por agua e terra, começou a 11 do corrente; mas não houve ainda o prometido assalto, e os esfomeados paraguayos encerrados em Humaytá resistem garbosamente!

Lá vão decorridos depois da passagem de Humaytá *setenta longos dias*, dos quaes ha *cincoenta*, pelo menos, os paraguayos de Humaytá devem estar *sustentando-se de vento ou devorando se uns aos outros*, pois não tinham por onde haver supprimentos, e assim mesmo resistem, e não ha ataque do nosso exercito!!

Ha mais de *tres dias* Humaytá soffre bombardeio *horriavel, medonho*, por agua e terra, do nosso immenso trem de artilheria, bombas, foguetes etc. etc., e ainda não soffreu uma brechia!

Perante as leis da sciencia ou arte da guerra, perguntamos:

Isto tudo é serio, ou o poder está ludibriando esta pobre nação?

As noticias, que nos trouxe do theatro da guerra o transporte *Bonifacio* ante-hontem entrado no nosso porto, e assim de Rio da Prata, são as seguintes:

«Continuava o bombardeamento do Humaytá até a hora em que sahio o vapor.

«A fortaleza não está tão desguarnecida, como se propala pela imprensa, e, segundo uma carta particular que lemos, o inimigo tem sabido oppor-nos uma forte resistencia.»

LA VAE VERSO.

OPINIÕES.

SONETO.

Antes na vida, que na morte, o gosto,
Antes no forno, que no peito, a chama,
Antes no peito, que no baile, a dama,
Antes na paz, do que na guerra, o posto.

Antes no lenço, que nas mãos, o rosto,
Antes na rua, que no feto, a lama,
Antes no campo, que no copo, a gramma.
Antes no bem, do que no mal, o encosto.

Antes nos pés, que na bolsa, um callo,
Antes na bolsa, que na loja, abono,
Antes no ventre, que no siso, abalo,
Antes na colxa, que na campá, o somno;

Antes no prato, que na testa, um gallo,
Antes em no sa alma, que no mundo um throno.

RECITATIVO.

(IMITAÇÃO)

Era no inverno, quando a luz da vella
A cara della desgrenhada eu vi,
Lembra-me ainda do barulho insano
De atroz piano que berrava alli!

Vestido verde, sua fronte feia
Co'a lua cheia, semelhança faz;
Vi-a e perdido de lhe ver a lata
Fugi p'ra mata, nem olhei p'ra traz!

Oh! que era embalde! quanto mais fugia,
Mais me apparecia tão cruel visão;
So em lembrar-me de divisar seus passos,
Senti fracassos de ássotar-lhe a mão.

Tremulo, ancioso, repugnante o peito
Do negro effeito, de enconral-a a sós,
Vivi dois dias la na matta em meio
So com receio de escutar-lhe a voz.

P'ra ver-me livre da feroz matraca,
De jararaca, lhe chamava eu;
Chamei-lhe bruxa, camafeu, Megera
E a bruta fera so assim cedeu!

A PEDIDO.

—Queria fallar ao Sr. capitão do *Alabama*.

—Diga o que quer, senhora.

—Vim pedir a V. Ex. que expeça uma ordem a todos os ourives de Lutromopolis.

—Em que assumpto?

—Que, sr lhes apparecer, por accaso, um sujeito prosista, que se diz inventor de *mil ideias*, a vender alguns objectos de ouro, não comprem, porque são gamados.

—Isso é difficil, porque nem todos tem consciencia limpa e a senhora não tem provas para obrigar o meliante a dar conta do que é seu. Em todo caso vou recommendar ao aspirante toda attenção no cujo para ver si se descahe.

—Uma historia, capitão.

—Sendo breve, conte-a.

—A quartelou o batalhão do *Chaveiro do Ceu* e precisava *vestir-se* 120 praças, para cujo fim assignaram 16 officiaes 100\$ rs. cada um, que faz a quantia de 1:600\$ rs., e descontou-se de cada um guarda 100 rs. por dia, durante o espaço de 105 dias que estiveram aquartelados, que faz a quantia de 1:071\$ rs. e reunida a de 1:600\$ rs. prefaz a de 2:671\$ rs.

—E' já uma boa cifra para *vestir-se* as 120 pracas.

—Assim parece; mas não se contentaram só com isso. Apareceu um official do corpo que foi dispensado do aquartelamento, de voto de S. João, de quem o Manuel não gosta por ser amigo do Andrade, que tem loja de tecidos, e contractou fazer toda *vestimenta*.

—Que boa mochiba pegou elle! . . .

—O commandante, como amigo que é delle, consentiu ser a *vestimenta* feita de uma fazenda podre e ao sahir os guardas do quartel ainda se lhes descontou mais 2⁰⁰ 800 para *barrelle*; sendo escandalo ainda maior por se descontar até dos que estavam com os *barrelles* em bom estado e não quizeram tomar!

—Que ladroeira!

—Para provar a ladroeira que fizeram, basta dizer que cobraram por cada um par de colchete e um novelo de linha 80 rs., que em rigor não podia custar mais de 40 rs.

—Estê negocio de aquartelamento é bom para os commandantes espertos e certos officiaes se arranjam.

—E' uma boa chuchadeira!

EPISODIOS DA VIDA DE UM HOMEM EXEMPLAR.

(Uma mulher entrega lhe um papel.)

—Não recebo papeis aqui. . . . O que é isso? E' esmola?

Ora, eu dou esmola todos os dias.

Todos. . . . não ha um.

Na quinta feira Santa, foram-me em casa 500 e tantas mulheres e a todas dei esmola.

Isso é uma nunca acabar.

—Sublime exemplo!

Inimitavel seguidor do Divino Mestre, cuja doutrina era que a nossa mão esquerda ignorasse o beneficio que a direita fizesse!

VARIÉDADES.

UM ALMOÇO.

Grande pechincha! Grande pechincha! almoços de gallinha a 20 rs!

—Diogo, é necessario lá irmos.

—Olé, e ha de ser já, visto estar ainda sem almoçar.

—Salta! um almoço de gallinha a 20 rs.

—Prompto. respondeu um velho, collocando sobre uma mesa, defronte dos nossos comilhões, dous pires com milho.

A NOITE DE NOIVADO.

Desaparecem os convidados, e fica só o amoroso par.

A scena está illuminada pelos poeticos resplendores de uma lanpada de alabastro.

—Ah! Luizinha da minh'alma! Com quanta impaciencia esperava este momento!

—Amas-me muito, meu Frederico, não é verdade?

—Si teu pae me tivesse negado tua mão, já eu não existia.

—E eu tinha entrado em um convento ou tomado uma caixa de phosphoros.

—Que alegria, ter junto de mim o meu bem a minha felicidade, a gloria que tanto idolatro!

—Frederico!!!. . .

—Luizinha!!!

Apaga-se a luz.

VINTE ANNOS DEPOIS.

—Com a breca! Bem podias Luiza aquecer os pés antes de entrar para a cama.

—Jesus! Que homem tão fastidioso!

—Pois pões os pes em cima dos meus! Isso é insuportavel.

—Não me dizias isso ha vinte annos, quando nos casamos. Si não estás contente, procura uma casa maior e teremos quartos separados.

—Esse é o meu desejo ha dezenove annos, onze mezes e vinte o nove dias com as suas noites.

—Quem te impede que o realizes.

—O preço das casas.

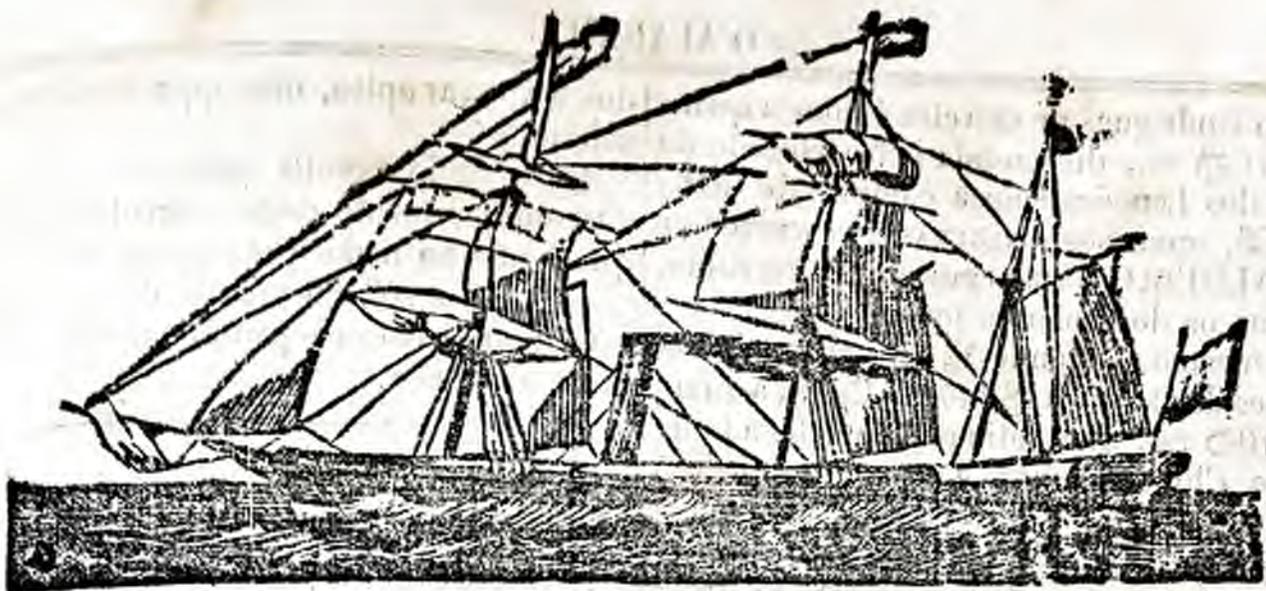
ANNUNCIOS.

POR CAUSA DE ENGANOS.

Francisco José da Silva Guimarães, lendo um artigo inserto no *Alabama* n.º 356 com data de 2 do corrente, no qual trata de um caixeiro, que se queria evadir depois de ter sido despedido por seus amos os Srs. Barateiro Irmãos e C., tendo o nome d'esse individuo posto que metaphoricamente apparencias com o meu, na parte que diz Guimarães barbaça, a-nolgia essa que se pode confundir com aigo; por ter sido eu caixeiro tambem da mesma casa; por isso venho as columnas dos jornaes afirm de que fique o publico convencido de que não se entende comigo. Deixemo-nos de enganos, que muitas vezes trazem o descredito a quem não tem dado motivo a ser taxado de ladrão e moedeiro falso, como exprime o referido artigo.

A pessoa que tiver a colleccção completa, ou mesmo com alteração, da *Marmota* periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dira a pessoa que compra.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.º 35.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

9 DE MAIO DE 1868.

N. 359.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.^o districto, submettendo a sua consideração o seguinte facto, para que S. S. por elle avalie o grau de segurança individual que ha nesta terra.

No Terreiro, ao dobrar para o becco das Moroas, ha um *canto* de ganhadores, entre os quaes ha um, que passa por ter dinheiro.

Na quarta-feira, apresentou-se ahi um sujeito barbado, e perguntou a esse ganhador se queria comprar um panno da Costa, de um carregamento que tinha despachado naquella instante n'alfandega.

Respondendo o preto pela affirmativa, dizendo que queria escolher para então ajustar, foi levado pelo inculcado vendedor a uma casa na ladeira da Ordem Terceira, onde já se achavam dois individuos exercitando-se no industrioso jogo dos dedaes.

Ali chegados, foi cuidadosamente fechada a porta, depois do que o vendedor de pannos perguntou ao preto si trazia consigo o dinheiro, respondeu este que não e que apenas tinha 4\$ rs., mas que si o panno lhe agradasse voltaria á casa a buscar o dinheiro. Sem nunca apparecer o panno, convidaram o preto a entrar na tal *advinhação* dos dedaes, e como este

se recusasse, agarraram-o e quizeram violentamente tomar-lhe o dinheiro! O preto lucton e safou-se da unha dos larapios e poudo galgar a rua.

Não é a primeira vez, que semelhantes individuos, bem conhecidos, commettem attentados destes, e muitos incantos tem sido victimas do latrocinio delles, á pretexto de examinarem objectos para comprarem.

E' contristador, que semelhante espectáculo se dê no centro de uma cidade, como esta, e por isso espera se que S. S., revolvendo e sua mente, depare com algum correctivo para taes ratoneiros.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, levando ao seu conhecimento, que está grassando as febres intermittentes na povoação da Barra, proveniente dos pantanos de agoas pluviaes, que se ajuntam entre as propriedades dos Srs. Magalhães e Gavazza.

Espera-se de S. S., tão zeloso como se tem mostrado pela salubridade publica, providencias a respeito.

(No mesmo sentido a camara municipal.)

- Moralidade governamental.
- Que fructa é essa?
- Veja:

« PRESIDENCIA DA PROVINCIA.

« Expediente do 4.^o de maio.

« Officio ao inspector da thesouraria de fazenda.—Mande V. S. pagar ao capitão Ma-

ximiano Rodrigues de Oliveira Junior a quantia de 16\$ rs., dispendida pelo delegado da cidade dos Lençóes com a compra de CORRENTES, CADEADOS, ALGEMAS E CONCERTO DE GARGALHEIRO para segurança de recrutas, conforme os documentos juntos.

«Ao mesmo.—Mande V. S. pagar aos negociantes desta praça, Simões e Costa, a quantia de 10\$ rs., dispendida pelo delegado da villa de Chique-Chique com a compra de 5 pares de ALGEMAS para recrutas, conforme o recibo junto, estando nos termos.»

—Que nesta actualidade se dê factos desta ordem, não admira; mas que tenham o dispende de dal-os á luz da publicidade, é que custa a crer.

—Pare que ha garbo em fazer alarde destas cousas, para mostrar o grau de moralidade que caracteriza a epocha.

—Vio o barulho na Praça?

—Quando?

—Hontem á noite.

—Não soube disso.

—Pois houve um pega-pega dos diabos. Reuniram-se para mais de 600 pessoas; a policia foi a unica que não deitou a cabeça de fora.

—E o que deu causa a essa tribusana?

—O principio foi uma questão entre os tambores, que fazem da porta do commando superior, alcouce de depravação e uma estabuada conhecida por *Pote virou*, porem depois tomaram parte na lucta guardas nacionaes fardados, principalmente de artilharia.

—Tanto que se tem clamado contra as patifarias praticadas por esses tambores, que fazem da Praça sua morada, e nenhuma providencia tem apparecido.

—O Sr. tenente Marinho appareceu e procurou serenar a tempestade, porem foi desrespeitado pelos turbulentos.

Consequindo prender um dos principaes amotinadores, um guarda de artilharia foi elle mesmo conductor do preso, por não ter outra força de que disposesse.

—Estando a guarda de palacio tão perto?

—Isso bastou para que fosse apupado por uma malta de mulheres perdidas e capadócios desde a Praça até o Terreiro, onde o preso conseguiu evadir-se, ajudado pelo grupo desordeiro, e o Sr. tenente Marinho levou uma solemne queda do cavallo abaixo.

—Esses desacatos ao prestigio da authoridade reclamam energica repressão.

—Como? Si não ha força, e a prova é que com tamanha algazarra, e o tenente esganan-

do-se á tocar apito, não appareceu um unico soldado!

Quem anda á noite pelas ruas é que vê o descommedimento destes capadócios, para os quaes não ha nada que mereça respeito.

—A noite sò? Eu vejo de dia elles praticarem quanta couza e pronunciarem os termos mais obscenos.

—Este nosso presidente tem levadas que não sei o que parecem.

—E' sestroso.

—A lei da guarda nacional diz que na dissolução de qualquer corpo, seus officiaes serão mandados addir aos outros corpos do municipio.

—Pura verdade.

—O 2.º batalhão de artilharia foi dissolvido e os officiaes ficaram como a mãe de S. Pedro.

Um delles lembrou-se de requerer para ser addido a um dos corpos e S. Ex. despachou—*requeria pelos canaes competentes.*

O homem replicou dizendo que o *canal* mais competente era o de S. Ex.

—Tibi.

—... porque dissolvido o batalhão não tinha commandante a quem se dirigisse; mas S. Ex., que quando dá para uma cousa é pertinaz, despachou dizendo—*tenho deferido.*

—E ficou o homem avulso?

—E' verdade.

—Ora *nonoroques.*

—Está hoje o collegio repicando tão baixinho!

—E' porque amanhan é o funeral da irman de S. Ex. Revma.

—Mas o que tem isso?

—O sineiro não quer tocar alto, porque a egreja está em funeral, e não quer tambem faltar a obrigação de repicar.

—Ora! Isso recorda-me o facto de que tendo morrido o filho de uma rainha de Portugal, no dia do officio, o prior de Alcobaga, não querendo magoar o coração da rainha com o toque dos sinos, nem tambem faltar a cerimonia dos dobres, tomou o expediente de mandar tirar os badalos e assim dobrar os sinos.

—O caso é que, quem pratica essas cousas, julga fazer um serviço, quando é ao contrario.

—Capitão, peço-lhe que aprecie este pedacinho do *Democrata.*

—Leia que eu presto attenção.

—Ouça:

«A SOCIEDADE E UMA MADRASTA.

«Si não sei escrever sei sentir, e por isso digo que a sociedade de hoje não é uma mãe terna, boa, intelligente, providente e carinhosa!

A sociedade de hoje é uma horrível madrastra, sem coração e sem entranhas; pois que ella só tem sorrisos para um pequeno numero de ricos, preguiçosos, parasitas e trahentes, mais que escurraça e amaldiçoa a maioria de seus filhos pobres, que têm as mãos calejadas e curvado o corpo pelo duro trabalho. Esta mãe não se occupa delles senão para pedir lhes dinheiro, sangue e suor. Quando estes chegam a idade de 18 annos (e quando tem pressa da obra nem mesmo espera esta idade) ella agarra os mais fortes, os mais bellos, os mais robustos; ensina-lhes a marchar em linha sobre tres de fundo, e apparece regularmente diante da artilharia carregada á metralha.

«Eis a unica educação de que dispõe esta mãe para com seus filhos.

E fallam a estes desgraçados pariás, esfolados e mortos como bestas de carga, do respeito que elles devem a uma tal sociedade, e do amor que elles devem ter a uma tal patria! Fallam a estes infelizes do amor da gloria! E' de mais, meu Deus... e é com estas palhaçadas que os lançam contra reductos guarnecidos e baterias cerradas! e, quando feitos em pedaços em nome da gloria, então atiram cabeças, troncos, braços e pernas dos feridos juntamente com os mortos em grandes val-las. Cobrem tudo isto de terra, acompanhando esta lubrica scena de um *Te-Deum* e está tudo acabado.....

E toda esta moral de deveres, de amor da patria, de respeito á sociedade, e do amor da gloria estas santas cordas do coração humano, que so servem á classe que as explora e covardemente envolve suas victimas, tudo isto para quem vê e sente a nudez destas cousas é bem infame e odioso.

Existe nisto um grande abuso e grande sacrilegio; e quando chegar o dia terrível em que o maior numero comprehender o que ha de pouco respeitavel e sagrado em tudo o que se lhes tem ensinado a vencer....

Sei que mostrando assim a verdade nua e crúa, encho de raiva e odio os máos homens que com conhecimento de causa a exploram, assim como os tolos que tem ainda nos ouvidos os discursos de suas amas e avós; mas o que fazer? Será preciso deixa-los gritar contra os homens do progresso, que lhes não fallam da associação pelas revoluções; mas sim, que lhes predizem revoluções e grandes

desastres, senão caminham para a associação:—o que será para justiça.

A primeira condição para que a sociedade tenha o direito de exigir do individuo amor e respeito è só quando ella tem o cuidado de educa-lo

Uma mãe, que abandona seu filho, não tem direitos a seu amor, ella só tem direitos a seu odio.

Portanto, a associação deve educação ao individuo, e; organisando o trabalho, será salva pela associação.

—Hontem, ás 11 horas da manhan o creoulo José Machado, morador á ladeira das Hortas, seguia pela rua por detraz de S. Pedro, quando ao chegar a porta do Sr. Pereira d'Albuquerque cahiu suffocado em sangue, proveniente da ruptura de uma veia.

Foi carregado para a loja do mesmo Sr. Pereira e até quasi 6 horas não haviam providencias officiaes.

—Aqui ha tempos houve quem tivesse a inaudita impiedade de arrancar da Santissima Cabeça de Nossa Senhora, venerada no Collegio, a sagrada coroa e ir empenhal-a em uma venda Atraz da Sé.

A imprensa tratou disto, mas ninguem, si importou.

Agora informam-nos que algumas alfaias daquella egreja acham-se tambem empenhadas em mão de um agiota.

Pode isso ser, e é de crer que seja inexacto, mas á vista de um tal boato, não era bom que quem tem obrigação, procedesse a um inquerito para chegar ao conhecimento da verdade?

—Sem duvida.

—Mas eu sei que clamo no deserto, e o facto, apesar de sua gravidade, ficará indestructivel e minhas palavras servirão de galhofa.

—Não se importe: peor é o descredito que resulta de semelhante pecha, infundada talvez, mas que quem tem obrigação não se anima a fulminal-a.

—E condenavel a cumplicidade de quem devendo velar sobre escandalos de tal ordem se deixa ficar impassivel.

—Depois andam ás carreiras deitando panos quentes.

Á PEDIDO.

—Está provado, capitão, o Illm. Sr. Francisco de Souza Carvalho, é um dos homens necessarios!

—Não ha ninguem necessario neste mundo.

—E não sei como o bom do homem pode se mecher com tantas occupações.

—Elle la o lê, la o entende.

—Thesoureiro do Bomfim o da Casa Pia de S. Joaquim, commerciante e subdelegado dos Mares, não sei como tem tempo para se coçar e como acode promptamente a todos esses encargos.

—O caso è que elle vae dando sota e bastos em todos e desempenhando a contento.

—Mas eu tenho ouvido dizer que o homem de muitos officios, não é perfeito em nenhum, e por isso ando duvidoso.

—Com elle éo contrario e a prova éque vae continuando; si a carga lhe fosse pesada por certo que a tiraria dos hombros.

—A bem da clareza, peço a palavra.

—Diga o que quer sem preambulos.

—Capitão, por occasião de um officio fúnebre, vi um mausoleu, *chefe de obra* que, alem do mais que por ora calo, terminava por uma lança e um panno preto nella amarrado, uma cruz, um calix e uma ancora.

—Safa! que mistura de grelos? Este mistiforio, em verdade, que precisa de explicação.

—E' o que espero de V. Ex., chamando, a sua presença o *armador macho* para dal-a. A cruz por baixo da lança! Que sandeu religioso!.....

VARIÉDADES.

EFFEITOS DA CHUVA.

Conversando um dia dous lavradores sobre a boa apparencia da estação:

«—Està o tempo maravilhoso; e se esta chuva dura mais quinze dias, começa tudo a sahir da terra, dizia um,

«—Valha-me Deus! exclamou o outro muito assustado,—e eu que tenho ja duas mulheres debaixo d'ella!

PHENOMENO.

Lê-se no *Parahybano*, da Parahyba do Sul, de 4 do corrente:

O mundo medico preocupa-se com o phenomemo seguinte: uma moça do Alemejo, de 15 annos de idade, não tem lingua, entretanto canta e preenche todas funcções deste orgão, como si o tivesse. Os medicos visitam o caso, mas não explicam-no!

Um dilettanti extasiava-se, no café de Paris, da belleza de mademoiselle Henriqueta Sontag, que tinha debutado recentemente nos buffos. Um individuo, que escutava o entusiasta, observou-lhe timidamente que mademoiselle Sontag era effectivamente muito bonita, mas que tinha um olho mais pequeno do que outro. «Um olho mais pequeno! exclamou o dilettanti, um olho mais pequeno! Não vistes bem; é exactamente o contrario, o que ella tem é um olho maior.»

O poeta francez Barthe era um dos homens mais

egoistas que se tem conhecido. Colardeau tinha sido um dos seus mais intimos amigos; mas desde certa occasião esfriaram as relações.

Quando Colardeau estava doente e ja as portas da morte, correu Barthe a sua casa e encontrou-o ainda com os sentidos, entendendo o que se lhe dizia.

—Estou desesperado, lhe disse, de o ver tão doente; comtudo quero-lhe pedir um favor. E' o de ouvir a leitura da comedia que acabo de escrever com o titulo do Egoista.

—Mas pense, respondeu o desgraçado enfermo, que ja me não restam sinão algumas horas de vida!

—Ah! meu caro amigo, é por isso precisamente que eu quero saber a sua opinião sobre a minha comedia.

Finalmente, Barthe teimou tanto, que o moribundo não teve remedio sinão consentir na leitura; e depois de a ter escutado ate ao ultimo verso sem ter dito uma so palavra, exclamou:

—Parece-me que falta ao seu protagonista um facto que o caracteriza perfeitamente.

—Qual? diga-o já...

—E', respondeu Colardeau sorrindo, o de obrigar a um amigo que está a morrer a ouvir a leitura de uma comedia em cinco act s.

Uma cura anglicano perguntava um dia a a um seu freguez:

—Que è feito do Cucas? Ha tres semanas que o não vejo na igreja e ninguem no povoado o tem visto, Será o socialismo que o affasta de mim?

—Não senhor, é cousa muito peor.

—Como? será o deísmo?

—Não senhor, muito peor.

—Pois que, será acaso o atheismo?

—Não senhor, cousa mais horrorosa,

—Então o pautheismo?

—Não senhor.

—Ou o arrianismo?

—Menos.

—Então o que é?

—O rheumatismo,

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

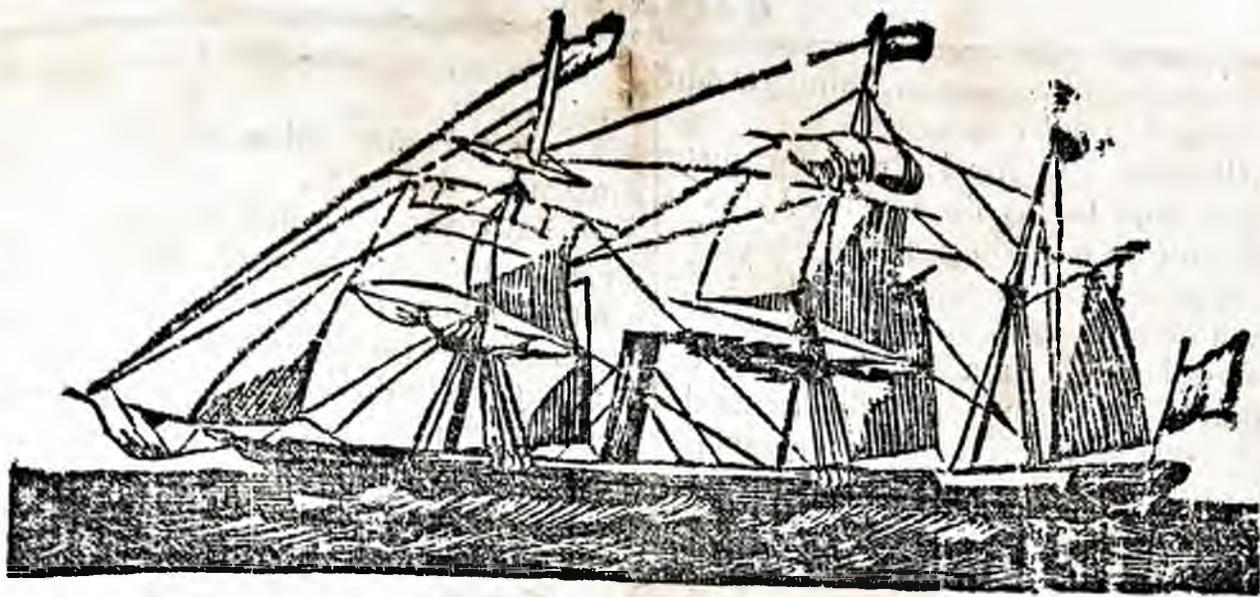
JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E MELLO

Incumbe-se de quaesquer questões, judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manha às 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Cattête n.º 39 G.

A pessoa que tiver a colleção completa, ou mesmo com alteração, da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia que se lhe dira a pessoa que compra.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.º 35.

Typ. de Marques, Aristides e C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 36.

BAHIA

12 DE MAIO DE 1868.

N. 360.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
11 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. administrador da limpeza publica, dizendo-lhe que mande carregar a immensidade de talos de bananeiras semeados pelo becco do Chinello e Baluarte, deixados alli por um carroceiro que recebeu gorgeta do proprietario de um bananal para conduzil-os e fez o serviço porcamente.

—Falleceu hontem (10) o Dr. Francisco Antonio d'Araujo, depois de algum tempo de terriveis soffrimentos.

O Dr. Araujo deixou um vacuo na jurisprudencia difficil de ser preenchido.

O nome do illustre finado faz o seu elogio.

Bom esposo, bom pae, bom cidadão, bom amigo, eram as qualidades que lhe ornavam alma.

Deus o chamou á mansão dos justos.

—A certeza que tem os larapios de não encontrarem obstaculo da parte da força publica, muito os anima em suas emprezas.

—Que duvida.

—Na sexta-feira ás 11 horas da noite, um sujeito encontrando aberta a porta da casa n. 33 A, em S. Miguel, na qual moram vende-

deiras de peixe e lavadeiras, introduziu-se nella e depois de percorrer todos os cantos sem nada achar que bifar, porque o quarto onde havia dinheiro estava trancado, para não baldar os passos ajuntou uma pouca de roupa e sahiu.

Presentido por um menino, largou-se em desfilada, sendo preso na ladeira na Poeira por dous inspectores de quarteirão.

Mais de meia hora levaram a apitar na enrusilhada que faz entre S. Miguel e a Estrada Nova e não appareceu um unico soldado!

—Como haviam de apparecer, sinão existem?

—Destas sorte estão os cacetistas com carta branca para espancar e até matar em plena rua.

—E' cada um tratar de garantir-se.

—Ainda esta vez as noticias da guerra goraram.

—E' verdade.

—Entretanto para que os leitores não fiquem com agoa na bocca, façamos alguns extractos de *Jornal do Commercio*.

«Pelo transporte *Apa*, entrado hontem, 3, á noite, recebemos folhas de Buenos-Ayres até 25 e Montevideu 26 do passado.

A unica noticia que encontramos do theatro da guerra, consta do seguinte telegrama publicado pela *Tribuna* de Montevideu de 23:

«Buenos-Ayres, 22 de Abril.

Forças alliadas passaram para o Chaco,

estabelecendo completo assedio. Humaytá não poderá deixar de render-se.»

Entrou hontem, 5, do Rio da Prata o paquete inglez *Arno* com folhas de Buenos-Ayres e Montevideu até 28 e 29 do passado.

Do theatro da guerra não ha noticia de feito algum de armas.

Estava estabelecida uma linha completa de contravallação em torno das trincheiras de Humaytá, o que permittiria conservar aquella fortaleza estreita, e seguramente sitiada do lado de terra por poucas forças, ficando o resto do exercito disponivel para outras operações que pareciam a ponto de tentar se pelo lado do Chaco, para onde haviam passado algumas tropas.

Nas folhas argentinas encontramos ainda as seguintes correspondencias de datas posteriores:

«*Acampamento em Passo-Pocú, 22 de abril de 1868.*»

Tem-se contado do lado do sul das trincheiras inimigas 54 peças de diversos calibres. Os trabalhos *não cessam, por parte dos paraguayos*, que nas suas guardas avançadas levantam fortes muralhas para se cobrirem. Os seus movimentos, porem, são puramente defensivos; a cavallaria que se lhes vê não chega a 200 homens, que fazem o serviço fora das trincheiras.

Acaba-se de medir o quadrilatero de Posso-Pocú até Curupaity, e conheceu-se que tem *sete legoas* de muralhas; agora falta a linha de Humaytá;—algun dia teremos occasião de medil-a e admirar os trabalhos dos paraguayos.

23 de abril.—No domingo passado as baterias de Humaytá que olham o exercito brasileiro, fizeram um fogo vivissimos. Eram 6 horas da manhan. O exercito ia pôr-se sob as armas, quando se soube que dous regimentos brasileiros tinham atacado uma guarda avançada paraguaya, tomando-lhe um prisioneiro e matando-lhe seis homens.

Immediatamente mandou o general Gelly y Obes felicitar o general Osorio, que respondeu: «que agradecia a attenção, mas que os resultados da jornada não indemnizavam as *perdas soffridas*. Effectivamente entre outros uma bala de peça levou uma perna ao coronel Hippolyto, que a esta hora terá failecido.

.....
E' provavel pois que o Chaco passe a ser o theatro de *uma serie de novos combates*.

Uma carta de Curupaity, com data de 18, dá noticia da volta de um nosso patricio que estava prisioneiro, desde o dia 3 de novembro do anno passado.

Chama-se Francisco Jozé Borges, e do 25

de voluntarios, mas estava no 4.º de artilharia.

Faz revelações sobre os nossos infelizes camaradas do dia 3.

Declara que o Cunha Mattos esta vivo e foi mandado para Assumpção, para diminuir o numero dos que comiam sem trabalhar; assim como os invalidos, creanças, doentes, &c.

Que o capitão Albuquerque e outras praças foram fuziladas por tentarem voltar para nós.

Que o trabalho de nossos officiaes e praças que elles desconfiam querer se evadirem, é trabalhar de enchada no Chaco.

Que o trabalho d'elle prisioneiro era servir de coeiro, e enterrava por dia 15 a 18 cadaveres.

E finalmente que no acampamento paraguayo havia *em quantidade* milho, feijão, mandioca e carne todos os dias pelo Chaco.

N'um officio do marquez de Caxias para o ministro da guerra encontra-se o seguinte trecho:

«Relativamente a Lopez, tenho hoje certeza de que, como ja o havia dito a V. Ex. em data anterior, se acha elle no Tibiquary com uma força de 6,000 homens das tres armas, destacando de vez em quando pequenas partidas de cavallaria, que exploram a extensa linha entre Tibiquary e Nepembucú, as quaes todas as vezes que se encontram com as nossas avançadas são por ellas batidas, destrôçadas e desfeitas.»

Na correspondencia do *Jornal do Commercio*, lê-se:

«Curupaity 18 de abril.—Vae partir para o Chaco uma ligeira expedição de cavallaria, commandada por um *major paraguayo*, pratico do logar, e portanto apto para fazer um reconhecimento, sem grandes difficuldades e perigos.

Isso prova o pensamento do marquez que conhece a necessidade de quanto antes mover o exercito para aquelle lado.

—Si é exacto isso, Deus queira que o tal major paraguayo não nos dê mais uma amarga lição da fidelidade com que elles nos servem.

—O bravo Jeronymo Gonsalves, chegado a corte, foi recolhido a fortaleza de Willegaignon.

—Assim mesmo é que se deve galardoar serviços.

Á PEDIDO.

Sr. Redactor.—Compellido pela necessidade venho rogar a V. para que me transcreva em seu conceituado jornal a represen-

ação feita a S. Ex. Revma. contra o padre Joaquim da Silva Cezar, vigario desta freguezia de Capim Grosso, a qual é do theor seguinte:

«Fabiano Rodrigues da Costa, vem segunda vez, humildemente representar a V. Ex. Revma. contra a conducta irregular, demoralisada, depravada e repugnante do Rev. vigario do Capim Grosso, Joaquim da Silva Cezar.

«Este parcho, Exm. Revm. Sr., é incapaz de envolver-se nas vestes sacerdotaes, não só em vista do que já levei ao alto conhecimento de V. Ex. Revma., e do sem numero de factos que á tal respeito existem, como tambem pelos que (compellido pela necessidade) agora vou levar de novo a illustrada apreciação de V. Ex. Revma.

«Este vigario, Exm. Revm. Sr., indigno de tal nome, não exerce acto algum de caridade; pelo contrario é vingativo e rixoso, ao passo que ha de occupar se em administrar os Sacramentos ás suas ovelhas, como manda a egreja, em infundir nellas a moralidade christã com a humildade compativel ao seu ministerio, trata somente de saciar suas paixões illicitas com actos indecorosos; bem como pagodes com prostitutas e toda sorte de mulheres perdidas e devassas.

«O alvitre deste parcho não fica ainda aqui, sobe ao ponto de dar denuncias falsas ás authoridades policiaes de pessoas (aliás gradadas) que se não querem prestar ás suas exigencias e nem servir de instrumento para seus fins libidinosos (doc. n. 1)

«Em o anno de 1865 por occasião que desobrigava a familia de José Gonçalves da Costa, no confissionario, (acto revoltante e por demais escandaloso) seduziu a escrava Joaquina para fins illicitos, como se vê do doc. n. 2.

«Seduziu tambem a Manuel Joaquim de Souza para este servir de mensageiro, afim de angariar a vontade de Honorata de tal, viuva honesta, para fins illicitos e deshonestos, promettendo em recompensa cazar uma filha deste gratis, como se vê dos docs. ns. 1 e 3, e porque não tivesse Manuel Joaquim de Souza querido prestar-se a tanta infamia tornou-se seu inimigo sigadal, á ponto de dar a denuncia, já mencionada, ao subdelegado Felix Alves dos Santos.

«Este parcho faz casamentos na egreja matriz por dinheiro, por preço de 40\$ rs., como se vê dos docs. ns. 4 e 5, levando seu arrojo ao ponto de ameaçar com a justiça, aquellas pessoas que não lhe quizeram pagar taes quantias, como se vê de sua carta sob n. 5; sendo assim, as pessoas que não tiverem

essa quantia obrigadas e sujeitas a que fiquem suas filhas entregues á prostituição, por não poderem cazar.

«A immoralidade e devassidão deste vigario, Exm. e Revm. Sr., sobe a ponto tal que conduz sem respeito algum, tanto ao seu estado, como ás familias desta infeliz freguezia, em desobriga com sua escrava Josepha, que é sua concubina, montada na garupa de seu cavallo, como se vê dos docs. ns. 5 até 10.

«Não satisfeito com immoralidades desta ordem, e nunca vistas, em uma occasião que sahio a desobrigar o povo, conduzia tambem na garupa do animal em que montava, uma prostituta devassa e escandalosa, de nome Carolina do Amor Divino, desde a fazenda Maria Ritta até a da Lagoa da Vacca, distante uma da outra duas legoas, ambas no districto de Patamothé, e tudo isto no meio de pagodes, voserias e bebedeiras, como dá noticia exacta o doc. n. 6.

«Que exemplo este para um povo em sua maioria ignorante?!!

«Depois de tudo isto, manda um subdelegado seu apologista intimidar por meio de ameaças a todas as pessoas, que haviam dado attestados, que se acham incertos na primeira representação que ao conhecimento de V. Ex. Revma. submetti, afim de que estas não só se desdissessem, como não dessem mais algum contra elle, o que se mostra pelos docs. ns. 11, 12, 13 e 14.

«Exm. e Revm. Sr., factos desta ordem nunca podem deixar de serem tomados em consideração por V. Ex. Revma., afim de que um povo, na maior parte ignorante, não pereça debaixo do jugo de um sacerdote que de humano só tem a forma, mas cujos feitos revoltantes só dão a semelhança de um tyranno.

«Portanto, o povo de Capim Grosso, humildemente espera de V. Ex. Revma. que lançará seus benignos olhos e benevola attenção para esta infeliz freguezia, mandando syndicar dos factos praticados por um tal sacerdote, esperando na philantropia e caridade de V. Ex. Revma. algum allivio pelas promptas providencias que der.»

Fabiano Rodrigues da Costa.

AINDA O VIGARIO DO CAPIM-GROSSO,

Sr. Redactor.—Rogo-lhe que dê publicidade em seu jornal a representação que abaixo se transcreve:

«Exm. e Rvm. Sr. arcebispo.—Fabiano Rodrigues da Costa, morador no municipio e freguezia de Capim-Grosso, impellido pelo desejo e ambição de ver não so sua pobre

familia, como todos os povos d'esta infeliz freguezia, livres do impio e deshumano padre Joaquim da Silva Cezar, vigario n'este logar, por cumulo de infelicidades, vem terceira vez implorar de V. Ex. Rvm. soccorro e limitivo a males que tanto flagelam a estas pobres, mais humildes ovelhas.

Exm. e Rvm. Sr., este tyramno cruel parece que até se julga soberano e superior a tudo; visto como, em sua audacia demonstra não querer curvar-se mais, nem as ordens sabias e religiosas de seu venerando prelado (segundo corre) pois que contando elle com a interesseira protecção do vigario geral de Joazeiro, diz abertamente que qualquer cousa que representem a S. Ex. Rvm. hade ser endereçada ao referido vigario geral, e que a este elle manda com imperio, porque foi seu collega, e depois d'isto que um certo mysterio o põe sob seu mandato e a dispos. de seus caprichos.

Exm. Rvm. Sr., dos muitos factos, provados com documentos que em fevereiro passado trouxe ao alto conhecimento de V. Ex. Rvm., d'essa época para cá não tem cessado de repetil-os diariamente e ainda com maior furor; e alem d'estes ainda outros de natureza diversa; como bem, uma recém-nascida, filha d'esse padre, com sua amasia Josepha, em *causa mortis* mandou que a parteira a baptisasse e baptisando-a esta regularmente, este parochio ante-christão não erendo naquelle baptismo, mandou baptisal-a segunda vez por Felix Soares, e não acreditando elle ainda no segundo baptismo, baptisou-a elle mesmo parochio e pae da recém-nascida terceira vez e ainda não satisfeito com este terceiro baptismo, mandou então chamar ao Rvm. padre Manuel Zacarias que a baptisou quarta vez, do que se pode bem concluir, que semelhante sacerdote, indigno de tal nome, não só é um adulterador de tudo quanto ha de mais sagrado, como até é um atheu, falto de fé, de crensa, de caridade e de religião.

Outro sim, quando alguns nubentes se apresentam na igreja matriz para se receberem por marido e mulher e não lhes satisfazem a quantia de 40\$ rs., por não poderem em razão de sua pobreza, puxa-os para o corpo da igreja e atropella-os com quantas perguntas lhe sugere sua stultice, dirigindo até obscenidades a moça, de forma que não podendo elles responder a tantos despropositos, se mostra enfadado, e não lhes administra o Sacramento do matrimonio, de forma que tal procedimento ja tem dado motivo por varias vezes, á que se reduzam innocentes victimas a prostituição, como aconteceu com uma filha

do Anna do tal; cuja moça foi criada por ignez de tal mulher do Manuel Listosa, moradores na fazenda Canôa.

A igreja matriz acha-se imunda de tal sorte que é habitada por mancegos e quando alli concorrem alguns fieis, exigindo qualquer Sacramento, mal podem suportar o fetido.

Finalmente Exm. Rvm. Sr., são tantos os factos revoltantes praticados por semelhante parochio in-nomine, que parece um impossivel o descreverem-se todos, porque para ennumerar-os, um a um, não haveria papel que podesse contel-os todos.

Portanto em vista do que humildemente a V. Ex. Ryma. tenho exposto, peço com todas as forças pelo amor de Deus e por tudo quanto ha de mais sagrado a V. Ex. Rvm., que se digne lançar olhos de compaixão para esta pobre e infeliz freguezia que ha tanto tempo, está entregue ás paixões furiosas de um parochio que mais parece um monstro do que creatura humana.

Assim, espera-se na magnanimidade, philantropia e piedade christan de V. Ex. que tantos males terão paradeiro pelas promptas e sabias providencias de um prelado conspicio, humano e justiceiro como é V. Ex. Ryma.

27 de abril de 1868.

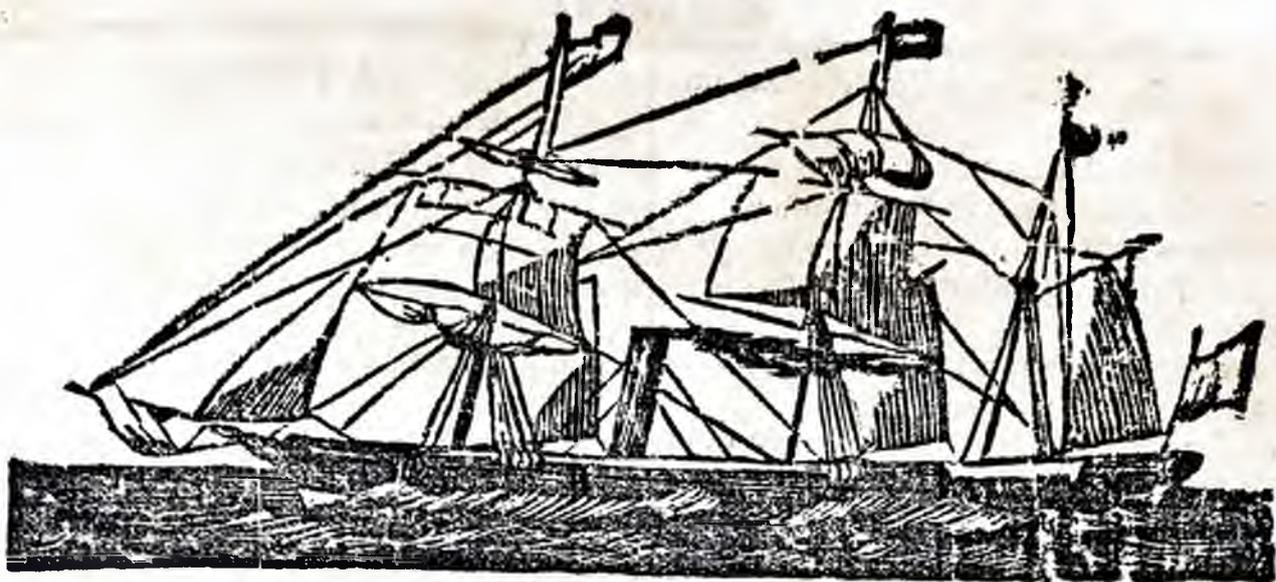
Fabiano Redrigues da Costa.

ANNUNCIOS.

Pede se ao Sr. M. A. de C. que restitua os objectos que levou da casa que não ignora, visto que o seu amavel pode comprar, pois que é abonado pela gaveta de seu amo. Advirta-se de que estamos despostos a publicar-lhe o nome e mazellas si não der acordo desi.

Joaquim Antonio da Silva Godinho o tenente Americo Constancio da Silva Godinho e D. Hermelina Adelaide da Conceição e Pinho, pae e filhos agradecem cordialmente a todas as pessoas de sua amizade, que tiveram a charidade de acompanhar, no dia 4 do corrente, ao ultimo jazigo os restos mortaes de sua querida e presada filha e irmã, Ideltrudes Joaquina da Invenção e Pinho, juntamente agradecem pelo comparecimento á missa do septimo dia, celebrada na matriz de Santo Antonio Alem do Carmo, e por esse acto não podem deixar de patentear seus humildes agradecimentos, com especialidade ao Illm. Sr. commendador José Lopes da Silva Lima, e sua Exma. familia, que se dignaram dar mais uma prova de sua amizade, pelo que lhe somos summamente agradecidos.

Bahia 9 de maio de 1868.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

14 DE MAIO DE 1868.

N. 361.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
13 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Santa Anna, requisitando-lhe a effectividade da postura municipal n. 58, em relação a umas mulheres que *sambam* toda noite na ladeira da Palma.

Portaria ao Sr. João Mello, convidando a vir á bordo deste navio.

—No sabbado quasi que é esmagado um homem nas Portas do Carmo.

—Como?

—Por uma carroça, cujo conductor, em vez de guiar o burro, ia de lado; o animal espantou-se não sei com que, e foi com a carroça de encontro ao passeio por onde ia o sujeito.

—Não sei quando se tomará uma medida preventiva contra este imminente perigo a que vive constantemente sujeito o publico.

—O Sr. Dr. chefe de policia, que tão boa vontade vae mostrando de corrigir certos abusos, tem se esquecido de uma cousa.

—Diga qual é.

—De ver se extermina essa praga de maltrapilhos pedinhões que infestam a cidade, a pretexto de devoção para este ou aquelle san-

to, quando tal especulação não passa de pura ganancia.

—Não se pode fazer tudo a um tempo: de-
vagar se vae ao longe.

—E' certo, mais eu tenho muito medo das
cousas destas terra que dão forte e duram pouco.

—Nesta terra não ha quem se importe com
a saude e bem estar do povo!

—Estou por isso.

—Para prova basta olhar para a fonte dos
Barris.

—Apoiado.

—V. sabe ao que é que se dá o nome de
fonte dos Barris?

—Ora essa: são algumas pipas enterradas
ao rez do chão, ao redor das quaes uma tur-
ba immensa de mulheres lavam roupa, dei-
xando escoar as aguas de sabão e varrela
para dentro das mesmas pipas.

—Justamente.

—Não è so isso; o uso de se banharem ao
pé das referidas pipas, dá logar a que a agoa
que se entorna pelo corpo caia dentro das
mesmas, indo toda essa misturada parar no
buxo do povo, que compra agua em mão dos
pretos de burros que a vão alli apanhar.

—Mas dá-se desmazelo maior?

—O que se ha de fazer? Cada um declina-
se de si a responsabilidade destas coisas, e
a besta de carga que é o povo, que soffra.

—A ladeira de S. Bento, uma das ruas

mais transitadas desta cidade, é uma miserial

—Como ella todas as mais.

—Alem de immensas buraqueiras, ha logares extensos em que não ha uma só pedra na calçada! Parece que foram arrancadas de proposito!

—E' por causa dos muitos carros que continuamente transitam por alli.

—E eu digo que pelo deleixo de quem deve zelar pela commodidade publica.

—Todos ja conhecem Marcos Rabeca por seu genio rixoso.

—E' um perluvista dos diabos.

—E capadocio consumado. Entra por casa das mulheres para tirar-lhes o que acha desgarrado, e até os candieiros das escadas não lhe escapam.

—Mas V. que lembrou-se agora de Marcos Rabeca, é porque elle fez algumas das delle.

—E' verdade; porem desta vez a cousa sahio-lhe cara.

—Quem com muitas pedras bole uma lhe bate a cabeça.

—Foi o que succedeu justamente.

Marcos Rabeca, não podendo alcançar de uma *mulher certos favores*, tratou de alcunhal-a com epithetos insultuosos; a mulher deu o troco ao pé da letra e Marcos sahio com um relho para fustigá-la.

A sugeitinha, que é dessas da pá virada, largou-lhe tamanha tijollada pela chocolateira, que elle foi de focinho ao lamaçal que ha no canto da casa que serviu de directoria dos estudos ao Caminho Novo.

—Em parte é bem feito, para ver si se emenda.

—Eu creio que é tão difficil elle emendar-se como as gallinhas criarem dentes.

—Nesta casa não pode deixar de morar gente do la se avenha.

—São *mulheres do mundo*.

—Eu bem disse.

Está visto que gente direita não atira cascas em quem passa e depois ri-se como se fosse uma graça.

—Que perúas!

—Alem de offenderem, zombam!

—Tome o n.º

—Para que?

—Sempre é bom.

—Como custa pouco, tomarei; é 9.

—Semelhante especie de gente não devia morar em rua como a de *Palacio*.

—Com isso é que não concordo; cada um more onde quizer, com tanto que proceda bem.

Á PEDIDO.

O Sr. *Luci indo ao Antonio* passou pelo *Querino* e tomou em confiança um relógio em certa venda para mostrar a um caixeiro, que dizia elle, queria comprar, e sumiu-se, deixando desse dia em diante de passar pela rua Direita de Palacio, seu caminho habitual.

Decorrendo muitos dias mandou o dono do relógio procurar ao Sr. *Luci indo* a sua morada na *Victoria*, mas elle não deu solução e desculpou-se ao portador com subterfugios, dizendo que mandaria o dinheiro por um escravo do Sr. Mendes.

Indo segunda vez o portador procurá-lo, teve não só arrojo de negar que tivesse tomado o relógio, como até portou-se desabridamente ameaçando o portador!

O facto da entrega do relógio foi passado á vista de algumas pessoas; portanto fique certo o Sr. *Luci* que sinão vier ou mandar no praso de trez dias entregar o que não é seu e que tão dolosamente retém, será chamado a presença do Sr. delegado do 1.º districto.

AO ILLM. SR. DR. DIRECTOR DO LYCEU.

Pede-se uma medida preventiva, que ponha termo ao procedimento irregular e intoleravel de alguns alumnos daquelle estabelecimento.

Não se contentando elles com apupar as pessoas que alli passam, levam a audacia a maltratar corporalmente com pedradas aquelles que lhes cahem em desagrado.

Disso ia resultando ser victima um dia destes, na ladeira da Palma, uma preta, a qual levou una pedrada tamanha, que não morreu, pode se dizer, por milagre. E até o ordenança do proprio delegado de policia não escapou das unhas dessa legião de bravos, atiradores das armas de Santo Estevão.

Accresce que as familias da redondeza são privadas de chegar á janella pela alluvião de ditos licenciosos e dissolutos que atroam por alli. Chegam a levar a falta de consideração ao decoro publico ao ponto de irem para a porta das casas, onde por accaso se toca piano para acompanhar com vozerias e cantatas obscenas.

Tudo isso depõe contra o conceito que deve merecer uma casa de educação daquelle ordem e da qual devem sahir moços que aspiram algum futuro na sociedade.

E' claro que semelhantes desmandos não são praticados pela corporação em geral, o que augmenta a necessidade de uma medida repressiva, afim de que o descredito que arrasta o procedimento dos maus, não venha a se reflectir sobre os de conducta morigerada.

É mesmo que é bom prevenir qualquer incidente desagradavel e até lamentavel, que uma hora por outra indubitavelmente terá de dar-se alli.

A moralidade publica!

—Capitão, recrutei mais este birbante para bordo.

—Pode limpar a mão a parede.

Traz V. um cascalho que nem para buxa de peça serve. Já está maduro e cheio de achagues.

—Quem, este cara de melão caboclo? Como está V. Ex enganado!

É manhoso como um jumento e astuto como uma raposa.

—Não parece.

—Quando V. Ex. souber do seu predica- do especial, admira-se.

—Qual é?

—A seducção.

—Olá! pois este desasado ainda cuida nisso?

—É seductor, depravado e cynico.

—É muito!

—Seducor, porque tem o torpe gosto de desenquieitar moças honestas, atiral-as na prostituição e abandonal-as.

Depravado, porque sendo casado, na visi- nhança de sua familia é que com o maior es- caudalo practica dessas torpezas.

Cynico, porque depois que consegue seus damnados fins, é o proprio que poem pela rua d'amargura a victima de sua libidinagem.

—Que pedaço de tratante!

—Não ha muito que foi morar perto desta harpya do pudor uma *reclusa* de certa casa de *indulgencia*.

O monstro illudiu-a com promessas e con- seguiu esmigalhar-lhe a coroa virginal.

Passados tres meses, abandonou-a, na maior miseria, e agora como a infeliz queixa-se a- margamente contra essa fera, tem elle o im- pudor de querer denunciál-a ao chefe ou *pro- vedor* do estabelecimento, afim de tirar-lhe a pensão de 800 rs. que dão-lhe para subsistir-se.

—Aonde achou V. tão degenerada creatu- ra?

—Na *empresza dos esguichos*.

—Sem duvida é *la empregado*?

—Creio.

—Malvado!

—E tambem é hypocrita, porque dizem-me que siage se muito de voto de Santo *André*.

—Muxingueiro mette a gargalheira no pes- coço deste abutre e dependura-o no mastro grande até segunda ordem.

PROVIDENCIAS! PROVIDENCIAS!

Em nome da humanidade pede-se ao Exm.

presidente da provincia, que condoa-se das infelizes familias dos guardas de policia em diligencia fora da capital, as quaes vivem na maior consternação e miseria, por falta de pagamento dos respectivos soldos.

S. Ex. deve attender, que quem se presta a tão penosos serviços tem direito a ser pon- tualmente pago para poder manter-se e a sua familia, visto que sacco vasio não se pode ter em pé.

Ajuize S. Ex. que dôr não é para um pa- ver seus filhos chorar com fome sem poder lhes mitigar o pranto.

Espera-se de S. Ex. um lenitivo a tão des- esperado estado de cousas.

Uma victima.

Pergunta-se ao cuspo cuspo se está scien- te da postura n.º 87.

Pergunta-se ao subdelegado dos Mares a rasão que o tem levado a não nomear ins- pectores; pois o seu districto está com falta de alguns que ausentaram-se e outros que não querem servir com S. S.

—Capitão, não tem ouvido de quando em vez rosnar-se a demissão do actual delegado do 1.º districto?

—Tenho; mas creio que isso não passa de noticia da meia noite.

—É uma ficção que não passa da vontade de alguns desafectos de S. S., os quaes se aprasem em propalar semelhante boato, com que fim não sei.

—Oral com o fim de desconceitual-o, é claro.

—Mas perdem seu tempo; e a prova está no seguinte officio publicado no *Diario*:

«*Secretaria da policia da Bahia, 4.º de maio de 1868.*

«Illm. Sr.—Tendo eu hoje interrompido o exercicio do meu cargo, para entrar no go- so de uma licença, venho com satisfação dar- lhe testemunho da intelligencia, zelo e leal- dade com que V. S. tem até hoje procedido no desempenho de suas attribuições policiaes, prestando valiosos serviços a causa publica e a mim especialmente importante coadjuvação.

Pelo que tambem não posso deixar de tri- butar a V. S. merecido louvor e de protes- tar-lhe os meus agradecimentos.

Concluo, entretanto, expressando os meus sentimentos de benevolencia, estima e apre- ço á pessoa de V. S., a quem Deus guarde.—

Illm. Sr. José Alvares do Amaral, delega- do do 1.º districto da capital.—O chefe de po- licia *Franklin A. M. Doria*.»

— Bem, o Sr. delegado que se dê por satisfeito por semelhante prova de apreço que lhe dá o chefe de policia.

ENIGMA.

Qual dos dois o mais bandalho? . . .
Qual dos dois o mais estúpido? . . .
Qual dos dois o mais larapio? . . .
Qual dos dois o mais esperto? . . .
Qual dos dois seria enganado? . . .

O Ze-to-junto do cano.

Leções de *roleta-geometrica*. Todas as noites. Dá o professor *Xico Canonizado* ao largo de Santo *Paduano*, onde habitavam os *mouros*, defronte do *Titibatás*.

VARIÉDADES.

Um vigário de certa freguezia gozava da fama de generoso amphitrião, e nas visinhanças todos ambicionavam ser convidados para os seus jantares.

Um lavrador dos sitios tinha uma gallinha ja velha, e lembrou-se de offerecel-a ao bom do parochio, para ver si assim era convidado à um dos seus opiparos banquetes.

Effectivamente o bom do sacerdote, penhorado com a lembrança do seu parochiano, convidou-o para jantar.

O lavrador não se tornou rogado, e apresentou-se desta forma:

— Sou, disse elle para dar se a conhecer, quem lhe trouxe ha dias a gallinha. Bã boa?

— Excellente, respondeu o padre. Chegou em boa occasião, vámos para a mesa.

Oito dias depois apresentou-se outro iedividuo em casa do sacerdote, dizendo:

— Sou visinho da pessoa que o presenteou com uma gallinha.

— Muito bem, respondeu o sacerdote, alegrou-me de o conhecer. Vámos tomar alguma cousa?

No dia seguinte tornaram a bater-lhe na porta; era outro amigo de couer á barba longa.

O parochio perguntou-lhe o que queria.

— Dizer a vossa reverendissima que sou visinho do visinho d'aquelle sujeito que fez-lhe o presente da gallinha.

— Seja muito bem vindo replicou o padre. Quer tomar alguma cousa, amigo?

O homem não fez cerimonia, e assentou-se á mesa, para cima da qual veio uma grande tigella de *soupa de agoa quente*.

Facilmente far-se-ha idea com que cara não ficaria o esperto convidado.

— Meu amigo, disse-lhe o padre, talvez ache insipida e de pouca substancia a minha sôpa; porem não se admire, porque é feita com o *caldo do caldo* da gallinha que o visinho do seu visinho me trouxe ha dias.

Um mestre de esgrima annunciou que por uma libra ensinava a dar uma estocada infallivel, mesmo aos que nada soubessem da arte. Um incauto cabiu no laço.

Como é então a estocada?

— Nada mais facil. Põe-so o Sr. em guarda; crusa a espada com a do seu adversario, e grita immediatamente: *ahi vem a policia*; o seu inimigo volta-se; e o Sr. atravessa-o de lado a lado.

— E os padrinhos?

— Esses são os primeiros a fugir.

Um estudante tinha por costume estar muito-distrahido na aula. Um dia o professor quiz reprehendel-o, e perguntou-lhe:

— O que é *physica*?

— O que é *physica*? Disse o estudante muito attonito.

— Sim, o que é a *physica*?

— O senhor é que o ha do dizer; quo eu não venho aqui para o ensinar, venho para aprender.

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E
MELLO

Incumbe-se de quaesquer questões judiciaes ou administrativas, perante os auditorios da côrte, onde é encontrado no seu escriptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os dias uteis, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde, e fora d'essas horas em sua residencia, rua da Princeza do Cattête n.º 39 G.

Pede-se ao Sr. M. A. de C., que restitua os objectos que levou da casa que não ignora, visto que o seu amavel pode comprar, pois que é abonado pela gaveta de seu amo. Advirta-se de que estamos dispostos a publicar-lhe o nome em azellas si não der accordo de si.

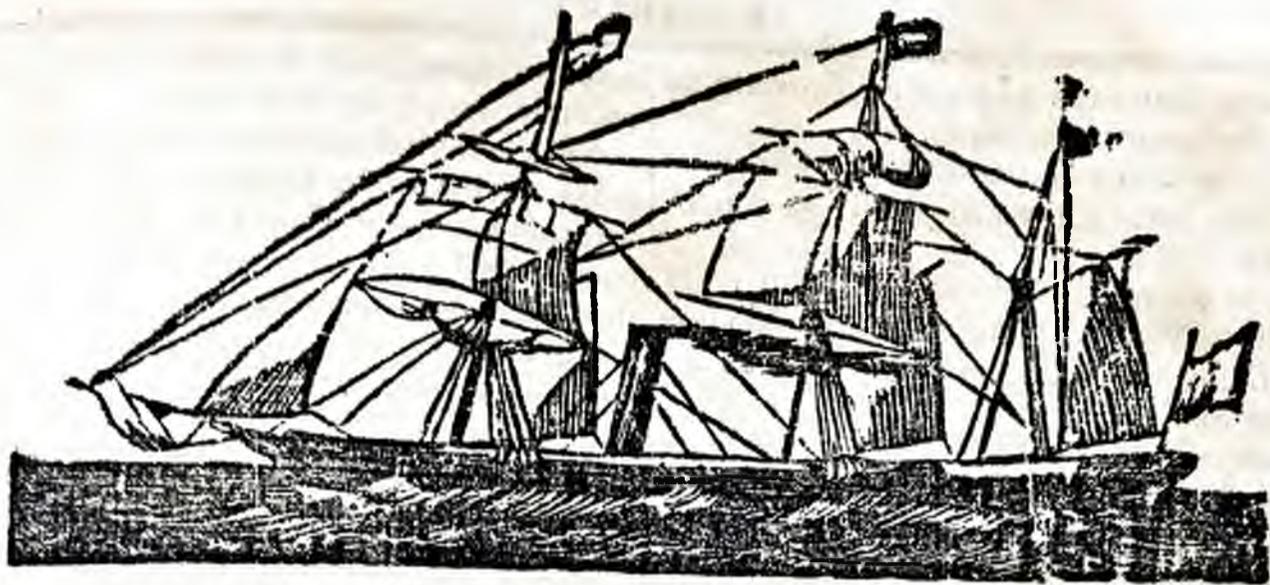
AO PUBLICO.

O Garibaldi declara as pessoas que lhe quizerem honrar, que se acha installado á Baixa do Bomfim, com bons petiscos, café, doce e tudo quanto diz respeito á regalos da barriga.

Cheguem portanto, rapazes.

A pessoa que tiver a colleção completa, ou mesmo com alteração da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia quo se lhe dira a pessoa que compra.

Precisa-se de uma ama, para serviço de casa de uma familia na rua direita de Santo Antonio alem do Carmo casa n.º 35.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

16 DE MAIO DE 1868.

N. 362.

O ALABAMA.

Este numero é o segundo da serie 37.^a do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, observando-lhe, que havendo queixas de que em todas as noites, vespas de domingos e dias santos, costuma a se reunir uma sueia de marrecos no lugar denominado Bom gosto, cujo fim é semprelundú com grandes vozerias; e sendo um tal divertimento importuno e escandaloso e de grave prejuizo para a vizinhança, que com taes batuques não pode dormir, cumpre que S. S. sirva-se de chamar o respectivo inspector e lhe ordene o cumprimento de seus deveres; o que espera-se da boa vontade e zelo com que S. S. se mostra sempre a bem do serviço publico.

—Ao mesmo, participando-lhe que na casa n. 37 á rua do Julião, ha uma jogatina noite e dia, que muito incommoda aos vizinhos pelas vozerias que reina e desordens que presidem sempre a esse divertimento.

- Aberrações do progresso!
- O que é isso? são ratos caçando gatos?
- Melhor ainda.
- Que portento é esse então?

—Os presos de Latronopolis ja servem para fazer chegar ao rego a tropa insubordinada.

—Esta na verdade é singularissima.

—E digno da exotica e admirabilissima cabeça que lembrou-se de tal.

—Mas isso é serio?

—Ora dá-se! Então não lhe fallaram n'oma bacafusada que houve na *reclusão da penitencia?*

—Não.

—Foi o caso que um soldado respingou-se com o commandante do *abarracamento*, mas este vendo nisso uma conspiração contra sua pessoa, correu suando por todos os poros, a ponto de *ensopar* as calças, a pedir socorro ao governador da *reclusão*, o qual com arrebanho de *guerreiro* veio dizer a tropa que tinha uns 50 *reclusos* para fazel-a conter, si accaso não se aquietasse. E deu logo ordem para o apresto da campanha.

—Que cabeça!

—Foi uma pichotada como outra qualquer, tão commum naquelle cerebro escaldado!

—O peor foi elle não pôr em effeito sua extravagante ideia.

—Olé, que na cidade de Latronopolis dão-se cousas....

—Continua o Senhor do Bomfim a servir de pretexto a ganancia de dous ou tres esperalhões.

—Como assim?

—E' que abusam do nome do Senhor para

explorar a charidade do povo em proveito da ociosidade desses malandros.

—Mas eu tenho o thesoureiro do Bomfim por homem serio e que não pactua com bandalheiras.

—V. se refere ao Senhor do Bomfim venerado em Itapagipe, quando eu fallo do que está no Collegio, que nem por isso deixa de ser o mesmo Senhor.

—Comprehendo agora.

—Tolera-se que dois ou tres sabidorios mandem o *enxota-cães* por essas ruas com uma capa esfarrafada, a illudir o povo, extorquindo-lhe esmollas a titulo de servirem para a celebração do culto e que vão á tarde dividir o fructo de suas tranquiibernias nos corredores da cathedra!

—E' um meio de vida suave.

—Entretanto quem deve estar alerta contra estes escandalos, deixa-os passar paulatinamente, concorrendo assim para a decadencia da religião!

—Capitão, um adonis, que anda diariamente a encher as nossas ruas de pernas, enfeitado como um boneco, escreveu a uma moça a seguinte carta modelo:

«Illm. Sra.—8 de maio de 1868.—A Mavel Sra. muito heide estimar que esta vai lhe encontrar gozando perfeita saude he este todo Meu Desejo &.

«Fasço lhe esta fazendo uma visita e Mesmo saber da Sra. quando dar-me certeza de contar com a sua mão: Segundo prometteu estou Certo que A Sra. Não me Deixe os Meus gosto Não Cer Comprido Pois he o gosto dos gosto Major que posço ter porque A Sra. he de muta feição.

«Lhe tenho Amor, Vida dos meus pensamento.

«Pois espero OCorrer tudo conforme Desejo.

«No mais Aqui me achará de meu ordinario prestimo para tudo o que for de seus servisços por Çer com toda A istima Amisade, & &.»

.....
—E' impossivel que uma bella recebendo uma carta destas, não complete a ventura do grande bruto que a escreveu.

OS QUATRO ELEMENTOS.

De uns livros velhos achados nas escavações da Palestina, descobriu-se que quando Deus formou esta grande panella chamada mundo, botou-lhe dentro quatro caroços ou sementes tiradas do seu quintal; delles sabiram quatro cousas

com os nomes, uma de terra, outra de fogo, outra de mar, e outra de vento.

Seria muito extenso descrever as qualidades de todos quatro neste numero, o por isso descreveremos cada uma de per si, principiando por agora com o vento, que apesar de estar em ultimo lugar deve ser o primeiro por ser o mais forte; e por conseguinte saberão perfeitamente o que é o vento, seus effeitos e qualidades.

O vento propriamente dito é uma assopradella que vem do ceu para refrescar o mundo; o vento em si tem força, mas não tem côr, tem corpo, mas não tem figura, é elastico no ultimo ponto; elle umas vezes é quente, outras frio; as vezes puro, e outras fedorento. O vento mais usual é o mais forte que serve á navegação e aos moinhos, e este tem muitos nomes, por exemplo: nordeste, sueste, terra, vento de baixo, etc, etc Ha'tambem, alem destes, um vento mais fino e suave a que chamam ar, e este é preciso, porque não podemos viver sem elle, e até os corpos inanimados se corrompem se não são visitados por elle. Ha outro que é chamado baso, e este sendo procedido de bom lugar, bem como de boca de moça bonita, cheira a rosas, e é substancial, e por isso o papa Ganganelli em seus escriptos disse—o suspiro é baso do coração amante—; porém este mesmo baso, sendo procedido de certos logares, bem como de vestido de mulher gorda, de borel de frade, botas de ser-tanejo, etc. etc., fede a azedo, e é assaz pestilento.

Temos tambem o sopro que vem a ser o vento encanado ou amoldado a algum vão ou cavidade, bem como se observa no vento ou sopro que é espremido em diversos instrumentos de musica; e esta qualidade de vento produz muitas variedades agradaveis aos ouvidos; por exemplo: quando ouvimos o melancolico e tocante echo da corneta que ao longe, no campo da batalha, tecea alvorada; a energica e argentiua voz do clarim que acompanha o tropel da cavallaria; o anarigado e fanhoso som da trompa; a rouca berraria do trombone; o indelfuxado cantico do fagote; a miada vozzeria do orgão nas cantilenas conventuaes; a doce e poetica melodia da flauta; o cristalino e limpido floreio da clarineta; o espevitado guinxo do flautim, etc. etc.; vencendo a todos o nobre, e harmonioso gorgoio do piston.

E que tal, meus senhores!!! o artigo é sobre o vento, e eu metti-me sem querer na musica; o que me vale é estar de pazes feitas com o Aragão, o o Caxangá ser meu amigo, que se não estava eu ja condemnado, e pagava a multa do *dó ré mi*.

Porem voltemos ao assumpto com vento á pópa para fazermos boa viagem.

O vento é uma das maravilhas do Deus em

que nos convencemos de que elle é capaz de dar poder a mais insignificante cousa, e para prova temos visto que o vento arranca pelas raizes arvores antiquissimas, que o braço do homem não as poderia nem mover; o vento com uma bofetada atira uma nau de alto bordo ao fundo do mar; e o vento forma montanhas de areia que apesar de ser pezada elle a sopra e conduz com toda facilidade; o vento conduz sementes de longa distancia, e assim promove a transplantação; o vento finalmente é o vapor dado pela natureza para com elle os passaros voltearem e fazerem lindas corridas nas alturas.

E tornando ás qualidades de vento, faltou-nos descrever duas, a saber: uma chamada ventania, que é um fresco forte e frio roncador e assaz desagradavel; e a esta é que os poetas chamam briza, a qual costuma tambem apparecer nas barrigas das mulheres velhas quando fazem uso de certas comidas; bem como batatas, feijão, abobra, repolho, etc., etc., porque diz o povo e é certo, que taes comidas são ventosas e desatam o vento sul nos paizes baixos.

Ha tambem a ventosidade que nos seus effeitos é um tanto semelhante, porem não tão forte; porque apparece assobiando, e outras vezes com uma fraca voz de rabecão desafinado, e outras occasiões só se ouve um som que faz — Pum—.

Esta qualidade de vento é formada nos estomagos das moças dançarinas e romanticas, que comem bollos de ovos nos bailes e funcções fora de horas; e para tal evitar esse incommodo assaz desagradavel ultimamente as senhoras em Paris usaram das rolhas de cortiça. O certo é que até neste ponto somos protegidos da sorte, que sendo os ventos da Europa, principalmente os da Inglaterra, assaz furiosos e pestilentos, os nossos ventos de cá do Brazil são todos mansos e pouco duradores.

Em geral o vento ou o ar é que dá vida e sanidade a tudo; entretanto que muitas vezes tambem o mesmo ar encalhado em algum lugar interno do corpo produz colicas e dores terriveis; mas que se curam facilmente bebendo um calix de licor de erva-doce, ou um vintem de aguardente concertada, que é mais barata.

O ar se torna muito preciso quando dormimos, e por isso bom é ter-se a cama em quarto ou sala espaçosa, porque a respiração durante as horas do somno consome muito ar e este deve ser puro, e não o mesmo já respirado. As casas da nossa terra pela maior parte são faltas de ar, porque em geral tem janellas pequenas, e não tem os chamados pateos internos, que são uteis á visitaçao do ar. Já que temos fallado tanto em vento ou ar, é mister agora que saibam os leitores qual de todos os ventos é o melhor.

O mais salutar e agradavel é um vento macio, fraco e brando que apparece nas tardes de verão nos nossos campos; este regalo chamam vulgarmente *fresquinho*, os poetas lhe chamam zophiro ou favonio; e seja qual for o nome, elle é delicioso; principalmente quando o gozamos debaixo de uma mangueira ou jaqueira, deitando a cabeça ao collo de uma joven sympathica, que acompanha com os cafonés dados pelos seus dedinhos, as ternas e melodiosas palavras de meu bem, ou te quero, etc., etc.

E paro já aqui, que esta ultima reflexão mordeu-me a orelha do coração, e como sou rapaz muito derretido por moças, não quero irritações de affectos, e portanto finaliso a reflexão do meu vento, isto é, do artigo que fiz sobre o vento.

LA VAE VERSO.

MISERIAS DO SOLDADO EM CAMPANHA.

Nas trevas do viver eu me desterro.
Esfolhadas crenças—bem unido
Ao cadaver das minhas esperanças,
O coração em lagrimas transido.
(BARROS JUNIOR.)

Da patria longe, nos vae-vens da guerra,
Contemplo scenas, que me causam dó!
De tanto bravo, que o Brasil nem sabe,
Vae-se a memoria revolver no pó!

Pobre o soldado, que julgou ser livre;
Livre vingando do estrangeiro o insulto;
Si escravo infame não se curva a tudo,
Commette um crime que não tem indulto.

Escravo sempre na cruenta lida,
Por mais que faça, não merece—é pouco!
Quando enfeitado de commenda ao peito
Vê-se um covarde, um desgraçado, um louco!

Si acaso o rufo do tambor concita
Ao fogo, ás armas, destemidos bravos,
Agora sim!—é no correr do sangue,
Que a patria exige de quem trata escravos.

Combatem, luctam, dando a propria vida
P'ra patria darem o triumpho, a gloria!
Quem diz que o bravo mereceu na lida?
Quem diz que o bravo conseguiu victoria?

A' forma voitam, ao trabalho insano,
Que aos chefes cabe decantar acções:
E em breve vóa nos annaes da fama,
A fama excelsa dos heroes-mandões.

Não vê, talvez, que da bombardas imiga,
Nem nos ouvidos lhes morresse a voz!
No pó sepultam tanto nome egregio,
Só elles foram no combate heroes!

E n'esse dia, que de festa chamam;
Que é só de festa p'ra quem tem galões;

Nos leitos gemem retorcendo em dores,
Victimas tantas de infornaes cauhões!

No campo, exangue, mutilado, morto,
Tanto soldado, que morreu vencendo!
E quanto pranto n'esse instante horrendo
Pais, mães, viuvias não estão vertendo!

E a patria, á patria, por quem só morreram,
Nem manda as almas sufragar ao menos!
São actos esses que convem aos grandes,
Nunca aos soldados—porque são pequenos.

Foram p'ra ella a salvação, o arrimo
No opprobrio infame d'infamante imigo,
Hoje as familias que a miseria opprime,
D'ella não acham salvação no p'rigio!

Longe da patria, nos vae-vens da guerra,
Lastimo scenas que me causam dó!
A liberdade vejo em luta, em trevas!
O despotismo dominando só!

A. M. L.

OS PECCADOS MORTAES

São soberba os homens todos,
São soberba presumida;
Na soberba querem todos
Acabar a propria vida,

A avareza tem perdido
Aos homens sem excepção;
Porque os homens na, avareza
Firmam sua cecidção.

A luxuria vive nelles
Com maior força influente;
E' por isso que a luxuria
Será nelles permanente!

A ira também impera
Nelles com todo o poder;
E' o homem a propria ira,
Será ella até morrer!

Nem o peccado da gula
Pode ao homem escapar;
A gula faz muitas vezes
A cabeça variar.

E' inveja o seu emblema
E inveja refinada,
A inveja perde a todos,
Por ella, elles são—nada.

A preguiça finalmente
Faz nelles todo furor;
O homem todo é preguiça
Tendo a ella grande amor!

Á PEDIDO,

Leva-se ao conhecimento do maior do cor-
po de permanentes, o proceder irregular de

um cabo desse corpo, empregado no trem do
mar.

Esse cabo anda pelas ruas desta cidade
propalando boatos falsos contra S. S., só
pelo simples facto de S. S. o ter prohibido an-
dar de blasa pela cidade baixa.

O tenente innocente.

ATTENÇÃO,

Hontem (11 de maio) foi apresentado a as-
sembléa provincial, um requerimento por D.
Genoveva Madeira Shaw, em que pede um
privilegio de 20 annos para fabricar rapé,
mediante o imposto de 320 rs. por libra,
sem que augmente o preço de 1\$ rs. ora es-
tabelecido, e convergindo mediante o dito im-
posto ao thesouro provincial para muito mais
de 60:000\$ rs., livrando assim o povo
bahiano pagar mais algum outro imposto di-
recto.

ANNUNCIOS.

O ADVOGADO

JOÃO LADISLAU JAPI-ASSU DE FIGUEIREDO E
NELLO

Incumbe-se de quaesquer questões judi-
ciaes ou administrativas, perante os audito-
rios da eôrte, onde é encontrado no seu es-
criptorio á rua da Candelaria n.º 23, todos os
dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da
tarde, e fora d'essas horas em sua residencia,
rua da Princeza do Cattête n.º 39 G.

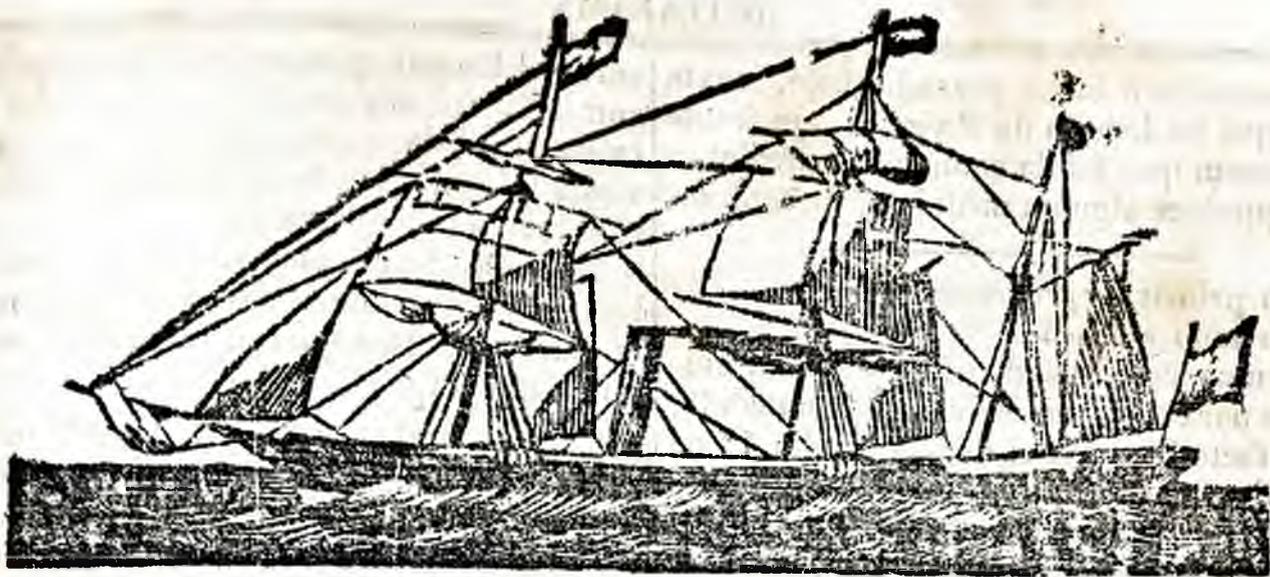
Manuel Borges Cantos, D. Maria da Gloria
Borges Camara e filhos, agradecem á todas as
pessoas que dignaram-se acompanhar ao
cemiterio o cadaver do seu querido neto, fi-
lho e irmão; e rogam ao mesmo tempo o
charidoso obsequio de assistirem a missa do
septimo dia, aos 19 do corrente, no convento
dos religiosos Franciscanos: pelo que desde
ja se confessam eternamente gratos.

AO PUBLICO.

O Garibaldi declara as pessoas que lhe
quizerem honrar, que se acha installado á
Baixa do Bomfim, com bons petiscos, café,
doce e tudo quanto diz respeito á regalos de
barriga,

Cheguem portanto, rapazes.

A pessoa que tiver a collecção completa, ou
mesmo com alteração da *Marmota*, periodico
que se publicou nesta cidade e queira vender,
procure nesta typographia quo se lhe diga a
pessoa que compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 44, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

18 DE MAIO DE 1868.

N. 363.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
17 de maio de 1868.

Officio ao Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia.—Não obstante já ter-se officiado em data de 8 de maio ao Sr. Dr. inspector da saude publica, e no mesmo sentido á camara municipal, todavia não tendo havido providencia alguma, chama-se a attenção de S. Ex. para providenciar a respeito das febres intermittentes que estão grassando na povoação da Barra, provenientes do pantano que ha entre as propriedades dos Srs. Gavazza e Magalhães.

Espera-se de S. Ex. promptas medidas, á bem da humanidade afflicta.

—Ao Hlm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que hontem, domingo. Henriqueta de tal, moradora na casa 173, á Boa Vista, freguezia de Brotas, espaneou descomunalmente á cacete uma creança que tem em sua companhia, por lhe haver esta subtrahido uma banana!

Tão brutal procedimento exige severo correctivo; portanto, leva-se o facto ao conhecimento de S. S. como o competente para providenciar em casos taes.

—Ao mesmo, requisitando-lhe, á bem da ordem, a presença de quatro a seis policiaes diariamente no largo da Palma e immedia-

ções, nas horas em que trabalhar o lyceu, afim de fazer respeitar a ordem publica e accommodar qualquer desaguisado.

E' escusado recommendar a S. S. que semelhantes praças devem ser escolhidas das mais prudentes e moderadas, no intuito de evitar qualquer conflicto, que possa dar-se entre as mesmas e os alumnos daquella casa.

—E' cousa que meu boi não puxa: depois de maltratado, a escapatoria de—*perdoe, que não foi por querer.*

—Ahi tambem vou eu.

—O costume, que ha nesta terra de não se prevenir os abusos, para ao depois ter-se de punir os delictos, é que dá origem á estas cousas.

—Na verdade, si aquelle homem não é tão attencioso, teriamos de lamentar um caso triste.

—E com razão; quem leva uma mangoalada daquellas pelo rosto, não pode ficar de bom humor.

—Era um beneficio que o Sr. Dr. chefe de policia fazia, prohibindo que os carroceiros usassem de chicote com mais de tres palmos de comprimento. Creio que é sufficiente para açoitar os animaes.

—De sobra; e evitava de andarem elles pelas ruas a estalar os mangoaes, por divertimento, batendo nas faces de quem vae passando, como acaba de acontecer.

—Pois faça uma cousa: aproveite agora que o homem anda de bom humor, dirija-se a

elle e narne-lho o facto passado hoje, sexta feira, aqui na ladeira da Preguiça, em frente ao armazem que foi da companhia predial, a ver so apparece alguma medida neste sentido.

—Um primor do *progresso*.

—Sou todo attenção.

—E' uma correspondencia do Rio Grande do Norte para o *Correio Mercantil* quem conta: «Um facto lamentavel deu-se no dia 17 no palacio da presidencia.

«Ouviam-se gritos de soccorro que sahiam da sala que serve de secretaria militar.

«O povo agglomerou-se nas portas, de mistura com os empregados da secretaria que fugiam espantados.

«Era um infeliz recruta, que estava sendo esbofeteado pelo ajudante de ordens do presidente da provincia.

—Como se praticam dessas scenas em um paiz de liberdade!

—«Ali estava tambem o Dr. Amaro, que com toda a sua potestade procurou tranquilizar o Dr. Gustavo que, pallido e convulso, começava a ter medo do povo, que se reunia para presenciar aquella scena de horror.»

OS QUATRO ELEMENTOS.

(Continuação.)

MAIS DUAS PALAVRAS QUE IAM ESCAPANDO SOBRE O VENTO.

Iam esquecendo tres qualidades de ventos muito importantes, e dignas de serem contempladas; uma dellas é o que se chama redemoinho, isto é, uma caranibola que os ventos fazem entre si, de sorte que andam de roda em ar de contra-dança, e nesta corrida si elles trabalham sobre o mar inscrespam as aguas; e si fazem o redemoinho em terra atiram a poeira das ruas de um lado para outro, levantam os vestidos das mulheres e descobrem-lhe as pernas, de sorte que é muito perigoso moça de pernas, finas sahir á rua a pè em dias de ventos fortes.

Temos tambem o espirro, que é um vento estrondoso; os medicos dizem que o espirro é o ar que está preso nos pulmões; mas eu não sou dessa opinião, porque considero o espirro um desabafo, e por isso lhe chamo—traque peitoral.

Ha tambem o arrotto que vento é, ou ar choco, que resulta das fermentações que as comidas formam dentro do estomago; os arrotos ordinariamente tem mau cheiro, e por isso entre os inglezes é uma grande offensa soltar um arrotto entre gente civilisada, e consta que a rainha de Inglaterra na noite de 7 de março p. p. déra um formidavel tapa-olho

em lord Russel, porque estando a tomar chá com ella soltara um arrotto, que fedia a bacalhau ardido e cerveja, e o certo é que si assim foi, ella teve toda razão, porque um arrotto mau é insupportavel.

Madame Stael chamava os arrotos—ventosidades superiores. Os arrotos de mulher velha, e de sertanejo são os mais insupportaveis que ha.

Temos tambem a refega, termo usado e bem conhecido entre os navegantes, e é a refega a columna de vento que vem com força de longe levantando o mar, e por isso os praticos logo conhecem e previnem o perigo mandando ferrar pannos, e dando outras providencias, bem como quando estamos no meio de uma multidão de gente em um salão, e vem certas refegas que é preciso immediatamente tapar o nariz para se não morrer afogado.

O FOGO.

O fogo por si só não é mais do que uma semente de electricidade, que Deus deixou cahir cá para o mundo no tempo de Adão e Eva; a mulher, que era aproveitadeira de tudo quanto achava, pegou-na faisca, sentiu muito quente, largou no chão, lambeu os dedos, e tratou de metter dentro de isca para guardar, e d'ahi então todos os dias tirava fogo para fazer os mingaus com que engambelava o simplorio marido: foi depois crescendo a geração daquelle casal, e todos os habitantes da terra, iam á porta da cabana de Eva pedir fogo de manhan cedo. E eis-aqui como se creou este fogo de que ainda presentemente usamos, e nos é tão util. Mas é de advertir que ha varias qualidades de fogo, a saber: fogo de cosinha, fogo de artificios ou de noite de S. João, o qual é composto de traques, bufas e rodinhas; fogo militar, de tres qualidades, a saber: fogo de guerra, fogo de alegria e fogo de funeral; ha fogo das casas que se queimam e se chama fogo de incendio laborado, ha fogo de fonalha que se chama foga-reu, e ha fogo de fogueira que se chama fogagem; e alem destes ha o fogo espiritual, escandescencia amorosa, terrivel, que apparece nas mulheres; este ultimo é diabolico quando ataca ás mulheres de genio forte e só se cura com unturas de junco; sendo em mulher velha, com clystores de agua fria repetidas vezes, até desaparecer a irritação foga-gosa. Tambem se entendo por fogo o brilho o reverbero tocante de alguns olhos matadores que vemos. O certo é que o fogo usual que guardamos em nossas casas é de immenso proveito.

O fogo é a alma e alegria da noite, por

que sem luz andariamos ás escuras quebrando os narizes uns dos outros.

Com o fogo, se fazem excellentes guisados, e cosinha-se o pão, e se fabricam delicados bolinhellos nas confeitarias.

Com o fogo, se aqueça a agua para tomarem o banho á noite os casados, gozando o consolo da agua quentinha com que se dispõe para cantarem o dueto do *Elixir de Amor*.

Com o fogo, abrevia o lavrador o trabalho, queimando o mato para limpar o terreno e poder plantar.

Com o fogo, destila-se a aguardente e outros liciores que regalam os bebados.

Com o fogo, se fazem presentemente viagens certas e abreviadas no vapor.

Com o fogo, ou com as luzes que filhas são do fogo, se illumina um salão para se poder gozar o requebrado e dengoso dançar das moças nos bailes, e que fogo criam ellas!!!

Com o fogo, ou com a lampada ecclesiastica se mantém a veneração á imagei de Christo collocada sobre o altar.

Com o fogo, gozam os amadores as fumaças do charuto, ou do caximbo.

Com o fogo, ou luz collocada nos faróes, se evitam os perigos da navegação á noite, salvo quando os administradores bebem o azeite que a nação dá.

Com o fogo, se derretem e se apuram os metaes e com elles se fazem bellas obras uteis aos usos da vida.

Com o fogo applicado á chimiea, se conseguem milhares de maravilhas; com elle se mudam as cores na pintura, se purificam os corpos, se concentram, se separam, se misturam, etc., etc.

(Continúa)

—O Sr. duque de Saxe em transito para a corte esteve hontem nesta cidade.

—E' verdade; e sua visita foi a origem de uma desgraça.

—Misericordia! Eu sempre julguei que as visitas dos principes deixassem algum beneficio ou ao menos fossem prenuncio de felicidade para os povos.

—Pode ser assim; mas o que é real é que o cabo Gomes está á morrer.

—Coitado! o que lhe aconteceu?

—O principe sahia a passeio de paletot e chapéu de palha; o presidente, já sabe, querendo se mostrar, mandou acompanhá-lo de um apparatus militar, improprio de quem anda incognito; com a pressa com que se deram as ordens, mandaram ao cabo Gomes montar em um cavallo bravissimo, o qual chegando ao corredor da Victoria atirou o pobre cavallariano ao chão de tal forma

que foi carregado para o hospital, sem falla e em perigo de vida, si já não fallou.

—A culpa tem quem consentiu o cabo montar em um cavallo, que ainda não estava domado.

—Seja como for, diz o a dagio que — coitado, coitado, quem tem a dor é que geme.

—Consta-nos que enforcara-se um escravo da Sra. Raymunda Porcina de Jesus, moradora ao Desterro, que tocava baixo na musica de barbeiros, conhecida pela da *Chapadista*.

—Sabe o que deu logar a esse infeliz praticar semelhante acto?

—Ignoro. Lá estive o subdelegado, dizem, e que se fez corpo de delicto.

—A's vezes, o rigor de certos senhores faz com que os escravos lancem mão deste meio, como *allivatorio*.

Á PEDIDO.

—Capitão, não podia ser melhor a *encomenda* que, no penultimo numero de seu periodico, mandou *pespegar* o *delgado Alarma*.

—Quem contou-lhe isso?

—Assim que li a *bambochata* adivinhei tudo. Já no *Diario* elle mandou impingir a mesma pilula, fazendo passal-a por expediente, quando não passou de uma carta graciosa e officiosa para contentar *alguem*; tanto assim que houve quem fosse reprehendido por esse trocadilho innocentemente commettido.

—O que me admira é como ha quem creia ainda no tal *delgado* venenoso.

—São coisas: quando o Azambuja souber de certos bocadinhos, o negocio mudará de figura.

Por ora é quanto basta.

—Estás filado, *meio-pata* devasso; a tua cata andava eu.

—A minha, Sr?

—Sim, pervertido.

—Pois um homem que exerce a

«Caridade sem limites,

«A sciencia sem recompensa

tambem é preso para bordo!

—Diz antes

«A hypocrisia sem limites,

«A protervia sem repressão.

—Que injustiça!

»Assim como n'uma particula da hostia consagrada está a salvação, assim tambem n'uma gotta d'agoa dada por mim está a saude.

—A comparação é mal feita; deve ser assim—

«Si n'uma particula de veneno infiltrada pelos dentes do reptil, está a corrupção do corpo, n'uma dose infinitesimal do teu contacto immoral está a perdição e a deshonra!

—Valha-me Deus!

—Não profanes o nome do Senhor em teus pollutos labios, infame!

Sabes o que é Deus, nem Santa Maria?

—Sei e creio.

—Si acreditasses que ha um Deus, que premie os bons e castiga os maus, não acabarias agora mesmo de sacrificar a menor Eliza a tua voraz concupiscencia, comprando-lhe infamemente a honra por 40\$ rs. a uma vil mercenaria.

—Jesus!

—Não finjas te horrorisar, reprobol!

Foi essa degenerada Anastacia, quem levou pela mão a innocente victima ao patibulo da prostituição e tu foste o carrasco maldicto da execução infernal.

Mas essa desprezível creatura, que espere pela paga de sua obra nefanda; quando menos pensar, tu lhe farás a caridade a filha e o *Toucinho* que anda com intenções de casar-se, ha de carregar com um fardo avariado.

—Sr., isto não é verdade, são boatos que andaram rosnando; e já está tudo *atabafado*.

—Sim, porque desgraçadamente nesta terra ha autoridades, que por censuraveis condescendencias, apadrinham o crime, e são os primeiros a lançar sobre elles o xeu da impunidade.

Mas treme, porque existes onde não ha commiseração para os tratantes e corruptos.

—Muxingueiro!

—Prompto.

—Vae ao *Caes do Ouro* e traz o *Zé-Gordo*, a Anastacia, e a madrinha da deflorada para deporem no processo deste corço—*Carros Viaves*.

(Continua.)

—O cadarço! o cadarço!

—Que diabo tem o cadarço?

—O cadarço faz a differença a muita gente.

—Maluquices; que força tem o cadarço para influir no destino de alguém?

—O cadarço é um *joguinho certo*, chamado *ganisio* na gíria jogatinal, com que os sabidos de, cunham os patos *sem castigo*.

Ate um representante do paiz, cahiu no laço um destes dias, em certo *anniversario de esponsaes* e deixou em mão dos salaftrarios bem boa quota.

—La por ser representante não, porque é feito de barro como qualquer outro.

—Não venha com essas, porque ca la um *prima em ter sua destineção*.

—Mude de assumpto. Quem foram os escamos? a lores?

—Venha manso, meu rico! Isso é negocio de gabinete que não se diz ás escancaras.

Vamos conversar barzinho.

—E digam que a nossa policia farlada é para pacificar e accommodar!

—A maior parte é para brigar.

—Veja que berreiro está fazendo aquelle soldado, de cacete empunhado, no becco do Tira-Chapeu na porta de um crioula.

—Foi mandado por outra espancar aquella e elle mirando a *recompensa*, foi condesciente desempenhar a commissão, sem reflectir o que lhe poderia surtir por ser tão bem mandado.

—Não era melhor que aquelle rapaz fosse cumprir a *suas ordens* do que estar alli a fazer um papel de espadachim, desafiando uma mulher, e offendendo a moral com suas palavras?

—Conhece-o?

—Pois não, chama-se Leocadio.

—Ah! si o major Marinho sabe desta *quixotada*, elle estava bem recommendado.

—E mesmo, porque elle não é de graças a respeito da disciplina militar.

VARIÉDADES.

SUICIDIO COM POMPA.

Um destes ultimos dias indo o sacristão abrir a igreja de uma terriola da Bobemia, ficou admirado de ver as vellas todas accesa. Percorreu toda a igreja, e qual não foi a sua admiração vendo um homem enforcado sobre o altar-mór. Era um doudo da terriola; que se pôle introduzir na igreja não se sabe como, accendeu todas as vellas, e quando se achou sufficientemente illuminado, enforcou-se.

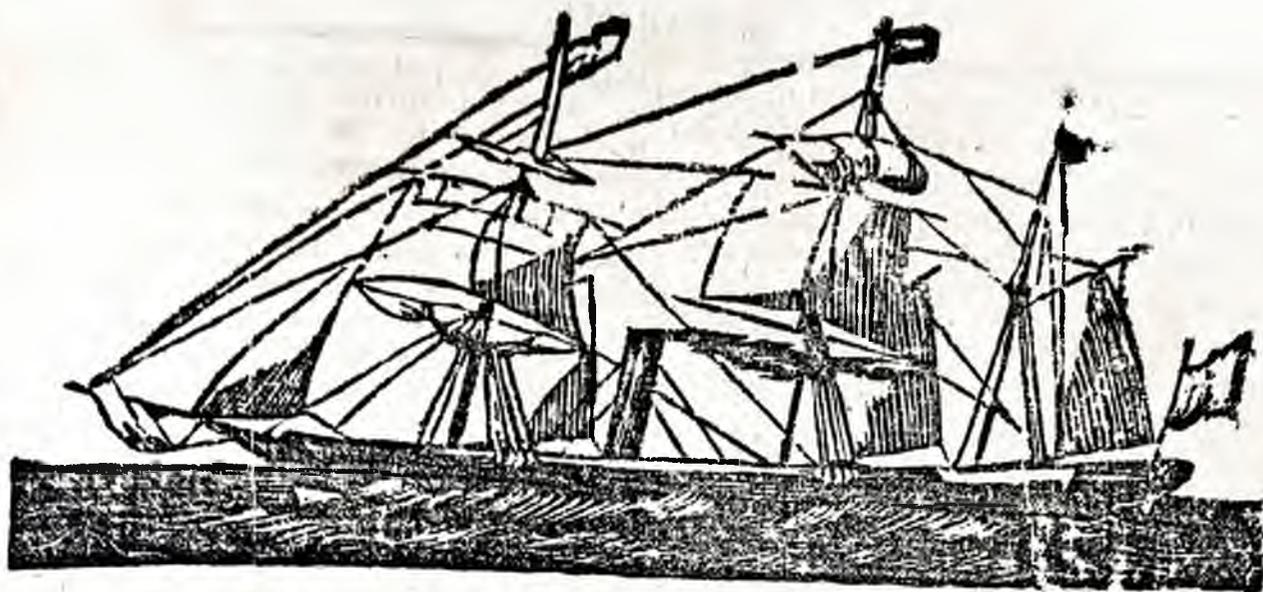
Uma senhora perguntava um dia a um padre que idade tinha seu irmão mais moço. Elle depois de reflectir um momento, respondeu-lhe:

—Meu irmão d'aqui a dous annos hade ser da minha idade.

ANNUNCIOS.

Enzebio Veissinho de Abreu Farias, tendo arrematado parte do fardamento do corpo de policia, convida as pessoas habilitadas para este trabalho a comparecerem á sua residencia, á rua da Lapa, casa n. 80.—Bahia 16 de maio de 1868.

A pessoa, que tiver a colleção completa, ou mesmo com alteraçao da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia quo se lhe dirá a pessoa que compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

23 DE MAIO DE 1868.

Ns. 364 e 365.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, fazendo chegar a seu conhecimento o seguinte extraordinario facto que acabam de nos informar:

Hontem 21, seriam 9 horas e tres quartos da noite, quando em casa de Maria Sabina dos Santos, casada com Manuel Victoriano dos Santos, empregado na limpeza publica, e moradores á rua do Bangala, apresentou-se um individuo acompanhado de quatro sequazes, e intitulado-se senhor da referida mulher, que, dizia elle, estar fugida ha 15 annos, entraram violentamente em seu domicilio, prenderam-na, amordaçaram-na e conduziram-na com um filho de 13 annos!

Consta que embarcou nessa mesma noite para o reconcavo.

Entre os individuos dessa empreza, apenas pode ser conhecido um tal Viriato, celebre membro do olho vivo.

Quando em semelhante facto não haja um crime, pelo menos ha uma violação da lei, entrando-se em uma casa a noite, sem sciencia da authoridade, e por isso espera-se, do interesse que S. S. tem tomado pelo serviço publico, uma providencia que clareie esse estupendo facto, cumprindo aqui informar a S. S. que uma patrulha de policia, que as-

sistiu ao facto, mostrou-se impassivel e como quem tinha interesse pelo bom exito de tal deligencia.

—Ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto, ponderando-lhe, si bem que pareça futilidade, a necessidade de pôr um correctivo a uns desastrados meninos, discipulos de um Sr. *Quiabo duro*, quando sahem da escola.

Esses meninos aprasem-se em ir para o Terreiro atirar pedras, as quaes não so offendem uns aos outros, como tem succedido bater em muita gente que passa. Em vista do que, seria conveniente que a policia fosse para alli ás onze horas e á tarde agarral-os e leval-os a seus paes, para castigal-os, isso pela primeira vez, e pela segunda tivessem destino onde melhor se adumassem.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, communicando-lhe que diversas são as localidades nesta cidade, onde grassam as febres intermitentes, sendo uma dellas a rua da Valla, districto dos Mares, e Engenho da Conceição: alem das pessoas do lugar, tem sido atacadas algumas praças do destacamento; e como muito se confia na sollicitude e zelo que S. S. costuma mostrar, quando se trata do cumprimento de deveres a seu cargo, alem do disvello que o distingue em concorrer para o allivio da humanidade afflicta, espera-se que de S. S. parta alguma providencia em bem da salubridade de taes logares.

—Hontem, 21, um sargento de volunta-

rios, um tanto *toldado*, entrou em um botiquim para comer e travou razões com o dono da casa, indo ambos a vias de facto.

A desordem tornou-se um pouco seria.

Compareceu a authority policial, que procurou accommodar o conflicto, mas o voluntario estava *renitente* e a nada quiz attender.

A authority ordenou então que o conduzissem preso, *fosse como fosse*.

—E' mau pensar; resistir ás ordens da authority.

—E' muito censuravel a maneira porque a policia se porta em certas occasiões; o preso foi levado a trombolhões até a rua do Collegio, onde algumas pessoas interveram e persuadiram o homem e a policia a seguirem com melhor geito.

—As harpyas insaciaveis do thesouro, os estadistas que entram miseraveis para a administração publica e della sahem millionarios, comprando ricos palacios, os ministros da fazenda que voltam para suas provincias com bahús atonetados de dinheiro, os authores dos contractos clandestinos de madeiras nos arsenaes de marinha, que mirem-se neste espelho.

—O que é isso?

—E' o testamento do brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho.

—Ahi Foi um typo de probidade.

—Ao escrever o homem seu testamento, como que mede a immensidade da eternidade, como que se vê as bordas da sepultura, como que sente a primeira pá de terra cobri-lhe o corpo.

—Muito bem.

—E' perante esse quadro vivo do nada do mundo, que as paixões se esvaem e tranluz a virtude, desapparecendo a mentira e a hypocrisia. Portanto o homem ao transpor o limiar da eternidade não mente. Suas palavras são o reflexo de sua alma, de sua vida, de seu passado.

—Tudo isso é purissima verdade.

—Este dois pedaços do testamento do brigadeiro Coelho, transcripto da *Opinião Nacional*, mostram a maneira porque elle serviu seu paiz:

«Durante a minha vida na carreira militar, politica e administrativa, nas differentes commissões, ganhei mui licitamente a quantia de 455:000.000 rs. a contar do anno de 1838 até hoje, proviniente de subsidios como deputado, ajudas de custo, ordenado de ministro, de presidente, de commandante das armas, etc, etc, e quasi tudo fui gastando com as despezas de tratamento de que exigia a importancia daquelles cargos, e no largo espaço de 21 annos apenas pude economisar o preciso para construir pouco a pouco uma pequena casa no Engenho Velho, em um prazo de terras forcero ao Revm. ca-

bido da corte, podendo a dita casa valer 8:000.000 rs. que é tudo quanto possuo e mais a mobilia e trastes de servigo da casa, tudo muito usado, e que bem pouco ou nada val.

.....
«Junto faço annexa uma relação dos poucos trastes de algum valor que possuo, mas não podendo presumir ao certo quantos mezes ainda me restam de vida, pois me considero no ultimo periodo de uma fatal molestia de peito, pode bem acontecer que alguns objectos, ora mencionados na relação, não se encontrem depois de minha morte, pois não me chegando para as despezas de meu tratamento e de minha numerosa familia a quantia de 820.000 réis que recebo por mez, tenciono ir vendendo alguns trastes para poder ir supprimindo a deficiencia daquella quantia.

—Que differença desses sugadores da fortuna publica, que fazem de politica um meio de empalmacão!

OS QUATRO ELEMENTOS.

O FOGO.

(Continuação)

Ha fogos de todas as cores, uns artificiaes por meio de mixtos que se lhes ajunta, como por exemplo: para formar foguetes azues ferretes, basta ajuntar á cada libra de polvora duas oitavas de ourina de kagado, e meia onça de flor de anil; para fazer fogo amarello misture-se em cada libra de polvora onça e meia de chifre moido, mas é mister que seja de boi velho por estar o chifre mais mucilaginoso.

Os fogos de cores naturaes são os seguintes: os do vezuvio ou sahidos de montanha são cor de abobra vermelha cosinhada, e entre todos o fogo do inferno, segundo dizem os frades, é escuro, infumaçado, e fedendo a alcatrão queimado.

Os judeus antigamente serviam-se do fogo queimando as barbas, para assim pouparem a despeza de navalha,

O fogo é indispensavel em todas as casas para a cosinha, e para a luz a noite, e entre todas as luzes mais engenhosas gosa a primazia a lamparina. esta galante invenção do celebre hespanhol José Pilota, o qual com um toquinho de cera, e uma marca de botão criou esta milagrosa luz que dura uma noite inteira sem se aticar, e ultimamente descobriu-se em Paris que para a lamparina dar uma luz dobrada basta pingar na ponta do rolinho uma gota de essencia de rosas, ou oleo de erva-doce.

Os antigos, quando queriam ter fogo usavam de seu fuzil e pederneira; e tinham razão porque era infallivel; entretanto quo os taes phosphoros ou cousa que acende a luz, falham muitas vezes, pela esperteza dos fabricantes, principalmente no tempo de inverno quando

a cabeça do phosphoro esfria, ou perde a força, e por mais que se esfregue não acende.

Mas tornando ao fogo, temos a considerar que d'elle procede o calor, que vem a ser um grão de fogo creador e nutriente das forças vitaes, e por isso com o calor da gallinha chocam os ovos, e se tiram pintos, e com o calor da mulher agazalha-se o pobre homem casado que mora na humilde choupana exposto aos frios do inverno, de sorte que tambem no fim de nove mezes tiram meninos, e que mais admira porque a mulher não põe ovos.

Porém apesar de todas estas bellezas, não se pode negar que o fogo é muito perigoso quando por descuido incendeia alguma casa, e a bem pouco tempo tivemos um exemplo naquelle incendio que houve no armazem do Fortunato, o qual foi tão medonho, e causou tanta pena que não houve gato e caxorro que não chorasse pelo prejuizo.

Ora, tornando aos effeitos do calor, é necessario evitar se o calor demasiado nas comidas, bem como quando se usa da sôpa de macarrão muito quente ao jantar, que produz uma molestia terrivel chamada escandecencia hemorroidal, doença esta que tonteia a cabeça, e faz apparecer no anus uma excrescencia a que os medicos chamam—tufus mangabinus.

Chamam-se tambem fogos as casas habitadas, e neste sentido se diz que uma villa tem tantos fogos.

O fogo para poder desenvolver-se quer ar, e liberdade, porque suffocado morre ou acaba immediatamente.

O fogo apresenta diversos caracteres de vista, por exemplo, alegre e pomposo quando é avistado em uma elegante illuminação, como a que se vê ao longe na egreja do Bomfim: o fogo é poetico e saudoso quando em uma viagem nocturna avistamos em grande distancia uma luzinha lá dentro da escuridão do mato na casa do lavrador ou camponez; o fogo é medonho e respeitavel quando incendeia e devora em labaredas um grande edificio, posto que isto muitas vezes é um beneficio feito ao mundo, quando se queimam as casas dos ladrões que as edificam com dinheiro mal ganhado, e então o fogo serve de purgante para limpar os maus humores no corpo da sociedade, e tão firme creio nisto, que se não morrer muito cedo espero ver certas casas que ali ha arderem como fogueira de S. João, e depois então temos excellente cinza para se fazer barrella, e tambem para se por nas testas dos donos para tomarem juizo.

LA VAE VERSO.

OUTR'ORA E HOJE

Quando eu era pequenino,
Que ainda andava em camisaõ,
As faceiras me diziam:

—Venha ca meu coração!

Agora como estou grande

—Sai-te d'aqui; paspalhão!

Atiravam-me boquinhas...

Que suave munición!

Nos abraços não fалlemos,

Contal-os não pude então!

Agora como estou grande:

—Arrenego do pidão!

No seu collo me botavam...

Eu era mangiricão;

D'um lado me carregavam...

Eu era nen-nem chorão:

Agora como estou grande:

—Arre la! Viva no chão!

Me davam doces cocadas,

Tambem doce de mamão...

Me chamavam mauidinho,

Seu namorado pimpão...

Agora como estou grande:

De mim fazem mangação!

Faceiras, ai não me matem;

Tenham de mim compaixão;

Outr'ora me davam doces;

Seus doces guardando vão...

Agora como estou grande,

Faceiras, quero affeição!

Em paga dou mil cantigas,

Que aprendi pelo sertão;

Em paga dou mil caricias...

Em paga meu coração:

Agora como estou grande,

Quero amores... não sei, não!

Juvenal Galeno.

A CONCILIAÇÃO.

SONETO.

Um nobre assim dizia em tom zangado,

A outro que tambem era homem fino:

—Quem é V. Ex.? Um assassino,

Um vil por todo mundo despresado!...

Ao que este tambem responde irado:

—O' caxorro, ladrão, homem sem tino!

Si continuas mais, p'ra teu ensino

Vou-te ás ventas... ouviste, malcreado?

—Vae-me ás ventas?!?! E' muito, sô bregeiro;

Retire a expressão... Olhe que o masso!

—Retiro... mas você seja o primeiro.

Olharam-se... e depois de breve espaço
 Disseram cada qual mais prasenteiro:
 —Nada houve entre nós... Venha um abraço.

DESPRESO DE UMA LOUREIRA PARA
 COM SEU FIDO AMANTE.

Senhora, porque razão
 Despreza meu coração,
 Tão firme e tão dedicado,
 Que por demais tem provado
 Tanto amor, tanta amisade?
 —De verdade?!

Sim, senhora, pois duvida
 Que consagro a minha vida,
 Os meus dons, minha riqueza,
 Tudo com que a natureza
 Me dotou, pois ignora?
 —Vá se embora!

Como assim responde a quem
 Lhe consagra tanto bem?
 Não paga seu coração
 O tributo a gratidão,
 Nascida d'um puro amor?
 —Não senhor!

Então p'ra que me illudia
 Fazendo q'eu todo o dia
 Vivesse sem ter descanço
 N'esse amoroso remanço
 Como um passaro sem ninho?
 —Coitadinho!

De meu amor escarnece?
 Nem si quer se compadece
 De quem fortuna não tem?
 Olha-me, então, com desdem?
 Já nao faz caso de mim?
 —Isso sim.

Sem dormir noites passei,
 Mil trabalhos suporrei,
 P'ra vos ver tinha a mania
 De passar noite e dia,
 Tendo revoltado o miôlo!
 —Quanto é tolo!...

Senhora, veja o que diz!
 Não me faça tão inf'liz...
 Semelhante ingratidão,
 So se vê n'um coração,
 Tão duro, qual dura lage.
 —Que bobagem!...

Estará seria fallando,
 Ou me estará debicando?!
 Si assim é—que falsidade,
 Que fereza e crueldade
 D'um coração de loureira!
 —Deixe d'a asneira!

Portanto já me retiro!...

Mas não posso! qual!... delirol
 Irei carpir minha sorte,
 Até que me leve a morte
 N'este triste vac e vem!

—Passe bem...
 N.

A VAIDOSA.

São negros, côr d'azeviche
 Os meus formosos cabellos,
 Formam madeixas tão lindas
 Que todos pasmam de vel-os;
 Quando os deixo em abandono
 Ainda se tornam mais bellos.

Meus olhos tambem são negros,
 Tem meigo e terno volver,
 Despedem setas de amor
 Que fazem muito soffrer:
 Quem se expõe ao meu olhar
 Logo ha de em chammas arder!

Ao sorriso de meus labios
 Ninguem pode resistir,
 Tenho feito mil escravos
 Alegrementemente a sorrir,
 C'um sorriso de desprezo
 Posso a todos confundir.

Minha face assetinada,
 De uma alvura sem fim,
 Imita perfeitamente
 A alvura do jasmim,
 E excede muito a rosa
 No seu brilhante carmim.

Eu tenho o collo do cysne,
 E tenho mãos de princeza
 Minha cintura tão fina
 E' um primor da natureza,
 Meu corpo agil esbelto
 E' de rara gentileza.

Minhas rivaes se confundem
 Quando me veem cegar,
 Se humilham envergonhadas
 Ao meu soberano olhar,
 Tremem de odio e ciume
 Se me disponho a fallar.

Formou-me Deus tão perfeita
 Para o mundo embellesar,
 Deu-me talentos e graças
 Q' a ninguem elle quiz dar;
 Mas não poz no mundo um ente
 Que me possa fascinar.

Eu sinto que elle fadou-me
 C'uma alma capaz d'amar,
 Deu-me muito sentimento,
 Deu-me meios d'agradar,
 Mas não vejo aquelle ente,

A quem eu possa adorar.
 O que me vale por tanto
 Ser engraçada e formosa?
 Ter immensos atractivos
 Que me fazem orgulhosa?
 Si não posso ter amor
 Como hei de ser venturosa?

Lulu.

Á PEDIDO.

—Preciso de uma cadeirinha para ir ao Baluarte.
 —Éh, sinhô, não tem quem carega, meu parente turo foi ni casa de subregaro.
 —E que é do capitão do canto?
 —Capitão foi ni coreção.
 —Então por que? Vv. queriam se levantar?
 —Quem fallou esse?... Subnegaro mandô chama canderá para levá *madê* fio di êre, nan tem canderá ni canto nessa hora, subrenegaro fica zangaro manda prende turo.
 —Esta é extraordinaria!
 —*Ajoulouri*, branco é que intende seu carambora.
 —Isso é justiça a tartara; porque mesmo em *Valença* ou outro qualquer paiz de Hespanha, onde se fuzila por da cá aquella palha, não se pratica assim.

—Sr. José, estive na *Mole-tiba*.
 —Boa terra! Viu por la muita cousa?
 —*Eu la li* ou observei o pronunciamento geral da população a seu respeito.
 —E concluiu?
 —Que o Sr. abusando de sua posição commette alli extorsões horriveis.
 —Historias, Sr. *Barbosa*!
 —Eu vendo pela carregação. Pode ser muito bem que todos os moradores do logar mintam e que só o Sr. falle verdade; mas o que me disseram foi—que o Sr. tem uma *bo-dega* aonde fia as pessoas que estão em sua companhia e são mandados pelo Sr., e que no dia de *pagamento* o Sr. alterando os assentos, desconta o duplo do que elles devem.
 —Que monstruosa calumnia!
 —O caso é que quando a gente dos *tres uns* não anda *destacada*, o Sr. não fia um fi-go podre a nenhum; mas agora que está com a faca e o queijo em suas mãos, que o dinheiro dos pobres matutos vae primeiro a seu poder, o Sr. mette-lhes pelas ventas seu balhau ardido, sua carne deteriorada e tudo quanto é alcaide para haver por isso preços exaggerados.
 —Vão para a porta chorar e por isso é que lhes fio.
 —Mas é feio um superior, mercadejando

com seus subordinados e dando motivo a que andem depondo d'elle por sua pouco probidade de vendelhona.

Espero que se corrija.

—Vencendo-se este soldo... ou *pagamento*, sei o que hei de fazer.

—E' metter tudo no xadrez em desabafô.

—Capitão, em *Latronopolis*, como na Bahia, como em todo o Brasil, ja houve o immoral trafico de africanos.

—Agoas passadas não moem engenho; isso foi *in illo tempore* e nada tem com a situação presente.

—Porem tem com o facto que quero contar-lhe.

—Pois desembuche lá.

—Houve um homem que tinha um escravo africano, o qual n'um dia desapareceu e nunca mais ninguem soube d'elle. Correm os annos, e o africano fugido é preso á ordem do alcaide do bairro da Virgem Immaculada, n'uma praia. Interrogado, na *intendencia* das *averiguações*, declarou que tinha sido seduzido por um *rabula* appellidado por *arsenico*, apesar de nenhuma paridade ter sua cor com semelhante mineral.

Foi recolhido a cadeia.

Porem o *rabula* usando de trêtas, vae ao alcaide e pede-lhe que man lesoltar o fugido sob sua responsabilidade ao que accedeu o alcaide.

Fogo viste, linguica. Solto o negro foi logo posto a bom recato e mettido na enxada ahi por esses reconcavos.

—Na minha opinião o unico culpado era o alcaide.

—O senhor foi como uma bala sobre os cujos para lhe darem conta de seu escravo, mas o *rabula* que era chicanista, interpoz embaraços dizendo que o preto tinha sido comprado depois da abolição do trafico de africanos.

—E' bom modo de roubar!

Mas para que vem V. me contar casos passados?

—Para provar-lhe unicamente que não é hoje só que ha ladrões audaciosos, falsificadores de firmas, espoliadores da fortuna alheia, testamenteiros falsos, oppressores da liberdade etc., porque nos tempos que foram havia um *rabula arsenico* e outros escamoteadores.

—Bem, estou sciente, dê por finda a sua historia que tenho mais o que fazer.

—Obedeço, só lhe peço permissão para voltar depois.

—O patronato faz muita cousa!

—Agora é que sabe?

—Nomear-se para sargento da guarda nacional, a um estourado que não tem tumba nem samba, nem rama de figueira o que nem no caso de ser guarda está, para ser o ludibrio de seus collegas?

—Ha officiaes nesse caso, quanto mais sargentos.

—Como elle não, cujas botinas estão ausentes do monturo ha seis mezes e cuja blusa é um perfeito crivo.

—Isso é o menos.

—Seria o menos, si esse quidam não fosse de mais a mais rixoso e intrigante, julgando-se que por ser afilhado do maior do corpo tem licença na manga para fazer o que quizer.

—Quem é esse marreco, Sr. Manuel?

—Sr. Antonio, por Jezus lhe digo que nem que me pergunte *cento e uma vez*, lhe declararei, porque faço minhas viagens e não quero levar algum tiro por detraz do pau.

—As *encommendas* chovem umas após outras.

—A gazeta dos *pogressistas* tambem vem com um elogio bombastico e campanudo ao *delgado alarma*.

—Deixe este pobre diabo, que ja traz carga pesada ás costas.

—E' verdade, capitão, o assassino infame e covarde de Coimbra; o filho desnaturado e malvado que ousou mandar citar sua propria mãe para entregar-lhe as migalhas da legitima paterna; o pae de familias desmoralizado, devasso e cynico que sem respeito a uma innocente, ouza prostituir o lar domestico com uma filha de *Jeruzalem*, pescada nos banhos impudicos da Lucaia—precisa muito deste e outros elogios para ser tido em conta de *character spartano*, quando não passa de um Robert. Macaire ou Luigi Vampa.

—Onde a prova de tudo isso?

—Do assassinato que lhe responde da fria campã, onde jaz um fallecido ancião, que tinha em seu poder uma certidão, e daqui a pouco tempo nós tambem, que com alguma difficuldade mandamos extrahir outra para ser publicada.

Da citação vá ao forum, que é facil de encontrar.

Da devassidão pergunte á vizinhança, e principalmente a certos estudantes, que por quererem farejar tambem a carniça, estão sendo incommodados com aleives e falsidades.

—Arrel é muito!

—Nada é em comparação ao que está de reserva para outros dialogos.

Sr. Redactor.—Não tem duvida que o Im-

parcial do Sentinella 59, é um ex-fiscal municipal, expulso por ladrão, e que no exercicio daquelle emprego não so recebia a *mensalidade convencionada*, como caloteava a quanto taverneiro ha, com fianças de casa, dinheiro e generos fiados.

Essa besta, depois de enxotada da camara, não perdeu a mania, e fez cabeça em calotear a tudo quanto é taverneiro e botiquineiro, sendo a principal victima de sua especulativa industria um cujo aqui da *Bahia*, que bem tarde hade se arrepender e quando torcer as orelhas ellas não deitarao sangue.

Que diga essa turba de vendelhões que povoam esta immensa cidade, qual delles ainda não levou sua bicada dessa ave de rapina.

Porem como ia dizendo: do crescido numero de victimas, o tal caixeiro da venda á esquina do Taboão, é um dos que mais tem aguentado os *porretes* do *interesseiro Imparcial*, o qual entendeu com essa ascarosa bajulação ficar quite e com direito a dar *bote maior* na gaveta e prateleiras do hespanholito!

Santo Deus! como si concebe que um pobre voluntario, inutil de uma perna, e embriagado em cima fosse capaz de com ameaças amedrontar o tal caixeiro a ponto deste, somente em defeza propria, ser obrigado a lançar mão de um pau e rachar a cabeça do pobre homem? Pois só por causa de palavras, por mais viperinas que fossem, se commette um crime daquelle?

E quem? um caixeiro de taverna acostumado a ouvir de todas as classes.

Basta isso para comprehender a mira da infame bajulação desse miseravel aquilé. Mas felizmente o caso está affecto a authoridades que não precisam de mandar buscar garrafa de cerveja para beber em orgia com as meretrizes, nem de mandar de manhan pedir manteiga fiada.

Descanço portanto que justiça ha de ser feita.

—Sr. inspector, apezar da confiança que me merece, não posso concordar com a sua opiniao.

—V. S. me dirá o porque.

—Porque o homem mora na freguezia.

—E' o que não duvido.

—E no seu quarteirão.

—Isso contesto.

—Tanto assim, que tem nelle um escriptorio.

—Isso, quando nada, depõe contra a moralidade do individuo, chefe de familia, que diz morar n'um logar, quando é sabido que sua familia existe em outro.

Além disso não se pode chamar habitação,

principalmente para um homem que aspira a um cargo pelo suffragio popular, e que por tanto, deve ter o rendimento da lei, um vão, sem repartimento, tendo por unicos moveis, um armario, um balcão e duas cadeiras.

—Mas acresce que elle foi supplente nas ultimas eleições.

—Permitta V. S. que eu lhe observe que si não conhecesse que essa proposição de V. S. é filha somente da lealdade e dedicação, com que V. S. serve a seus companheiros de eleição, ficaria do juizo suspenso, porque é uma escapatoria tão banal que a mais infantil intelligencia não avançaria.

—Pois despachei neste sentido.

—Está no seu direito; mas eu assevero a V. S., não pela confiança que lhe mereço, mas sob minha palavra, que julgo tão valiosa como a de qualquer, que o proprio individuo, ha dons annos, vocalmente me disse, em virtude de transacções que tinhamos, que estava mudado de freguezia.

—Mas eu entendo o contrario.

—V. S. manda e pode. Peço-lhe apenas que me desculpe a franqueza, porque não tenho o dom de fingir-me.

—Capitão, ás ordens de V. Ex.

—Viva, o que ha de novo?

—Uma noticia de espantar.

—E' dizel-a.

—V. Ex. ainda não sabe o que ha?

—Não.

—V. Ex. está cassuando commigo.

—O Sr. quer dizer o contrario?

—Deus me livre disso, capitão.

—V. Ex. não viu o que disse a *luneta magica*?

—Não.

—Não viu annunciar que se tinham acabado os garrafões?

—Ah vi isso; porem isso é com os taberneiros, ou quem delles precisa.

—Sabe tambem que a fabrica delles quebrou?

—Melhor. Porem ha muitas fabricas e é bom dizer qual foi ella.

—Si não me engano é a do burro *gazio*.

—Está conhecido; o que houve? Talvez o revez da sorte.

—Capitão, não; foram os seis degenerados officiaes que elle chamou para sua casa.

—E elle não sabia disso?

—Isso não sei dizer. O que é verdade é que antes d'elle chamal-os para sua casa eram elles os carroceiros do lixo da *bomba-macha*.

—V. sempre traz nomes complicados; qual é a *bomba macha*?

—Capitão, é a do largo da *doença*.

—Falle assim.

—Depois de grande prejuizo que os seis lhe deram, chamou elle mais tres para a derrota total.

Mil-outras para gerente, o segundo para um estabelecimento de pau e coiros, e o ultimo para folguedo de crianças.

—Desta sorte nem a fortuna do nosso *poderoso*.

—Capitão, bom é que V. Ex. conheça isso; si elle diz que em quanto tiver encomendas para mandar vir elle ha de ter dinheiro, por isso, todas as contas, alem da despeza regular, tem sempre a parcella de *Mil-outras*.

—Diga-me ao que vem dizer *Mil-outras*?

—Capitão, é o lucro que não tem designação de despesas.

—Nada melhor para enriquecer em dous dias.

—Capitão, si fôra noite bastaria uma.

—Diz V: o negocio da noite não é como o do dia.

—Assim parece-me, e a não ser isso não se gastava dinheiro como se gasta.

—Quem dá o que tem a pedir vem.

—Capitão, si fosse assim bem está, porem não é, e depois a recompensa será má.

Por isso V. Ex. fica sciente da historia, para o que peço-lhe que mande o seu *muxingueiro* mostrar uma de suas bravuras.

—*Muxingueiro!*

—Prompto.

—Sabes a praça onde não é commerciada?

—Sei.

—Conheces onde está o estabelecimento de *Mil-outras*?

—Não.

—Sabes onde é o estabelecimento real de dez portas?

—Sei, sim Sr.

—Pois d'ahi faça o ponto, procure o estabelecimento onde tem por divisa um soldado afrancezado.

—Qual, um *Zuarte*?

—Sim. Diga ao dono do estabelecimento que reunindo toda sua companhia faça sciente a elles que se continuarem a praticar as bandalheiras que tem até agora feito, mandarei pegal-os para o porão deste navio, onde terão por castigo 50 tacadas na cara de cada um.

—A's ordens.

(*Continúa.*)

VARIÉDADES.

Um francez muito simplorio, estando na corte de Hespanha, cumprimentava a todos. Aos fidalgos dizia: —Tenho a honra de cumprimentar á vossa *fidalgua*, e assim a cada um conforme o seu titulo. Quando compareceu na presença da

infanta, disse-lhe: — Beijo a mão de vossa *infantaria*.

Quatro soldados do imperador José II. que haviam desertado, foram condemnados pelo conselho de guerra, á tirar a sorte em dados qual delles soffreria a pena de morte. Os tres primeiros conformaram-se com a sentença do conselho, mas o quarto recusou-se a isso, pretextando que o imperador tinha prohibido os jogos de asar. Sua magestade tendo sido informado da presença de espirito desse infeliz, em occasião tão critica, perdoou-lhe a pena, e bem assim aos seus companheiros.

OS MATAMES.

Quo lindo matame	Meus olhos bem viram
Na saia de neve,	Nos pulso da valsa
Que passa de leve	Bordados na calsa
Na dança a voar;	De fina cambraia;
De manço qual cysne	Teus labios macios
Nas agua nadando,	Sorrindo se abiram,
Qual nuvem voando,	Meus olhos bem viram
Sozinha no ar.	Matames na saia!

Teus seios palpitam,	Gentil borboleta
Tua face descora,	Travessa criança,
Não dances agora,	As flores da dança
Meu anjo descança;	Perfumes não tem;
Na valsa perdesto	Depois do brinquedo
Tão linda e mimoza,	Nem risos...nem cantos
A flôr melindroza,	Da festa os encantos
Que tinhas na trança.	A ideia não vem..

CADA TERRA COM SEU USO.

Em uma povoação da India administra-se justiça de uma maneira singular. As duas partes pleiteiantes, isto é, o autor e o réu, se apresentam na presença do juiz, que acende duas velas de igual dimensão, e entrega uma ao autor e a outra ao réu. Aquelle dos dous, cuja vela primeiro se consome, perde a causa.

Esta justiça, ainda que rodeada de luzes, nem por isso vê muito claro.

Senhora, V. Ex. é encantadora; seus olhos parecem-me dous brilhantes; seus dentes um fio de perolas, e seus labios recordam o coral.

— Por Deus, cavalheiro, não diga isso!

— Porque?

Porque, si o chega a ouvir meu marido, mande-me para alguma casa de penhores,

RESPOSTAS ACERTADAS.

Um estudante respondeu do modo abaixo indicado ás perguntas seguintes, que lhe foram dirigidas em um exame:

— Que differença existe entre a antiga e a moderna litteratura!

— A mesma que entre as sandalias e as botas, ou entre as cangalhas e as lunetas.

— Porque é que tanta gente usa de lunetas do crystal natural?

— Porque condemna a vista pela obscuridade do cerebro.

— Em que se parece um cometa com uma dama.

— Em que ambos tem *cauda*.

— Qual é o homem mais feliz?

— O tolo.

— Em que se parece nm eclipse com um reacionario?

— Em que ambos escondem a luz.

Um agiota que conhecia um grande pregador, disse-lhe um dia:

— Padre, bem podia pregar um sermão contra a usura; ao que o bom sacerdote respondeu:

— Estimo muito que Deus te tomasse no coração.

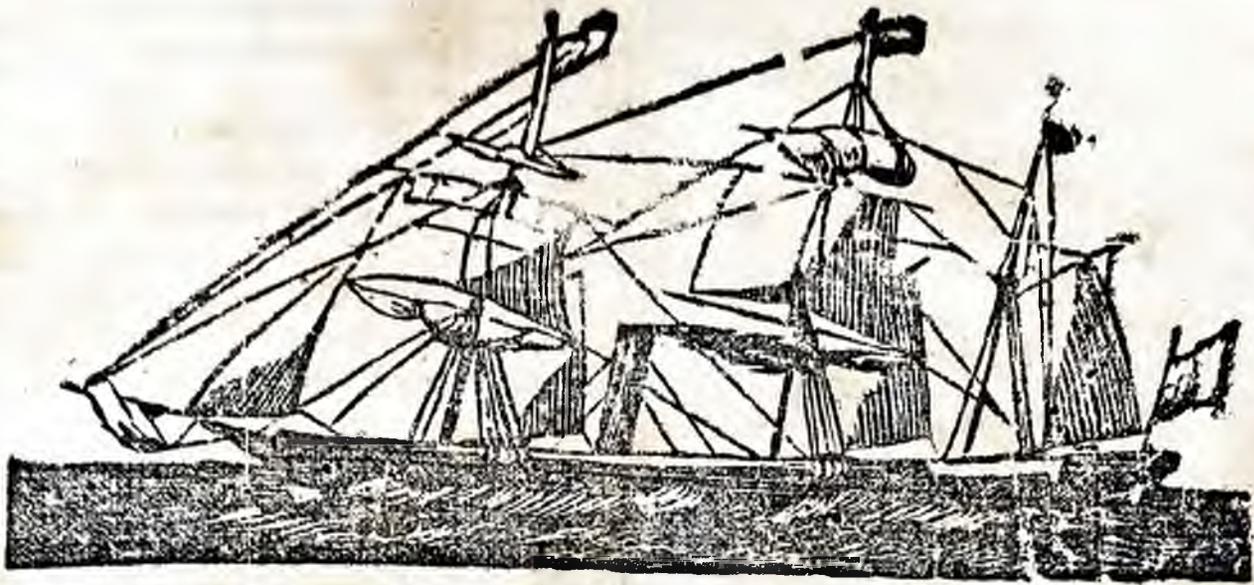
— Não é isso, o meu pedido é para vesse vossa reverendissima cõsegue converter os do meu officio, para eu então fazer melhores negocios.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS, PARA AS VESPERAS DE SANTO ANTONIO, S. JOAÕ, S. PEDRO E O GLORIOSO DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Egmidio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por encomenda e a capricho, só afim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital e como se acha com um grande deposito, está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido pois ninguem quer ser mal servido.

A pessoa, que tiver a colleccão completa, ou mesmo com alteração da *Marmota*, periodico que se publicou nesta cidade e queira vender, procure nesta typographia quo se lhe dirá a pessoa que compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 40 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

26 DE MAIO DE 1868.

N. 366.

O ALABAMA.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Não é a primeira vez que invocamos a atenção da policia contra um espertalhão, que vaga por esta cidade conhecido pelo cadete Lydio dos Santos Vital.

Esse incorrigivel industrioso tem por vezes se servido do nome desta redacção para extorquir dinheiros de diversas pessoas, e ultimamente apresentou-se a um Sr. André, empregado na companhia da Queimado, com um papel, que dizia ia ser publicado no *Alabama*, e recebeu desse Sr. 6\$ rs. para ser sustada a inventada publicação.

É um latrocinio imperdoavel e que reclama da authoridade a mais severa punição; por isso pedimos a S. S. se digne de mandar vir a sua presença os individuos em questão, e depois de interrogal os, dê o destino merecido ao tal *cadete*, que bem falta-lhe de ter feito no Paraguay.

Attenda S. S. a que essa praga de *extorquidores* está muito desenvolvida na Bahia.

Um dia destes, um bem conhecido teve a animosidade de arrancar 1\$ rs. a uma pobre mulher conhecida por Felicidade Vovó, ameaçando-a com certa publicação.

A Redacção.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
25 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. —Tendo-se levado ao conhecimento de S. S. o facto descommunal, de ter sido alta noite violentamente raptada uma mulher, á rua do Bangala, e conduzida para fora da cidade como escrava, sem que as authoridades tivessem sciencia e como não conste que até hoje se dêsse a menor providencia para averiguação e repressão de tão audaz attentado, insiste-se no facto, e de novo pede-se a S. S. se digne mandar ventilar semelhante facto e proceder contra os authores de tão inaudito delicto.

—Ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, dizendo-lhe que, com quanto muito se confie na sollicitude e interesse que S. S. toma pela boa administração da justiça e policia de sua subdelegacia, com tudo, não é ocioso recomendar-lhe a mais severa energia para o caso de desfloramento de uma menor, que ha pouco teve lugar no Caes Dourado, visto como dispondo o offensor de grande protecção, ja conta com a impunidade.

—Portanto espera-se que S. S., com os olhos pregados na lei, envide todos os esforços para triumphos da justiça.

—Os larapics não perdem vasa, andam e toda isca.

—E contando com a fragilidade da policia ainda mais.

—No sabbado, Anna de tal, moradora ao Terreiro, sahio e foi á venda do Scraphim comprar, quando voltou ja os larapios lhe tinham levado tudo que acharam desgarrado—ouro, dinheiro e panno da Costa, e até hoje procura ella o homem da capa preta.

—Que presteza!

—Foi de improviso. Parece que o ratoneiro ja andava de espreita.

—Havia de ser isso; como a mulher tem quitanda, o sugeito assentou que devia ter dinheiro.

—Estamos na época do verdadeiro progresso!

Até os dedos das mãos tem uma serventia que muita gente ignorava.

—Aqui estou eu que jejuo.

—Pois si quer aprender, vá a policia-saber a boa obra que fez com os dedos o portuguez Braga, com venda a Barroquinha.

—Que boa obra foi essa?

—Indague.

—Quem sabe si não foi alguma offensa physica?

—Accertou.

—E o offendido?

—Foi a menor de 10 annos Angela, filha da creoula Anna Ritta.

—Que extravagancia!

—O tal marreco gosta de *fructas verdes*.

—Mas essa historia de dedos está parecendo pantomima.

—Concordo; porque ninguem deixa de comer doce para chupar roletes. Mas si o homem confessa

—E' porque elle entende que com isso minora a criminalidade.

—Na casa dos paes da patria foi apresentado o seguinte:

PROJECTO DE LEI.

De reforma á defunta constituição.

A assembléa legislativa decreta:

Art. 1º. Sendo todos os homens formados e nascidos do mesmo modo, pouco mais ou menos, serão todos eguaes sem distincção de paes á filhos, de sabios á ignorantes, de honrados á velhacos, ricos e pobres &c.; pelo que o filho não terá obrigação de obedecer ao pai, o discipulo ao mestre, nem a mulher ao marido.

At. 2º. As mulheres serão communs, e cada homem tomará quantas quizer, e as largará toda a vez que lhe parecer; o mesmo poderão fazer as mulheres: pelo que desde

ja deve cessar a indissolubilidade dos matrimonios.

Art. 3º. Estes serão celebrados em presença do delegado, e na falta deste na do subdelegado, e na falta deste na do inspector de quarteirão ou do fiscal, sem nenhuma dependencia dos padres, que para nada prestam.

Art. 4º. Os filhos e filhas poderão abandonar a casa paterna, logo que cheguem ao uso da razão.

Art. 5º. Sendo a palavra—dever—inventada pelos despotas e tyranos, fica desde ja abolida; e d'ora em diante se não conhecerá sinão—direitos,—e nunca deveres.

Art. 6º. Como está demonstrado pelas melhores cabeças, que o catholicismo é um tecido de superstições e fanatismo, contrarios ás luzes do seculo, será proscripta a religião catholica.

Art. 7º. Esta será substituida pela religião natural, a qual será, como cada um entender.

Art. 8º. Os padres e frades actuaes poderão, se quizerem, casar na forma do art. 2º.

Art. 9º. Os que ja tiverem sua companheira, e della filhos, poderão continuar com toda ou maior publicidade: e terão direito á maiores benesses.

Art. 10. Os bispos serão eleitos por aclamação do povo, e deste receberão todos os seus poderes.

Art. 11. Nunca mais usarão de vestimentas do culto catholico; pelo que nos grandes dias os seus ornamentos serão capote e calças azues á Robspierre, carapuça vermelha, e em vez de baculo usarão de um chuço ou forquilha.

Art. 12. Não haverão mais nos templos imagens de Santos, porém sim serão substituidas estas por bustos ou retabulos dos que mais rusgas tiverem feito, ou mais crimes commettido.

Art. 13. A soberania residirá originaria, constante e peremnemente no povo, e qual poderá a toda a hora fazer o que lhe vier á cabeça, sem dar satisfação á ninguem, sendo a sua simples vontade as unicas regras,

Art. 14. O poder executivo será exercido por um cidadão, eleito no meio das ruas, á pluralidade de gritos, sóccos, tiros e facadas.

Art. 15. Os requisitos necessarios para tão consideravel cargo são:

§ 1º Não possuir officio, emprego ou beneficio algum.

§ 2º Não ter religião alguma, e não acreditar nem na existencia de Deus.

§ 3º Haver feito alguma sedicção, barulho, ou desordem publica e com ella se arranjado.

4.º Ter pelo menos duas querellas de assassínios ou roubos.

Art. 16. Estas nomeações poderão ser feitas toda a vez, que o povo quizer, o qual tambem as poderá desfazer, quando bem lhe parecer.

Art. 17. A lei será egual para todos os fortes ou esportos, e desigual para todos os fracos ou tolos, quer proteja, quer castigue; e as recompensas serão na proporção das peitas ou padrinhos que offerecerem os pretendentes.

Art. 18 Não haverá mais tropa de 1.ª linha, por ser esta o sustentaculo do despotismo.

Os actuaes officiaes serão empregados em porteiros e continuos das reparticões, enfermeiros de hospitaes, feitores de obras e outros empregos vantajosos

Art. 19. Para substituir a tropa de 1.ª linha bastará a guarda nacional, que será composta de toda a casta de gente.

Os seus officiaes serão tambem nomeados por aclamação nas ruas por maioria absoluta de muradas, bofetadas e outras demonstrações semelhantes.

Art. 20. Qualquer cidadão brasileiro, que será todo animal de dous pés, sem pennas, que nascer no Brazil, poderá ser chamado para official da guarda nacional. preferindo-se sempre os que nenhum prestigio tiverem, e até si fôr possível nem meio algum de vida: e não se extranhará que o porteiro da repartição commande seu chefe, e nem que o senhor seja commandado pelo escravo, a quem na vespera tivesse dado a carta de alforria.

Art. 21. O que maiores provas der de fraqueza em qualquer crise terá direito á accesso, promovendo-se á si mesmo, quando o povo o não faça.

Art. 22. Não sendo necessario quem vigie na segurança individual, e tendo a experiencia mostrado que de nada serve o corpo de policia, será este dissolvido; conservando-se apenas uma companhia para ordenanças das authoridades, que lhes servirão egualmente de criados; podendo ser empregados pelos mesmos em todo o serviço que costumam prestar os escravos.

Art. 23. Em lugar de policia se creará em cada freguezia uma companhia tirada dos jogadores, reus de policia, peraltas, caloteiros e ladrões com o titulo de—pedestres—para coadjuvar os roubos, desordens e outras brincadeiras nas suas respectivas freguezias.

Art. 24. Tambem haverá uma marinha, para a qual serão recrutados os padres, frades, medicos, professores, negociantes, e mestres de officinas &

Art. 25. Os bachareis porem serão privilegiados; e entrarão para os logares publicos, que deixarem esses que forem recrutados para a marinha, assim como para os de officiaes de justiça e mais cargos do fóro, que tiverem tido augmento de vencimentos.

Ar. 26. Os ditos bachareis, logo que mostrem ter estado por espaço de 5 annos nas provincias, onde houverem academias de direito, terão tambem direito á uma pensão.

Ar. 27. Para effeito de se poder arranjar todos quanto sahirem das academias, em cada villa, povoação ou freguezia, haverá um juiz de direito, um juiz municipal e outro de orphãos; os ordenados serão os mais vantajosos, possiveis.

Art. 28. Fica abolida a congrua dos vi-garios; devendo-se elles contentar com o que a generosidade de seus parochianos lhes quizer dar para sua sustentação:

Art. 29. Em cada provincia haverá uma relação com 50 dezeitungadores.

Art. 30. Ficam revogadas as disposições em contrario.

Salla das sessões do progresso e da conveniencia 23 de maio do 1868.

LA VAE VERSO.

A CONFISSÃO DE AMOR POR CAUSA DO DOTE.

—Mariquinhas, a vossê
Eu tenho muita amisade,
Creia nisto que eu lhe digo!
—De verdade?!

—Si não quer ahereditar
Nesta minha confissão
Eu me vou suicidar.
—Aqui não!

—Com vossê é que eu pretendo,
Atar o laço conjugal,
Por achar-lhe bonitinha.
—Menos mal.

—Veja se vossê engeita
A promessa que lhe faço,
Dê-me logo o sim ou não...
—Que maço!

—Ande minha menina,
Quer ou não quer se casar?
Não me engane, diga logo.
—Vá bugiar.

—Vossê com um bonito dote,
Que me pode pertencer,
Como felizes não seremos?
—Não pode ser.

—Ah ingrata! me desprezas,

Sem remorsos disto ter;
 Ja sinto o corpo esquentado.
 —Não vá morrer.

Á PEDIDO.

(Continuação)

- Capitão voltei a carga.
 —Eu prompto a ouvir-o.
 —Sabe V. Ex. que o *mil-outros & C.* estão damnados!
 —O caso não é para menos.
 —Sabe que no domingo a noite fizeram sessão extraordinaria?
 —Não.
 —Pois teve isso logar na *vertente* d'agoa no *largo da doença*.
 —E' tão publico assim?
 —E' verdade, mas foi as 10 horas da noite.
 —A esta hora eu faço ideia o que elles não fizeram.
 —Capitão sem V. Ex. assistir, diz isso, quanto mais se visse os projectos que foram apresentados.
 —E d'entre delles qual ficou para ser executado?
 —O de deixarem passar uns trinta dias para o esquecimento d'isso e n'uma noite inesperada os poucos garrafões que existem serem quebrados a pau.
 —Olá temos aqui justiça do mato.
 —E' verdade, capitão, o pau para elles está acima de tudo.

(Continua.)

O assassino com o punhal em punho, atacando em dia claro, na praça publica, o cidadão honesto e pacifico, e tirando-lhe a vida, é menos malvado, é menos perverso do que o infame cobarde, que com a penna na mão, embebida em veneno, e nas trevas — com a capa do anonymo, assassina a honra e a reputação de quem quer que seja, á quem, para esse fim, dá um nome supposto.

Assim, os honrados Srs. Drs. Silva e Almeida, Evaristo Ladislau, Jovino Cesar da Silva, José Felix e Cyrillo Eloy, todos, egualmente, muito distinctos por suas virtudes, talentos, limpeza de mãos, e serviços relevantes a patria, não estão livres de que qualquer *quidam* os maculem, dando a cada um delles um pseudonimo—como o de *delgado alar-ma*, ou fazendo de seus respeitaveis nomes um *anagramma*, que dê a conhecer que sobre elles recaem todas as infamias e calumnias ainda as mais torpes e hediondas.

Um dialogo escripto pelo mais descarado e ladravaz pelintra desta cidade, vergonha dos bachareis, e outros que taes, pode apenas

sujar. porque o carvão da calumnia não queima—suja.

Quanto escreverem nada será em comparação ao que ainda podem ter em reserva para novos *dialogos*.

A pena de Talião somente é que pode punir a taes infames.

Queixo por dente—é a unica reprezalia de que precisam.

Pois bem—ouvirã verdades duras e bem duras.

Esperem os tratantes e calumniadores.

VARIIDADES.

Um camponez, que nunca havia entrado em theatro, teve um dia o desejo de assistir a um espectáculo. Para esse fim dirigiu-se ao bilheteiro e disse-lhe:

—Senhor, eu quero assistir a representação da peça *Gaston et Bayard*, que aqui se representa hoje, mais quero que me venda um logar onde eu possa ver tudo.

O bilheteiro deu-lhe o primeiro camarote da primeira ordem, assegurando-lhe que d'alli veria tudo a seu gosto.

Logo que o camponez entrou no camarote começou por excitar a hilaridade pelo seu traje, mas elle não se agastou e virou-se para a scena. Quando a peça chegou á sexta scena do quinto acto, e *Attamore* quer matar a *Bayard*, o camponez vendo que o actor se atira com a lança sobre o dito *Bayard*, pula do seu camarote sobre a scena, e atracando-se com elle lhe diz:

—Agora é comigo, tratante, pois já fizeste demais a este pobre diabo.

Houve uma difficuldade muito grande em tirar-lhe o actor das mãos e capacitá-lo de que nada do que via era real.

Uma joven esposa, rescendendo ainda os perfumes de noivado, pretendeu saber quantos filhos seriam o fructo do seu consorcio.

E', sem duvida, uma curiosidade muito natural, mas tambem, às vezes, perigosa.

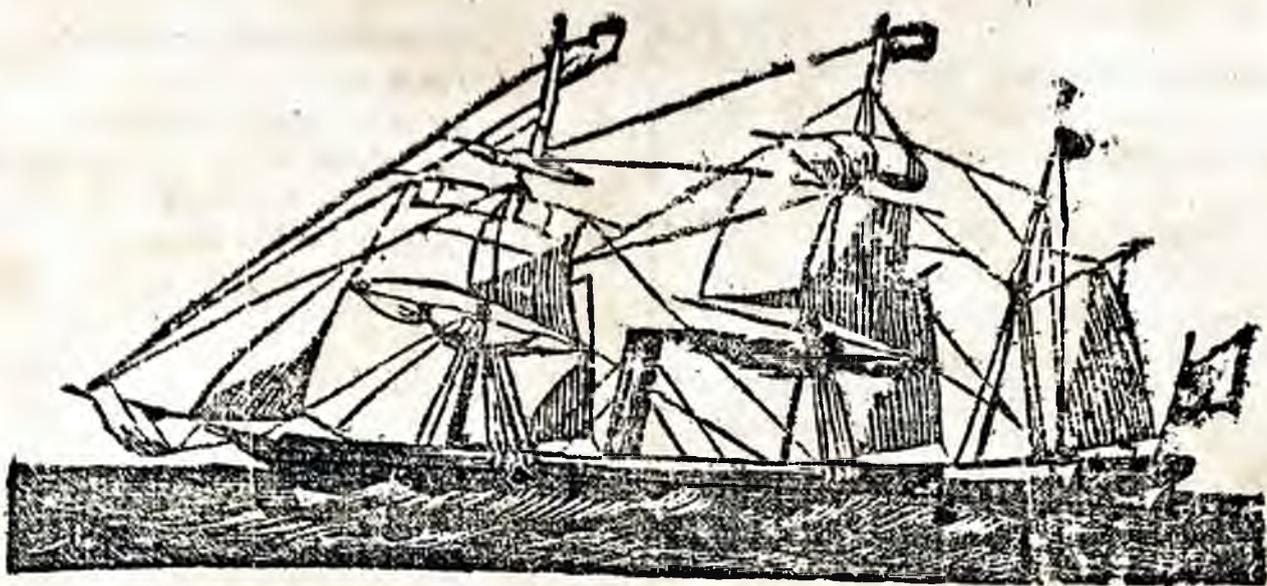
Lembrou-se de consultar alguma *sybilla spiritica*, e, já se sabe, com a approvação do marido, perigosa tambem em certos casos, foi perguntar a um medium, ou antes a uma media, (era um spirito feminino) em plena sessão de spiritismo, quantos filhos havia de ter. Respondeu-lhe a inspirada que quatro. Veio a nossa futura mãe de familia muito contente contar ao marido o resultado da consulta. Aquelle, porem, desejando ter uma prova da coherencia de tal prognostico, foi em outra sessão perguntar á mesma prophetiza quantos filhos havia de ter. A resposta foi que teria dous!...

O pobre homem ficou banzando, sem poder atinar porque modo havia sua mulher de ter quatro filhos e elle so dous!

Em um quartel;

—Soldado Pacot, não tens dous soldos de intelligencia.

—Meu cabo, si eu so ganho um, como poderei comprar dous soldos?



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 44, 1.^o andar.

Anno VI.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 40 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 37.

BAHIA

28 DE MAIO DE 1868.

N. 367.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. administrador do theatro.—Tendo necessariamente de apparecer, com a chegada da companhia lyrica, alguma desynteria poetica nos intestinos desse theatro, que venha incommodar ao paciente publico; sirva-se S. S. de entender-se com os taes poetas, pregadores de theatro, para que previnam as noites em que tiverem de versejar, afim de que a rapazeada que tem de ouvir as lamentações poeticas, seja avisada para levar travesseiro e colchão, onde se recoste emquanto durar a febre enthusiastica dos taes palradores do Parnaso.

—Apre! Assim é de mais!

—V. está pasmado; de que?

—Do incommensuravel deleixo desta terra, para todos os ramos do serviço publico.

—Bagatella! Eu julguei que se admirava d'outra cousa.

—Pois n'uma cidade onde ha um inspector de saude, uma camara, e uma caterva de fiscaes, se consente que os fatos dos carneiros mortos para o consumo sejam atirados á rua, e que ali fiquem em putrefacção, prejudicando a saude do povo.

—E' exacto; tenho visto nos Talhos de S.

Bento, por mais de uma vez, visceras de carneiro em decomposição, jogadas n'uma especie de montureira, exhalando uma fedentina horriavel.

—E isso n'um mercado publico, onde o publico que vae prover-se do necessario é obrigado a agglomerar-se, é a mais indesculpavel e desasada prova da incuria dessa sucia que rege os destinos do povo.

—Que se importa essa gente que está no seu bem-estar, que tres ou quatro infelizes do povo morram de typho ou outra qualquer molestia, occasionadas por aquelle foco de infecção?

—O que vale é que a morte não faz escolha.

OS PARENTES.

A palavra parente em portuguez quer dizer—pessoa que está perto da nossa raça, ou que nos é ligada por sangue, isto é, que no gerar-se e nascer andou embrulhadada nos ventres de nossos conchegados. A etymologia desta palavra ignoro, mas querendo formal-a cá com os meus botões, e deitando a livraria abaixo, formei-a de dous modos, a saber: parente, composto de *par* e *ente*, e então vem a ser, mulher e homem, porque na dança não se admite sinão macho e femca, e portanto esta etymologia não está em ordem: formei do verbo latino *páreo pares parere* no participio do presente, que vem a ser parente, e significa o que obedece; visto que *parere* significa obedecer, e tambem este não

está muito coherente, por quanto ha parentes que são obedecidos e nunca obdecem. Mas deixemos a raiz da palavra, e vamos aos fructos e folhas deste arbusto, que tanto se enxerta na sociedade.

Considerado o parentesco como verdadeiramente o é, que significa união de familia, ou proximidade de raça, deviamos contar como parentes todos aquelles que por meio de casamento, ou paternidade, nos são unidos; porém, infelizmente a soberba e impostura na sociedade, tem chegado a tal ponto, que muitos negam os parentes unicamente por serem pobres, ou serem pessoas de cor, chamados pardos vulgarmente; e então acontece diariamente a vile e estúpida miseria de quando querem alguns pais que os filhos casem, indagarem-se si a moça tem raça de parda, porém si ella tiver muito dinheiro é immediatamente branca, e pura como um jasmim, e até fidalga. Outros tem descido a infamia e barbaridade de negarem as mães, e dizerem que sao suas agregadas ou engomadeiras, só porque são de cor!!!

Outros, toleirões e ingratos, quando acontece serem filhos de um homem branco, e uma parda, a cada passo estão citando o pae: não se ouve fallar senão no pae—meu pae p'ra baixo, meu pae p'ra cima, e a mãe niçlis, por que é parda; serviu para cria-lo na barriga, e paril-o com risco de vida, e não serve para ser amada!!!

Outros, se acontece terem um parente, ainda que no centesimo grau, com algum titulo, massam a gente a contar o que diz o tio barão, o que come, o que veste, o tempo que dorme, e outras frioleiras desenxabidas, e si o parente titular é proximo, bem como um irmão marquez, ou um tio bispo! isso então é o ora pro nobis da conversa.

Entretanto, outros tambem, por asnos, escondem os parentes quando tem uma profissão baixa, bem como, se tem um cunhado sapateiro, ou um primo meirinho & &.

Ora o certo é. que muitas vezes os parentes são prejudiciaes, bem como quando se casa um homem, e pensando sustentar só uma mulher, vem lhe para casa uma cambada de primas, tias velhas da mulher, afilhadas, agregadas &c. &c.

(Continua.)

LA VAE VERSO.

CANÇÕES POPULARES

TERRA ALHEIA.

«A rôlinha de cançada

Bateu o papo n'arcia,

E batendo foi dizendo:

Triste cousa é terra alheia.»

Garça parda, garça branca

Que n'esto lago passcia,
Bate as azas, volve aos lares
De quem chora em terra alheia:

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

Que a rôlinha de cançada
O papo bate na arcia,
E batendo disse em prantos:
E' cruel a terra alheia!

Ai voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

Minha vida, meus pezares
Conto aos meus, na minha aldeia:
Que sou a rôla cançada
Soluçando em terra alheia:

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E si ouvires uns gemidos...
E' a mãe que me pranteia!
Ai, supplica a sua benção,
P'ra quem chora em terra alheia!

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E se ouvires uns suspiros...
Minha amada devaneia;
Dá-lhe um beijo em troca d'outro
P'ra quem chora em terra alheia:

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E, si vires á noitinha,
Meus irmãos junto á candeia,
Ai, lhes conta a longa historia
De quem chora em terra alheia:

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E si fôres aos coqueiros...
A graúna lá gorgeia:
De seus hymnos o mais terno
P'ra quem chora em terra alheia!

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E a doce nota do sino,
Qu'ao sol posto tanto enleia;
Um raminho das campinas
De quem chora em terra alheia:

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E os descantes do vaqueiro,
Quando á tarde não campcia...
Ai, consolos e lembranças
P'ra quem chora em terra alheia:

E voando vai dizendo:
Triste cousa é terra alheia!

E voltai... que eu sou a rôla
Qu' o papo bateu n'arcia...
E dá forças, dá-me alento

Ao cançado em terra alheia:
E voando vai dizendo
Triste cousa é terra alheia!

J. B.

Á PEDIDO.

—Compadre, peço-lhe um favor.

—Pois não, o que é?

—E' para V. entregar a aquella Sra. da Conceição da Bocasinha, o trancelim que V. tomou emprestado para sahir no dia 2 de julho.

—Deixe-me, compadre, por S. *Bernardome-nino*; eu tomei emprestado o trancelim, é verdade; mas tive uma precisão, que foi de comprar uma cadeia, e empenhei-o por 20\$ rs. ao *Tavares*, e ainda não o fui resgatar, mesmo porque aquella mulher me tem deitado no *Alabama*.

—Mas isto compadre, não tem termo, V. tomou emprestado o trancelim, deve o entregar, tanto mais quanto V. é empregado de policia, e não é bonito ver seu nome fallado, na gazeta.

—Mas, compadre, não tenho tido 20\$ rs. para o resgatar.

—Pois V. ha quasi um anno não recebe o ordenado? e porque não toma emprestado em mão do homem da *Matta*, com quem, V. trabalha na *inspecção*?

—Quando o *Senna* e o proprio *filho* não lhe merecem credito quanto mais eu.

—Pois olhe, disse-me a Sra. que vae deitar no *Alabama* um artigo a seu respeito, em que conta factos horriveis, bem como um que se deu na escada de seu sogro quando V. estava para casar-se.

Sabe que facto é?

—I.!!!
Mizericordia!!

—Estão mudados os tempos! *Oh tempora, oh mores!* Já um caloteiro, um delapidador da fortuna alheia e um espertalhão passa por *caracter spartano* na gazeta do *progresso*.

—Explique-se, homem.

—Refiro-me ao *delgado alarma*, que, alem de assassino, amaldiçoado e cynico, reúne mais as qualidades acima referidas.

—Como?

—Caloteiro—porque illudiu uma pobre e virtuosa senhora, de quem bifou tres contos de réis, e não ha forças humanas que o obriguem a pagar. Ha tres annos, mais ou menos, que corre um pleito neste sentido, e não sei quando acabar-se-ha; já houve até penhora:

Delapidador da fortuna alheia—porque em

sua casa tem uma infeliz menor, que, tendo alguns bens, está hoje reduzida á miseria, soffrendo privações:

Espertalhão—porque *chamou á sua folha* uns carneiros do tenente-coronel *dos pinheiros*, que dil-o abertamente a quem queira ouvil-o.

—Bravissimo: um tractante destes na antiga Sparta já estava, ha muito, enforcado.

—Pois aqui não; merece a confiança do governo, apesar das ruas de amargura por que a sua lingua viperina faz passar o Sr. *das nascentes*, que já o enxotou dos umbraes palacianos.

—Capitão, que vida feliz!

—De quem?

—Do alferes *Marinho*.

—Porque?

—Pelo que me consta.

—O que é que lhe consta?

—Que quando quer passeiar diz ao commandante—estou dispensado oito dias pelo presidente; findam-se estes, diz—tenho mais oito e raspa-se para Santo Amaro; a ser verdade, nada melhor do que viver assim.

—E' verdade.

—O Sr. alferes no periodo de oito mezes tem feito 10 piquetes, 8 rondas, uma diligencia de 17 dias nos *Humildes*, calculo aproximado; o mais tempo tem estado licenciado, passeiando pelo reconcavo, trocando cavallos.

—Pois o Sr. commandante que mostre ao Sr. alferes o art. 66 do regulamento do corpo, e chame-o ao cumprimento de seus deveres, ponha duvidas a respeito de tantas licenças em nome do governo; pode haver protecção d'uma ou outra parte, menos com escandalo.

—Meu charo professor, como está? Estou o vendo assim com um ar de quem está zangado?

—Tenho razão para isso.

—Então houve algum transtorno na sua vida, alguma noticia que teve de sua familia?

—Não é nenhuma dessas cousas.

—Roubaram-lhe as futuras esperanças, não?

—Hoje não estou para grácêjos.

—Mas o que tem V., diga?

—Recebi neste momento o *Diario* em que vem publicado um discurso do director dos estudos a respeito os internatos, e vi um pedacinho que me encommudou bastante.

—O que diz elle, que V. ficou tão vexado assim?

—Diz que o professor *Bellarmino*, com quem elle director não se dá, mas cujo ca-

racter é severo, em 1861, quando elle era incumbido de praticar a reforma e quando o procurava para tratar de sua jubilação, que a teve integral, disse-lhe:

«Sr. Barbosa, o internato é uma de suas glórias; porque, por exemplo, na ultima fornada do externato sahiram trinta camellos»

E como fui eu tambem um dos formados nesta fornada, estou incluído no numero dos camellos.

—Mas V. não está vendo que o Bellarmino não podia dizer isso; não está vendo que o professor, chamando os discipulos camellos, será duas vezes mais camello do que elles, porque os approvou?

—Está o proprio Barbosa se comprometendo.

—Como?

—Diz elle, depois do pedaço que V. leu para eu ouvir, o seguinte:

»Si coubesse aqui o juramento de honra, eu o daria.»

Ora, si elle disse que o Bellarmino tachou os trinta normalistas de camellos, como não cabe o juramento de honra, quando elle tem sua consciencia livre? Já vê V. que o Bellarmino não disse semelhante cousa, e se o disse, porque o Sr. Barbosa não deu o juramento, quando tinha consciencia que sua honra não ficaria manchada?

Isto é que é preciso refletir-se.

O Portella, em um aparte que deu, justificou os normalistas, quando disse:

«Elle é que approvava os camellos; eu lá não estava.»

—Muito bem, muito bem!

—Olé! Estão em assemblea, não?

—Oh, caro amigo! Estamos aqui apreciando o discurso do Barbosa, no qual diz, que no ultimo anno do externato disse-lhe o Bellarmino ter-se formado trinta camellos.

—Ora deixem-se disso que já li no *Jornal da Bahia*, que acabo de receber, uma resposta do professor Bellarmino desmentindo o que o Barbosa fallou no seu discurso.

—Felizmente o Bellarmino não deixou passar despercebido o vomitorio, que o Barbosa quiz trancafiar-o.

—O Bellarmino publicou a resposta antes de ser publicado o discurso vomitoriado.

—O Dr. Brandão fez justiça ao caracter do Bellarmino, o julgando incapaz de dizer semelhante cousa.

—Está encerrada a discussão.

Procura-se saber, onde nesta cidade reside o Sr. tenente Alfredo Augusto Gonçalves Moreira, que, em março de 1867, recebera, no Rio de Janeiro, do alferes Cova, por or-

dem do alferes João Pinheiro Requião, hoje fallecido, a quantia de 5000 rs. para serem entregues, nesta cidade á seu pae.

E porque até o presente não tem o pae do fallecido alferes recebido cousa alguma, attribuindo-se o não conhecimento que o Sr. tenente tem do mesmo, que venha a esta typographia, para colher informações precisas.

Bahia 24 de maio de 1868.

O Impaciente.

VARIÉDADES.

—O senhor casa-se?

—Não.

—Porque?

—Porque andaria triste,

—E por que andaria triste?

—Porque havia de ter ciúmes.

—E porque os havia de ter?

—Porque seria atrahidoado.

—Quem lhe disse que seria atrahidoado?

—Seria atrahidoado, porque o merecia.

—E porque o merecia?

—Por me haver casado.

Um idiota dizia n'uma reunião:

—Tenho uma ideia!

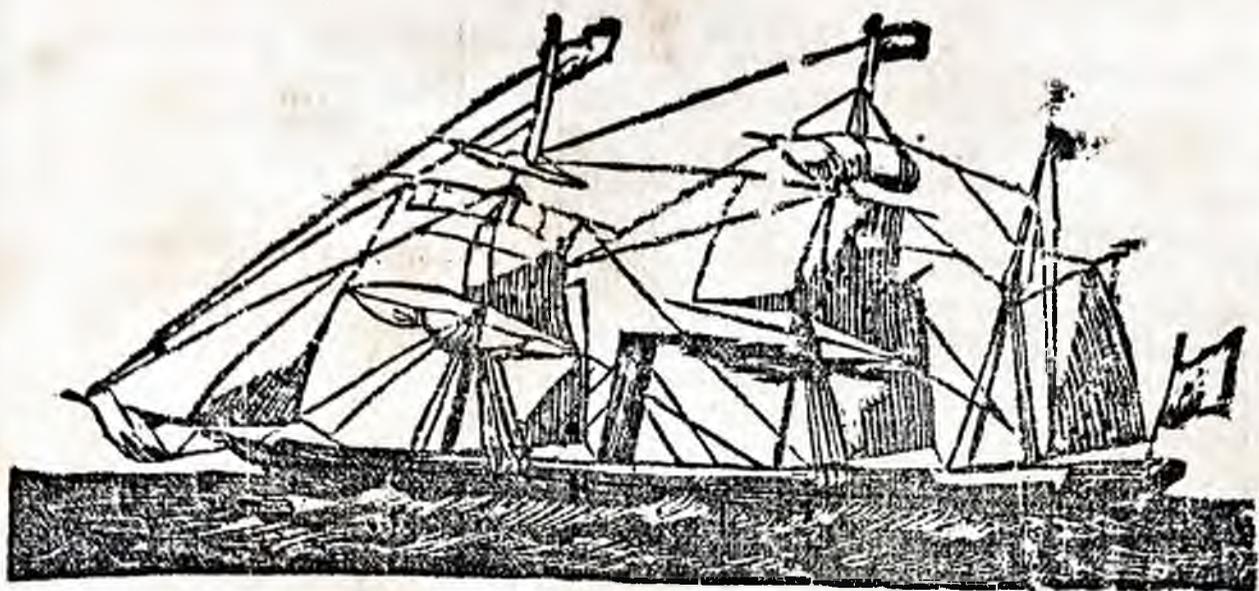
—E' é caso para admirar, observou um dos ouvintes.

ANNUNCIOS.

FOGOS E MAIS FOGOS E SEMPRE FOGOS,
PARA AS VESPERAS DE SANTO ANTONIO,
S. JOÃO, S. PEDRO E O GLORIOSO
DIA DOUS DE JULHO.

Só na Loja Flaviense de Antonio Emigdio de Souza, á rua do Guindaste dos Padres n.º 24, é que se encontra um grande e variado sortimento de pistollas, foguetes do ar, craveiros, fortes espadas encouraçadas, chuvinhas e chuveiros, rodinhas grandes e pequenas, traques da India das primeiras marcas, ditos de maça, ricas sortes para presentes, candeias e bichinhas, photographias magicas e feiticeiras. O Annunciante garante ao respeitavel publico desta capital, que em parte alguma serão tão bem servidos como na loja acima, por ter mandado fazer os seus fogos por encomenda e a capricho, só assim de bem servir aos seus freguezes, pois escolheu os primeiros fabricantes desta capital, e como se acha com um grande deposito, está resolvido a vender tudo por muito menos que em outra qualquer parte, e por isso espera ser preferido pois ninguem quer ser mal servido.

Typ. de Marques, Aristides & C.ª



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.^a
à rua do Collegio n. 14, 1.º andar.

Anno VI.

Serie 37.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 ns. ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE MAIO DE 1868.

N. 368.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
29 de maio de 1868.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1º districto, recommendando a sua vigilante attenção um rapazito de nome José de Sant'Anna, tocador de *ferrinhos*, e aprendiz do arsenal de marinha, filho de um Sant'Anna, alfaiate. Esse peralvilho, apesar da pouca idade, é um perito official do olho vivo, e parece que nenhuma correccão recebe da casa paterna, pelos seus mal-feitos, por isso levando-se ao conhecimento de S. S. pelos innumerados factos praticados, espera-se que o mande para o logar onde se costuma corrigir os peraltas e rato-neiros.

- Forneça-me alguma cousa da guerra.
- Não viu as folhas diarias?
- Eu confio pouco na forja que fabrica as taes noticias.
- Pois ouça este pedacinho do *Diario Fluminense*, que é o meu predilecto.

«DO RIO DA PRATA

Entrou hontem, 19, do Rio da Prata o paquete *Aunis*.

As noticias, que traz do theatro da guerra, dadas como os factos se passam, são tristes e não confirmam a posse do *Chaco* e nem do

Timbó, e tão pouco o sitio completo, fechado do inimigo em Humaytá.

As do Rio da Prata, quanto ao estado politico e civil das republicas alliadas, são as mais apprehensivas de imaginar.

Levanta se o espirito publico naquellas republicas contra a alliança, e pede-se em *character official* o rompimento da mesma alliança.»

—É o governo no proposito de guardar segredo compromettendo o paiz com tal systema de trapos quentes!

—Diz o *Jornal do Commercio* do mesmo dia: Entrou hontem do Rio da Prata o paquete francez *Aunis* com folhas de Buenos-Ayres até 14 e Monteyideu 15 do corrente.

Do theatro da guerra temos datas até 10, mas depois da occupação do *Chaco* pelas forças alliadas, successo de que ja conhecemos todos os pormenores pelas correspondencias e partes officiaes publicadas, não se dera mais facto algum de primeira importancia.

—Diz tambem o *Diario*:

«Consta-nos que o ministerio apresentará á corôa o decreto de demissão do generalissimo brasileiro, o honrado Sr. marquez de Caxias, si o *expresso*, que proximamente vier do theatro da guerra em poucos dias, não trouxer a noticia de que se feriu uma . . . grande *batalha*, conforme tambem ultimamente ordenou o governo ao generalissimo o fizesse!

É uma curiosidade mais da . . . politica governamental do tempo.

Seja como for, de noticias de *grandes acontecimentos* deve ser portador, em breves dias, um expresso à chegar do theatro da guerra!

E Deus permitta que *esses grandes acontecimentos precipitados* sejam... em bem do paiz!»

—Quer ver como se avilta vergonhosamente a pura e divina essencia da religião de Christo, emparelhando-a ás mais grosseiras e estupidas usanças da idolatria?

—Si quer se dar a esse trabalho, porque não?

—Nos jornaes de S. Paulo, na sessão dos annuncios—entre os panegyricos feitos aos côcos da Bahia, lingoas do Rio Grande, medicamentos de Grimault, salsa-parrilha, sabonetes de alface e outras *novidades parisienses* de um tal, lê-se tambem o seguinte annuncio:

«IMACENS DO PORTO.

«Victor Augusto Monteiro Salgado recebeu pelo navio *S. Paulo*, chegado ha poucos dias ao porto de Santos, uma grande quantidade de *diversos objectos*, e entre elles vieram *ricas imagens*, perfeito trabalho em madeira; abaixo se menciona as que ainda existem e que se trocam pelos valores tambem abaixo exarados:

«1 Imagem do Senhor dos Passos—120\$.

«1 S. Sebastião—100\$.

«1 Nossa Senhora das Dores, com peanha e redoma—120\$.

«1 Nossa Senhora da Conceição, com dito dito—110\$.

«1 Santo Antonio, grande, dito dito—100\$.

«1 Dito mais pequeno—80\$.

«1 Nosso Senhor crucificado, 1 Nossa Senhora da Soledade e 1 S. João Evangelista, tudo por—100\$.

«1 S. Benedicto, grande, por—100\$.

«1 Dito mais pequeno—70\$.

«PARA ALTAR OU PARA EGREJA.

«1 Banqueta completa e ricamente dourada, constando de 7 castiças e 1 Nosso Senhor Crucificado, tudo por—240\$.

«Encarrega-se de mandar vir do Porto ou Lisboa qualquer imagem, ou ornamentos para egreja ou oratorio, mediante uma pequena commissão, o pagamento adiantado, de um terço ou metade do valor da encomenda, de que se passará um recibo.»

—Já que os sabios directores supremos do paiz, e bem assim o alto e illustrado clero brasileiro, em vez de extinguil-as, antes aco-roçam taes *miserias*, é conveniente que de si mesmo vá o povo reflectindo por sua conta e risco.

—Como vae o dinheiro do Brazil!

Diz o *Diario Fluminense*:

«Somos informados que na Inglaterra um *valido feliz* do imperialismo do tempo, com-missionado para comprar vapores para o Es-

tado, comprou por *cem mil libras esterlinas* dous vapores que estavam no Tamisa, ha muito tempo, sem acharem compradores pelo valor de *dez mil libras* cada um, preço pelo qual tinha o agente vendedor ordem para desfazer-se delles.

Foi uma bagatella de 40,000 libras mais por cada um, porque o contribuinte brasileiro tem para dar.

Havemos de esmerilhar este negocio, como o fizemos com os trilhos de ferro do Chaco, e assim com mais alguns outros arranjos do imperialismo governamental que nos felicita.

Calculando as libras esterlina a 10\$ rs. cada uma, preço muito baixo, cada um daquelles vapores custou ao Brazil a bagatella de *quinhentos contos de réis*.»

—E' justamente o que se chama *esbanjar á vapor*.

LA VAE VERSO.

DEFINIÇÕES.

O POVO ENTRE SYLLA E CARYBIDES.

Soneto.

Povo, é pupillo de fataes tutores,
A quem, rei, fidalgo, padre estulto,
E mais caterva do mendacio culto,
Chamam-no rebanho de que são pastores.

Rei, com chapas, fitinhas sem valores,
Quer do livre a servidão, do livre o luto,
Fidalgo, que é do rei retrato e vulto,
Rouba do povo p'ra exaltar senhores.

Padre, esse duende no mysterio envolto,
Quer das cousas do ceu tratar na terra!...
Mas co'as unhas no mundo, a freio solto.

Do carola na fé, seu dente ferra,
Eis a trindade, contra quem revolto
O mundo livre, ja de si desterra.

Sertanejo

Á PEDIDO.

—O' aspirantel

—As ordens.

—Va buscar o *Charles Viars*.

—Esse maldicto *meio-pata* tem medado um trabalho insano.

Capitão, aqui está o cara de *caxinguelê*.

—Chega á forma, milhafre da virgindade.

Com que conseguistes impunemente fazer mais uma victima de tua brutal e lasciva sensualidade, atirando a infeliz e innocente menina a prostituição?

Abrasada em chammas sejas tu, maldicta Latronopolis! onde os ladrões, os assassinos,

os corruptores e perversores da sociedade a-
cham tanta guarida e protecção!

Quantos peditorios e quanta gente inte-
ressada pela impunidade desse abutre!

—Capitão, é pela *charidade* que faço.

—E' com essa hypocrita e mascarada cha-
ridade que vaes alcançando teus torpes de-
sejos, fera indomita e bravia.

E' com o disfarce de fazer bem e acudir
a humanidade afflicta, que levas a prostituição
ao seio de quanta familia pobre penetras.

Levas a charidade mentida nos labios e o
lethal corrosivo no coração.

E ainda ha paes de familia que pedem por
um monstro destes!

E ha autoridades que *capeam* um assassino
de tal ordem!

Uma fera que compra a honra de uma in-
canta donzella por 10\$ rs.!... e n'outro dia
é chamado de philantropo e prestativo!

Egoistica sociedade em que vivemos!...

Cartouche, o ladrão sagaz por excellencia;

Vampa, o saltador mestre, pela pratica;

Vidoe, o ladrão que com o punhal tirava a
vida ás suas victimas;

Zé do Telhado, o ladrão mais destro e fino
de que teve noticia a policia de Lisboa, nada
são em comparação a ti, sicario nefando,
que sem piedade, te deleitas em esmigalhar
as capellas virginaes, que cingem as fronte-
de innocentes indefezas meninas e atiral-as
ao lodaçal da infamia!

E a condescendencia dos homens te absol-
vem de tão hediondos crimes!

E a desmarcada protecção de que dispões
é bastante forte para arcaves contra o justo
brado de indignada maldicção, que despren-
dem sobre tua cabeça, as victimas de tua
brutal concupiscencia!

Mas desta vez pagarás por todas teus te-
nebrosos feitos, porque estás diante de um
tribunal onde não se admite contemplicações.

Muxingueiro, leva este thng da honestida-
de para o porão, porque ainda não chegou a
hora de expiar seus tremendos crimes.

(Continua.)

—O *character spartano* está completamente
desapontado.

O *chefe*, outro dia, de viva voz, ouviu de
uma parte que foi queixar-se ou antes preve-
nir-se, horrores e infamias, que ficou enver-
gonhado de conservar junto a si um tractante
de tão grande marca.

Ouviu as accusações boqui-aberto, extatico
de que merecesse a confiança do governo esse
chisbarro ratoneiro.

—Quanto mais si elle soubesse de tudol

—Pois o *delgado alarma* não teve o *cio bo-*

daico de, no exercicio de suas funcções, conver-
ter um camarote em bordel policial, e ahi...
com uma pardinha, que para esse fim man-
dara chamar das terrinhas, no tempo em que
representavam as *buffas*?

—Isso não é nada. A empalmação que fez
no primeiro casamento da *cabocolinha*, isso é
que é tudo. Ahi a prevaricação e a concussão
chegaram ao seu maior excesso. Ainda vive
a pessoa a quem elle rebaten as letras que lhe
foram dadas *em recompensa de tão grande of-
ficio*.

—Conte-me isso por miudo.

—Não se appresse: de vagar se vae ao
longe.

—Hontem, passava por uma *rua*, absorto.
pensando na *misericordia* divina, quando fui
despertado por um som extranho que sahia
d'uma casa e fazia *xic... xoq...* e após ou-
vi gritar—56—pensei que era alguma lote-
ria sem authorisação, que estava correndo de
noite; porem logo desfez-se-me a illusão
quando em seguida a este numero ouvi mur-
muriros de *casas novas, duques, ternos, e qua-
dras*.

Estavão j gando o vispora.

Entrei.

Confesso que fiquei espantadissimo, de
ver a condescencia com que a policia consen-
te uma casa destas n'uma rua de tal ordem,
onde a qualquer hora transitam as potestades
policiaes.

Mais logo fiquei desilludido, quando soube
que a tal spelunca era mantida e garantida
por uma *influencia eleitoral*, que é *cousa* no
districto policial onde está situada a tal jo-
gatina.

Muitos milagres fazem estas eleições!

A não serem ellas, é impossivel que con-
sentissem por um momento em pavorosa so-
ciedade aquella variedade de typos, aquella
simultaniedade de cataduras; aquella aggle-
meração de fezes que so apparecem á noite,
e que fazem da acanhada saleta do vispora seu
passatempo favorito.

Alli prorompem os gritos descompassados,
as questões atrozes, as palavras indecorosas!
E das palavras vão aos murros, dos murros
aos cacetes e dos cacetes ao punhal!

E a policia impassivel!

E' mundo, vamos vivendo.

(Continua.)

O *Cazuza*, frasquinho de veneno, está *atra-
palhado*.

De caloteiro, ladrão, assassino, e muitos
outros opithetos lhe fazem a festa.

Por nossa vez vamos tambem dar conhe-

cimento ao publico de certos factos, e por isso, Sr., guarde um logar no seguinte numero para o

Seu assignante,
O Spirita.

—Santo Deus! Quem me vallet, . . .
Justiça do ceu! . . .

—Senhora, Vm. o que tem que está tão desconsolada, aconteceu-lhe um grande mal?

—Minha filha, Sr., minha innocente filha, com 11 annos, perdida . . . prostituida, por um monstro; e eu fraca mulher, desamparada, sem ter quem me proteja.

—E a senhora porque não recorre a lei, que é quem lhe pode desafrontar?

—Como, Sr., si em toda a parte encontro tropeços e embaraços? Si o infame portuguez que deflorou minha filha, dispõe de recursos e protecção; e naquelles mesmos que deviam ser os intermeadearios da justiça encontro obstaculos?

Quiz ir lançar-me aos pes do Sr. chefe e implorar-lhe commiseração e piedade e não me consentiram!

Talvez que elle me ouvindo, se condoesse de uma mãe desgraçada; mas não o quizeram . . .

Ai. . . meu De. . . us. . . so na justiça do ceu poderei encontrar a reparação de tamanho mal.

—Não chore, senhora, que não lhe dá remedio.

—Aqui está a roupa da innocente, Sr. veja, veja o tamanho da mulher que o tigre achou para deflorar! . . .

—Perverso! . . .

—E houve quem trahindo a sua missão, asseverasse que a infeliz se achava em perfeito estado!

A justiça deste mundo so é para quem tem.

Quem tem, acha ate quem abusando do seu officio, o proteja *escrevendo* com alteração os factos.

—Deixe isso para depois e diga-me quem é esse malvado.

—E' o *Manuel da Catharina*; tem bodega na Barroca pequena ao pe da *valla*.

—E como pode pilhar a menina para causar-lhe o mal?

—Estava entregue a amasia desse demonio para educal-a; o maldicto valeu-se disso para consummar seu endiabrado iniento.

—Pois senhora, o chefe é homem de excelente coração, e amigo da justiça; va se ter com elle, conte-lhe suas magoas que elle ha ter compaixão da senhora, quanto ao gallego deixe-o que eu o tomei a minha conta.

(Continúa.)

VARIEDADES.

CHRONOLOGIA

dos principaes melhoramentos industriaes admittidos no imperio.

1808 — No Rio a typographia
Tivemos primeiramente;

1811. — A segunda p'ra Bahia
Foi que veio certamente

1839. — D'ahi barcas á vapor
Nacionaes correndo o imperio,

1850. — Da Europa vieram p'or
Eescala neste hemispherio.

1852. — A electricidade após veio
P'ra fallar, que instituiram;

1853. — E com um anno de permcio
As locomotivas se viram.

1854. — Veio o gaz e os combustores
Para a luz — guapa invenção!

1855. — Por fim os locomotores
P'ra carriz, vieram á nação.

B. A. C. de Faria.

FALLAR UM MORTO.

Levavam a enterrar um homem, que julgavam morto, porem que não estava. Voltara a si quando o collocaram no carro fúnebre e ouviu que perguntavam:

— Quem é morto?

— E' Julião.

— Pouco se perdeu em o diabo ter levado esse patife.

— Ah! maroto, disse em voz baixa o *defuncto*.
Que sova que levavas si eu estivesse agora vivo!

Partindo Solimão, monarcha turco, para a conquista de Belgrado em 1525, aproximou-se-lhe uma pobre mulher, queixando-se-lhe amargamente do comportamento de dous dos seus soldados, que lhe tiham roubado, enquanto dormia, umas molas, que eram a sua unica riqueza.

— Muito ferrado no somno estavas para não ouvires os ladrões, lhe disse rindo o sultão.

— Senhor, estava muito adormecida, respondeu ella, mas era na confiança de que V. A. velava pela segurança publica.

Solimão, conheceu a razão de tão atrevida resposta, e em vez de se offender reparou esplendidamente o mal occasionado.

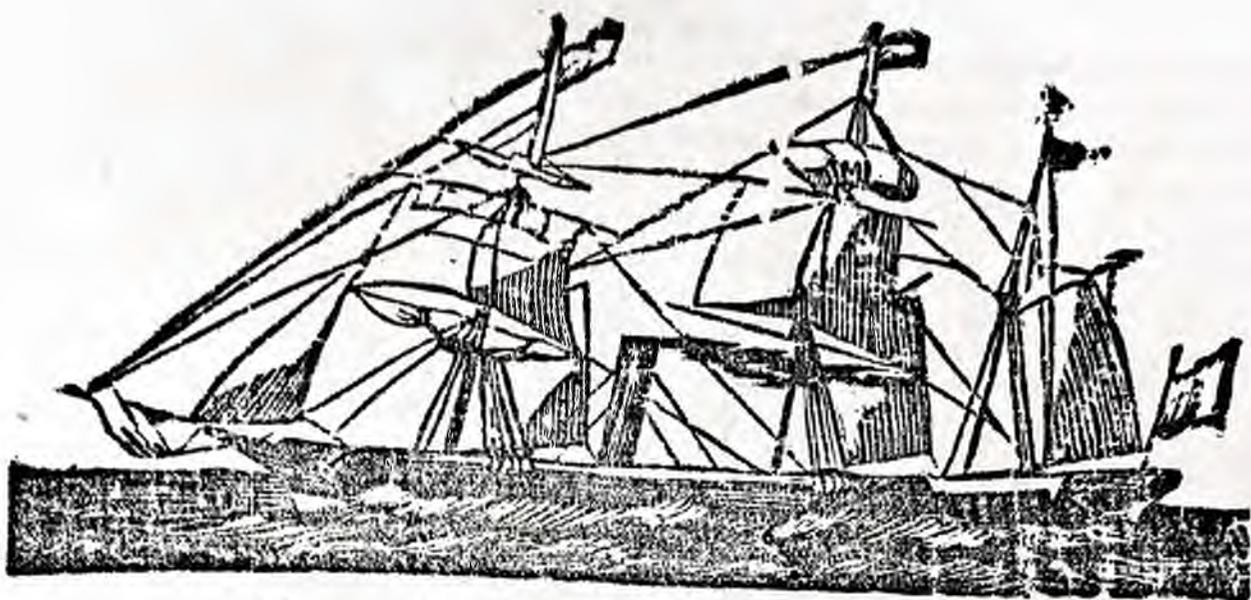
N'um baile de mascaras:

— Amalia:

— Que queres?

— Alli está teu marido.

— Ah infame! E deixou-me na cama para ir tratar d'um enfermo!



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

SUPPLEMENTO.

O ALABAMA.

—Temos noticias do theatro da guerra com data de 11.

—O que ha?

—O facto mais importante é a noticia de um ataque no dia 8.

No dia 8 uma força alliada, ao mando de coronel D. Miguel F. Martinez, avançou sobre um reducto inimigo proximo ao Chaco e delle se apoderou sem resistencia.

Dando conta desta commissão, exprime-se o mesmo coronel nos seguintes termos:

«O coronel chefe da columna expedicionaria.

«Acampamento em frente a Araza, 8 de maio de 1868.

«Ao Sr. general chefe do 1.º corpo do exercito argentino e commandante em chefe da divisão do Chaco.

«Em cumprimento das instrucções que me foram dadas por V. S., marchei sobre o reducto inimigo que V. S. me ordenou que tomasse, o que foi executado com a força brasileira que compunha parte da columna sob meu commando.

«O inimigo nenhuma resistencia oppoz e fugiu vergonhosamente, deixando em nosso poder dous prisioneiros, muitas ferramentas de sapadores, na sanga onde trabalhava, e grande quantidade de armamento; o que foi tudo posto á disposiçào do chefe brasileiro.

«Tratei immediatamente de destruir todas as obras que alli tinham sido feitas e muros e fortificações antes de sua conclusão e de nossa retirada, apresentou-se o inimigo forte e au-

daz como sempre, tratando de envolver-nos em uma rapida carga, que foi dignamente repellida pela força brasileira, sustentando em seguida um combate por espaço de hora e meia, á pequena distancia, dando em resultado o destroço completo do inimigo com muitos mortos no campo, e deixando em nosso poder grande quantidade de feridos, que tambem entreguei ao chefe brasileiro.

«Ainda não conheço as perdas dos nossos alliados por não ter recebido parte do chefe. A força argentina apenas teve um contuso.

«Minha retirada do campo do combate só foi effectuada depois de estarem a bordo todos os feridos para onde foram conduzidos e curados pelos cirurgiões Bedoya e Gallegos, que foram mui activamente acompanhados pelos esforços com que attendia ao cumprimento de seu dever o capellão do exercito argentino D. Thomaz Cauavery.

«Tenho a satisfação ao dar parte a V. S. deste combate, recommendar a bizzarria das forças alliadas sob minhas ordens.

«Deus guardea V. S.—*Miguel F. Martinez.*»

Por participaçào do general Gelly y Obes de 11, colhe-se que no campo já se haviam contado 111 cadaveres do inimigo.

Dous feridos declararam:

Que a força que nesse dia atacou era de 6,000 infantes e dous regimentos de cavallaria, vindos de Tebicuary, dos quaes creem que ficaram 50 sãos;

Que Lopez com seus tres generaes e 6,000 homens das tres armas, segundo ouviram dizer, por não terem visto toda a sua força, acha-se na estancia do Rosario, que dista

cinco ou seis leguas do rio Paraguay e quatro do Tobicuany;

Que creem poder atacar-nos á arma branca, valendo-se para isso de sua cavallaria, que dizem estar bem montada;

Que nenhum trabalho se está fazendo nas margens do rio Paraguay, e que a artilharia grossa que tiraram de Humaitá está enterada no Chaco.

Um delles declara ter elle proprio enterado o canhão general Dias.

Declaram mais que no Timbó havia 4 batalhões e 2 regimentos, com muitas peças volantes e 14 de grosso calibre sobre o rio;

Que não ha donde tirar um homem para o exercito;

Que ultimamente tinha vindo de Assumpção um batalhão formado puramente de creanças de 10 a 11 annos de idade, e tambem 150 homens (boa tropa) da fronteira do Brazil.

«Neste encontro as forças brasileiras tiveram 8 mortos e cercas de 60 feridos.

«O *Courrier del Plata* deu a noticia de que ja se tinha intimado a rendição de Humaitá!

»Um telegramma garante ser falsa esta noticia.

— Uma desgraça.

— Quando?

— Hoje 29.

— O que foi?

— José Thomaz, homem pardo, covoqueiro, trabalhando em uma pedreira ao caminho do Cabulla, tendo atacado fogo a uma mina e vendo demorar-se a explosão, teve a imprudencia de ir atical-a e conservar-se ao pé, quando instantaneamente rebentou a referida mina, fracturando-lhe os braços e esmigalhando o craneo.

Veio muribundo para o hospital.

— Deus tenha pena de sua alma.

VARIÉDADES.

CASAMENTO ENTRE OS INDIOS DO PARAGUAY.

Quando um dos habitantes da margem oriental do Paraguay, assim como de outros povos vizinhos da America septentrional, tem adquirido a reputação de valeroso guerreiro, assignando-se em acções heroicas contra os seus inimigos, toma então o accordo de se casar: para o que faz um contracto por certo numero de annos, pois que a convenção vitalicia seria para elle um captivo insuportavel. O selvagem escolhe a rapariga que lho agrada, e todos os parentes se ajuntam na cabana do mais velho cantando e dansando em ohra do casamento.

Depois deste festim, os pais da futura se retiram, ficando quatro dos mais velhos parentes do esposo; e então a noiva se apresenta em uma das portas da cabana acompanhada de outros quatro velhos seus parentes: para logo o mais ancião dos do esposo a vem receber, e a conduz junto do marido; sentam-se ambos sobre uma esteira, e cada um segura a extremidade de uma variuba, que lhes é apresentada. Consequentemente os velhos tomam outras variubas que por ultimo cortam em pequenos pedaços, de que dão porções as testemunhas. Depois desta cerimonia, a casada sahe da cabana, outras raparigas e mulheres que se acham á porta a conduzem a habitação de seu pai, aonde o esposo tem obrigação de a ir visitar ate que seja mãe: então ella renuncia a casa paterna, e se recolhe a de seu marido, com quem vive o tempo que dura o matrimonio.

Entre outros destes povos, depois que o selvagem se tem assegurado do coração da sua amada, se dirige ao pai, ou ao menos a um dos parentes mais proximos, que aceita a commissão de de ir com elle a casa da pretendida esposa. Accendem então o cachimbo, e o apresentam ao sogro, pedindo-lhe sua filha.

OS OLHOS.

Os olhos riem, choram, gemem, supplicam e meditam.

Os olhos são a linguagem dos namorados, assim como o sussurro é a linguagem dos zephyros.

As donzellas namoradas fitam os olhares no chão ou no leque: as namoradeiras costumam olhar para a rua; as pobresinhas, de quem ninguem faz caso, olham para o ceu.

O namoro opera-se tão somente com os olhos e os labios, isto é, consta de olhares e de sorrisos.

Os namorados, que se miram, nunca estão calados.

A alma estremece com um olhar timido; chora com um olhar triste; ama com olhar occulto e vacillante; despreza nos um olhar altivo. Por isso se diz com frequencia «que os olhos são o espelho d'alma.»

Os olhos azues de uma innocente donzella são como os lagos que espelham o ceu.

Os olhos negros de uma moça namorada são um poema de mysterios, de amores e de delirios.

Os olhos de meninas puras parecem muito mais formosos, quando derramam lagrimas.

Fontenelle estava a morte. Um de seus amigos foi visitá-lo, e perguntou-lhe:

— Então como vai isso?

— Isto vai-se, respondeu o moribundo.